

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**ENTRE A MILITARIZAÇÃO E O FUTEBOL MODERNO: A
CAMPANHA DA SELEÇÃO BRASILEIRA NO CICLO MUNDIAL
78 ATRAVÉS DO JORNAL DO BRASIL E O GLOBO.**

GUILHERME HENRIQUE DA LUZ OLIVEIRA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ENTRE A MILITARIZAÇÃO E O FUTEBOL MODERNO: A
CAMPANHA DA SELEÇÃO BRASILEIRA NO CICLO MUNDIAL
78 ATRAVÉS DO JORNAL DO BRASIL E O GLOBO.**

GUILHERME HENRIQUE DA LUZ OLIVEIRA

Sob a orientação do professor

Jean Rodrigues Sales

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre **em História**, no
Programa de Pós-Graduação em
História, Área de Concentração
Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ

(2023)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

048e Oliveira, Guilherme Henrique da Luz, 1994-
Entre a militarização e o futebol moderno: a
campanha da seleção brasileira no ciclo mundial 78
através do Jornal Do Brasil e O Globo / Guilherme
Henrique da Luz Oliveira. - Campo Grande, 2023.
154 f.

Orientador: Jean Rodrigues Sales.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2023.

1. Seleção Brasileira. 2. Ditadura. 3. Futebol. 4.
Militarização . 5. Copa do Mundo. I. Sales, Jean
Rodrigues , 1972-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
História III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 639 / 2023 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.035853/2023-90

Seropédica-RJ, 05 de junho de 2023.

GUILHERME HENRIQUE DA LUZ OLIVEIRA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 02 de junho de 2023

Dra. LARISSA ROSA CORREA, PUC - RJ Examinadora Externa à Instituição

Dr. PEDRO HENRIQUE PEDREIRA CAMPOS, UFRRJ Examinador Interno

Dr. JEAN RODRIGUES SALES, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 05/06/2023 10:16)

JEAN RODRIGUES SALES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)
Matrícula: 1720605

(Assinado digitalmente em 05/06/2023 21:28)

PEDRO HENRIQUE PEDREIRA CAMPOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1570625

(Assinado digitalmente em 05/06/2023 13:18)

LARISSA ROSA CORRÊA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 278.682.288-22

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **639**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **05/06/2023** e o
código de verificação: **7b1f5df092**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao Programa de Pós-Graduação em História e ao meu orientador Jean Rodrigues Sales.

Agradeço minha companheira Joana Alves por todo o apoio e companheirismo durante estes árduos anos. Seu apoio, força nos momentos ruins e leituras dos meus escritos foram fundamentais para a conclusão dessa dissertação. Essa conquista é nossa!

Aos meus familiares, especialmente a minha mãe, Odete Luz, agradeço por todo suporte durante esses anos, principalmente durante a pandemia, e por sempre acreditar em mim. Só seus filhos sabem o quanto você lutou e luta por nós. Agradeço também à minha sogra, Isabel Moniz, por me receber como um filho e sempre me apoiar.

Por fim, também agradeço à minha irmã, pai, ex-colegas do Delmira Ramos, amigos que fiz no Rio de Janeiro e aos meus grandes amigos do Otávio Pécora, que apesar da distância, sempre me incentivaram e estiveram juntos neste período.

Obrigado por vocês fazerem parte da minha vida!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

OLIVEIRA, Guilherme Henrique da Luz. Entre a militarização e o futebol moderno: **a campanha da seleção brasileira no ciclo mundial 78 através do Jornal Do Brasil e O Globo**. 2023. 154p Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica – RJ, 2022.

O presente estudo se debruça sobre a participação do Brasil no Ciclo Mundial 78. Objetiva-se compreender a eliminação da seleção através das abordagens presentes nos cadernos de esportes dos jornais O Globo e Jornal Do Brasil. Para tal, foi necessário analisar a participação do Brasil nas campanhas das Eliminatórias e da Copa do Mundo através de ambos os jornais, levando em consideração o contexto de grande militarização da seleção e os interesses políticos presentes, bem como analisar os documentos produzidos pelo Serviço Nacional de Informações – SNI, Centro de Informações do Exército – CIE, Centro de Informações do Exterior – CIEEX e telegramas enviados pela Embaixada Brasileira em Buenos Aires ao Brasil, em relação à Copa do Mundo. Percebeu-se que o modelo de jogo adotado, a administração militarizada da CBD e a estrutura do futebol nacional foram apontados como os responsáveis pela fraca campanha do Brasil na competição. Conclui-se que, para além da polêmica vitória da Argentina por seis a zero contra o Peru, que culminou com a eliminação seleção canarinha, a estrutura do futebol brasileiro, utilizado politicamente tanto por militares quanto por dirigentes que buscavam ascender politicamente, foi apontado pelos jornais como o principal responsável pela fraca campanha e consequente eliminação da seleção.

Palavras-chave: Seleção brasileira; Militarização; Copa do Mundo.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Guilherme Henrique da Luz. Between militarization and modern football: **the brazilian national team campaign in the 78th world cup through Jornal Do Brasil and O Globo**. 2023. 154p Dissertation (Master in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2022.

This study focuses on the participation of Brazil in the 78th World Cup. It aims to understand the elimination of the national team through the approaches present in the sports sections of the newspapers O Globo and Jornal Do Brasil. It was necessary to analyze Brazil's participation in the qualifying campaigns and the World Cup through both newspapers, considering the context of great militarization of the national team and the political interests present, as well as to analyze the documents produced by the Serviço Nacional de Informações – SNI, Centro de Informações do Exército – CIE, Centro de Informações do Exterior – CIEEX and telegrams sent by the Brazilian Embassy in Buenos Aires to Brazil, regarding the World Cup. The adopted model of football, the militarized administration of the CBD, and the structure of national soccer were held responsible for Brazil's poor campaign in the competition. We conclude that, besides Argentina's controversial six-nil victory over Peru, which led to the elimination of the Brazilian team, the structure of Brazilian football, used politically both by the military and by leaders who sought political ascendancy, was pointed out by the newspapers as the main responsible for the poor campaign and consequent elimination of the national team.

Keywords: Brazilian National Team; Militarization; World Cup.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. A ditadura civil-militar e o futebol brasileiro (1964-1978)	16
1.1 A Presença militar na seleção – o fracasso em 1966 e o tri em 1970	16
1.2 ditadura e a CBD pós 1970 – nova decepção em 1974.....	23
1.3 A queda de Brandão	30
1.4 Coutinho é o homem	39
2. O início da jornada - as eliminatórias	45
2.1 A primeira fase das eliminatórias – entre a expectativa e velhos problemas	45
2.2 A fase final das eliminatórias – a retomada da esperança.....	51
2.3 As polêmicas da copa.....	60
2.4 A Copa Do Mundo e a relação entre Brasil e Argentina.....	69
3. A Copa do Mundo de 1978	80
3.1 A campanha da seleção – primeira fase	80
3.2 A campanha da seleção – segunda fase.....	99
3.3 A Eliminação Do Brasil através do <i>Jornal Do Brasil</i>	111
3.4 A eliminação do Brasil através do <i>O Globo</i>	125
CONCLUSÃO	140
REFERENCIAS	147

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o futebol tornou-se objeto de interesse de inúmeras pesquisas historiográficas e de outras áreas das ciências humanas, abordando as mais variadas problemáticas e recortes temporais, como aponta Giglio e Spaggiari (2010)¹. Os pesquisadores realizaram um interessante levantamento sobre produção das ciências humanas sobre o futebol entre os anos de 1990 e 2009, baseando-se em dissertações, teses e artigos publicados em dossiês sobre o futebol e esporte. Os autores buscaram demonstrar o grande número de pesquisas realizados no período em questão.

Desse modo, no universo da temática do futebol, um dos estudos historiográficos mais amplamente trabalhados se desdobram em problematizar a relação entre a ditadura civil-militar brasileira e o futebol, sendo notório uma significativa evolução em sua abordagem, com predomínio da clássica perspectiva do uso político do futebol pelos militares.

Em termos práticos, um dos temas mais trabalhados pelos pesquisadores é uso político pelo governo Médici da seleção tricampeã mundial de 1970, que em tempos de milagre econômico, realizou-se grande campanha de exaltação do nacionalismo como forma de receber o apoio da população.

No entanto, os pesquisadores estão buscando novas perspectivas, apresentando o futebol como meio de resistência à opressão ou demonstrando as variadas dinâmicas da complexa relação de interesse entre os militares e os dirigentes do futebol. Nessa lógica, são objetos de pesquisa a CBD, a criação do campeonato brasileiro, as construções e reformas de estádio, clubes e torcidas, bem como a trajetória e atuação de João Havelange e outros dirigentes. A Copa de 1978 também está incluída neste quadro, mas em menor frequência e, majoritariamente, com o objetivo de compreendê-la no contexto argentino.

A fim de localizar a presente pesquisa dentro do universo temático ditadura-futebol, faz-se necessário uma breve discussão a respeito dos estudos que abordam o tema e trabalham com os objetos Copa do Mundo, seleção e ditadura, no recorte temporal de

¹Os pesquisadores Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari realizaram um interessante levantamento da produção das ciências humanas sobre o futebol entre os anos de 1990 e 2009, baseando-se em dissertações, teses e artigos publicados em dossiês sobre o futebol e esporte. Os autores buscaram demonstrar o grande número de pesquisas que já eram realizados no período em questão.

1970 a 1979, buscando elucidar os seus principais objetivos e questões que, em menor ou maior grau, dialogam com a pesquisa em questão.

Em relação a Copa de 1970, como dito, são recorrentes as abordagens que apresentam o uso político do tricampeonato pela ditadura. Tal perspectiva, inclusive, é comum em textos jornalísticos, como o produzido pelo jornalista Breiler Pires (2020)². Entretanto, é importante ressaltar que a questão da Copa de 1970 vai além da propaganda ou manipulação da população, não se restringindo apenas à campanha da seleção durante o mundial.

Marcos Guterman (2009), em sua tese de doutorado *O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 1970*, não desconsidera os interesses da ditadura na vitória da seleção, mas busca superar a visão simplista do futebol como *ópio do povo*. Nesse sentido, o autor entende as comemorações do título e o ufanismo existente como fenômenos que foram muito além das estratégias de propaganda do governo, estando relacionados com o contexto do país no período, como a Guerra Fria, combate ao comunismo, segurança nacional, *milagre econômico* e a própria transmissão da Copa pela televisão

Estudar o contexto do país naquela época é, portanto, a melhor forma de entender como o futebol e a seleção brasileira tricampeã do mundo se enquadram no cenário das expectativas do governo para, digamos, “domar” o ufanismo e colocá-lo a serviço do projeto dos militares. (GUTERMAN, 2009, p. 14).

Ao problematizar as comemorações dos torcedores brasileiros, o autor não os considera como uma massa manipulada que ao comemorar o título, acabavam por apoiar ao governo. Pelo contrário, em tempos de AI-5, as comemorações podem ser vistas como um momento em que os brasileiros puderam ir as ruas festejar, realizando uma espécie de desabafo, sem necessariamente demonstrar apoio ou estarem alheios aos problemas do país. O autor observou a mesma percepção em textos publicados no periódico *O Estado de São Paulo* que de forma sutil, reivindicavam as discussões sobre a abertura política.

Da mesma forma, Livia Magalhães (2013) em *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*, entende as comemorações dos títulos mundiais do Brasil em 1970 e da Argentina em 1978 como uma forma de desabafo das populações que viviam há um bom tempo sob o autoritarismo militar. Além disso, a

²Como é o caso do texto de Breiler Pires. A seleção que “presenteou” a ditadura com uma taça. El Pais, São Paulo, JUN. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html>>. Acesso em: agosto de 2021.

autora observa a possibilidade de questionamento por parte das oposições, proporcionada pela representatividade de suas seleções. Ou seja, a Copa do Mundo e a seleção também eram do povo e era necessário “disputa-las” contra os governos e aproveitar o campeonato para denunciar os crimes e a opressão.

Entretanto, a relação entre ditadura e a seleção brasileira não se restringiu apenas aos aspectos indicados por Guterman e Magalhães. O modelo de preparação física adotado foi crucial para o êxito brasileiro na copa de 1970, e contou com importante participação de preparadores e profissionais da educação física formados pelo exército.

É importante pontuar que a preocupação com o preparo dos jogadores surge após o fracasso na Copa de 1966, marcado pela desorganização na preparação para a competição, e pela fragilidade física dos brasileiros em comparação com as seleções europeias. Em 1966, os europeus estavam à frente tanto na questão física como tática. A grosso modo, os militares e a CBD entendiam que a modernização da seleção brasileira era necessária e fundamental para a disputa do próximo mundial em 1970, sediado no México. É importante levar em consideração que muitos jogos foram disputados na altitude, o que exigia melhor preparo físico dos atletas.

Nesse sentido, Antonio Jorge Gonçalves Soares, Marco Antonio Santoro Salvador e Tiago Lisboa Bartholo buscam apresentar no artigo *O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa* e na obra *A Memória da Copa de 70: Esquecimentos e Lembranças do Futebol na Construção de Identidade Nacional*, a importância da modernização do treinamento físico e técnico, baseado no mais alto nível científico do período. Para os autores, a preparação levada a cabo pela Comissão Técnica da CBD para a disputa do mundial, é tema frequentemente deixado de lado frente à valorização quase exclusiva do “futebol arte”, criatividade e qualidade técnica dos jogadores, aspectos vistos como algo tipicamente brasileiro, e que ficaram marcados na seleção tricampeã mundial.

Ao consultarmos as narrativas jornalísticas de 1970, poderemos observar que a Seleção de 70 significa uma ruptura em termos de planejamento, organização e método de treinamento esportivo em relação às Copas anteriores. A Comissão Técnica daquela seleção teve à sua disposição as teorias mais avançadas sobre treinamento físico e sobre adaptação em altitude na época. O método de adaptação à altitude e os estudos sobre a influência da temperatura nas atividades físicas foram fundamentais na competição. Os conhecimentos científicos e as tecnologias do treinamento foram fortes aliados da competência técnica dos jogadores. Todavia, tanto os conhecimentos aplicados quanto alguns dos responsáveis pelo processo de organização e planejamento da Seleção de 70 são esquecidos ou secundarizados em louvor exclusivo aos

“jogadores-heróis” (Pelé, Tostão, Jairzinho etc.). O esquecimento ou a secundarização das imagens de disciplina, de esforço, de planejamento e de rotina do treinamento, são funcionais, na medida em que não se ajustam às imagens identitárias do “futebol-arte”, da “genialidade”, da “criatividade” e, entre outras, da “malícia” ou “malandragem” do jogador brasileiro. (BARTHOLO, SALVADOR, SOARES, 2004, p. 116).

Baseados na consulta de matérias e reportagens jornalísticas, produzidas por periódicos brasileiros no período do mundial, os autores explicam como foi realizada a preparação para a disputa do campeonato, conhecida como *Planejamento México* e que contou com a participação direta de militares.

Segundo os autores, o suporte teórico da operação ficou a cargo de Lamartine Pereira DaCosta, que desenvolveu o *Altitude Training*, um dos métodos para a adaptação a altitude do México, que foi utilizado no *Planejamento*. Além de Lamartine, a comissão técnica era composta por Carlos Alberto Parreira, Cláudio Coutinho, Admildo Chirol, Kleber Camerino e Raul Carlesso. Todos eram militares e formados pela Escola Superior de Educação Física do Exército – EsEFEx.

Em concordância com o exposto, Bernardo Buarque de Hollanda (2020), no artigo *Uma efeméride esportiva em questão: 50 anos da Copa de 1970*, aponta para a importância da Comissão Técnica no mecanismo de aplicação da militarização, entendendo que “a ideia de uma “militarização” da Seleção não compreendeu apenas uma relação vertical, do governo para o elenco. O ethos militar concretizou-se de modo mais enfático no âmbito da representatividade da Comissão Técnica.” (HOLLANDA, 2020).

Percebe-se, portanto, que a atuação dos militares não se restringiu apenas ao uso propagandístico da seleção, mas também de forma direta na direção da CBD, a exemplo do chefe de delegação brigadeiro Jerônimo Bastos, e mais evidente ainda na comissão técnica, influenciando no desempenho dos jogadores. Mais do que entender como o governo buscou capitalizar o título, é importante compreender a ação prática dos militares, abrindo caminho para a militarização do futebol brasileiro.

Dessa forma, a vitória no México não encerra a presença militar na seleção. Pelo contrário, o modelo vitorioso, ou seja, a preocupação com a questão física, tática e disciplina passou a ser o modelo a ser seguido durante toda a década de 1970, não só pela seleção brasileira, mas também pelos clubes.

É o que aponta Miguel Enrique Stédile (2021), em sua tese *Aqui sangram pelos nossos pés: Futebol, política e identidade nacional na Ditadura militar (1974-1985)*, em

que verifica a aplicação dos princípios da Doutrina de Segurança Nacional no futebol brasileiro nas Copas de 1974, 1978 e 1982.

O autor identifica que a Copa de 1970 foi apenas o primeiro processo da militarização que seguiu ao longo de toda a década, de forma cada vez mais expressiva com o passar dos anos, alcançando o auge em 1978. A presença militar torna-se marcante na organização do futebol, na CBD, bem como dentro de alguns clubes e da seleção, seja na administração ou na preparação dos jogadores. Entretanto, devido às crises econômicas e políticas, alinhadas ao desejo de democracia da população, os militares não conseguiram repetir nas três copas seguintes o efeito propagandístico de 1970.

Assim, procura-se comprovar que, em sentido inverso, na mesma medida em que perde sustentação política, a Ditadura militar perde também a capacidade de significação da identidade nacional, permitindo sua reapropriação pela sociedade civil, associando valores opostos à manutenção do sistema vigente. Em especial, procuramos demonstrar que o futebol é terreno privilegiado para esta ressignificação e que a recepção pública do desempenho da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo é indicativa do processo gradual de erosão da narrativa oficial até a completa alteração de sua conotação, simbolizando o desejo por democracia. (STÉDILE, 2021, p. 22).

Nota-se a perda de sustentação política e da capacidade de significação política da ditadura em relação ao futebol, justamente durante a preparação e disputa da Copa de 1978. Nesse momento, é evidente a alteração da recepção pública, representada pela imprensa esportiva brasileira, em relação à seleção e seu método militarizado.

Baseando-se na imprensa esportiva, Alvaro Vincente G. Truppel P. do Cabo autor de *Imagens Nacionais: representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina*, exhibe a desconfiança e descontentamento existente com o modelo militarizado, antes mesmo do início do campeonato.

Em sua pesquisa, realizada através do comparativo entre as revistas brasileiras *Placar* e *Veja*, e os argentinos *El Gráfico* e jornal *Clarín*, Cabo investiga a relação entre futebol, Copa do Mundo e a ideia de Nação, objetivando identificar as conexões entre as construções de imagens nacionais e representação coletiva, a partir de ambas seleções em veículos da imprensa dos dois países, durante a Copa de 1978.

Segundo o autor, os veículos de informações analisados passaram a ver a militarização e modernização da seleção como algo negativo, um fator que teria apagado o verdadeiro estilo de jogo brasileiro. Os métodos e conceitos de Claudio Coutinho e o

autoritarismo de Heleno Nunes seriam, portanto, os responsáveis pela desanimadora campanha da seleção e a consequente eliminação.

Em sua pesquisa, Cabo (2016) verifica que as críticas sobre o modelo militarizado já eram presentes durante as eliminatórias para a Copa, sendo cada vez mais expressivas ao longo do torneio, mediante as fracas apresentações da seleção. Entretanto, as críticas ao modelo militarizado não ficavam restritas ao estilo de jogo da seleção, mas também ao próprio autoritarismo no comando da seleção e da CBD, que acabava por entrar em rota de colisão com alguns jogadores, tendo em vista o contexto de aproximação de abertura política e o desejo de maior liberdade que também contagiava os atletas.

A questão referente aos jogadores é trabalhada por Euclides de Freitas Couto (2010), no artigo *A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)*. Analisando as manifestações de contestação política de jogadores de futebol durante a década de 1970, o autor observa que a mídia brasileira foi mediadora não apenas dos atos oficiais do governo, como também das próprias manifestações dos atletas.

Se, por um lado, logo após o Tri de 1970 a imprensa esportiva exaltava o modelo militarizado a ser seguido, por outro, no final da década, parte dela, além de demonstrar o descontentamento com o modelo, como já mencionado, passou a destacar também as opiniões políticas contestadoras dos jogadores. O exemplo mais emblemático é o caso de Reinaldo, que além de sua característica de artilheiro, era conhecido por defender pautas democráticas em suas entrevistas.

Se os cartolas, fazendo uso da popularidade conquistada por meio dos clubes, podiam colher benefícios pessoais na esfera política, por que um jogador de futebol não poderia exteriorizar suas convicções? Ao colocar esta questão, a imprensa saía em defesa das atitudes contestatórias expressas por Reinaldo. (COUTO, 2010, p. 17).

Os jogadores, ao sofrerem alguma repreensão dos dirigentes devido às suas entrevistas ou comportamento, passaram a receber o apoio das esquerdas e da imprensa, principalmente a alternativa.

Portanto, diferentemente das Copas de 1970 e de 1974, a Copa de 1978 é o momento em que a seleção passa pela fase de maior militarização, e a vitória na competição representaria a consagração do modelo iniciado com o tri no México. Entretanto, também é o momento em que diversas críticas ao modelo e aos próprios militares surgem com maior ênfase, pois como aponta Napolitano (2014), o contexto

político, social e econômico do país em 1978 era distinto dos tempos de *milagre* de 1970. Soma-se a isso o fato de o futebol apresentado pela seleção não ser convincente como outrora.

Em resumo, os estudos superam a visão simplista do futebol como *ópio do povo* e instrumento político de uso exclusivo pelo governo, analisam a militarização da seleção em seus vários aspectos, seja dentro ou fora de campo, que atinge o ápice na Copa 78, bem como examinam o descontentamento de parte da imprensa, de torcedores e jogadores com o modelo militarizado e falta de liberdade, tendo em vista o momento vivido pelo país. Dessa forma, a campanha da seleção em 1978 ganhou contornos, que não foram muito expressivos nas três copas anteriores: a presença de dois campos distintos em relação à forma de administração e de jogar da seleção.

Nesse sentido, a Nova História Política fornece o suporte para o desenvolvimento deste trabalho, cujo objeto estudo é a seleção brasileira de 1977-78. Como analisa Remond (2003), à medida que os poderes públicos se relacionam com quase todos os setores da sociedade, esses setores, cuja primeira finalidade não é política, entram para o âmbito da história política. É o que se percebe não apenas com a seleção, mas em todo o futebol brasileiro, seja durante a ditadura-civil militar ou outro período da história da república brasileira.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas fontes primárias e secundárias. Na tendência de diversificação dos temas, em específico da Nova História Política, a imprensa é uma das principais fontes primárias a ser utilizada. Dessa forma, em relação à polêmica neutralidade da imprensa

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (LUCA, 2008, P. 139).

Os aspectos argumentados por Luca (2008) também são visíveis após uma eliminação do Brasil em Copa do Mundo, pois observa-se a definição da imprensa daquilo que deve chegar ao público, principalmente ao apontar os responsáveis. Dessa forma, segundo a autora, cabe ao historiador problematizar as informações. O caso da eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 1930 é emblemático.

Em algumas eliminações brasileiras, é notório o argumento utilizado pela imprensa de que a seleção foi prejudicada, o que resultou na sua desclassificação, como no caso do Mundial de 1930, disputado na França. Na partida entre Brasil e Itália, pela semifinal, os italianos venceram por 2 a 1. O pênalti que deu origem ao segundo gol dos italianos teria sido marcado ilegalmente, pois segundo a imprensa brasileira, a bola já não estava mais em jogo. Entretanto, Souza (2004) explica que a bola não saiu de campo e todo o lance foi legal.

Segundo o autor, muitos acreditam que a versão foi criada pelo locutor Gagliano Neto e pelo jornalista Thomaz Mazzoni, devido a um excesso de nacionalismo, e reproduzida pela imprensa nacional. Em tempos de presidência de Getúlio Vargas e exaltação nacionalista, é impossível separar o posicionamento da imprensa em relação à derrota brasileira do contexto político da época. De igual modo, ao analisar a campanha da seleção no ciclo mundial 78 e a repercussão da eliminação do Brasil na Copa do Mundo, é possível ligar os argumentos ou versões presentes na imprensa com o contexto político do período.

Dessa forma, por meio da imprensa esportiva brasileira, percebe-se o embate entre aqueles que defendiam e os que criticavam o modelo militarizado vigente na seleção. A vitória no mundial representaria a concretização do modelo; a derrota, o esgotamento e a necessidade de mudança. Portanto, a presente pesquisa busca responder: como repercute e derrota da seleção na Copa de 1978, tendo em vista a importância dada pelos militares à disputa da competição e a forma como ocorreu a eliminação?

Nesse sentido, objetiva-se compreender como foi a abordagem da eliminação do Brasil através do *O Globo* e *Jornal do Brasil*, levando em consideração a polemica desclassificação da seleção³. Para tal, é importante se aprofundar na construção da militarização da seleção brasileira até a Copa de 1978; discorrer sobre a própria Copa 78 e a sua importância não só para o governo brasileiro, como também para a *Junta Militar Argentina*; compreender a abordagem de ambos jornais a respeito da participação da seleção no ciclo mundo 78; e por fim, verificar as responsabilizações da eliminação brasileira.

³ Vale pontuar que não é objetivo da pesquisa analisar se houve ou não manipulação na vitória da seleção argentina frente ao Peru, válido pela última rodada do quadrangular final.

Desse modo, é fundamental trabalhar com o conceito de militarismo, em que o governo é controlado pelas Forças Armadas, e se aplica através de práticas políticas militares, fatores presentes no período analisado (SILVA, SILVA, 2009). Dessa forma

Essa militarização acontece quando os militares ocupam o poder do Estado e definem um projeto político para o governo da Nação. Assumem, dessa forma, a gerência da totalidade de aspectos civis da sociedade: a política, a economia e até mesmo a cultura. A ditadura militar no Brasil pós-1964 é um exemplo clássico desse militarismo, quando as Forças Armadas assumiram funções e papel de partido político. No caso brasileiro, os militares dominaram o governo federal baseados na Doutrina de Segurança Nacional, que preconizava a defesa da soberania do país com base na intervenção militar em todos os âmbitos da vida social e permitia a perseguição daqueles que —ameaçassem essa soberania. (SILVA, SILVA, 2009, P. 288).

Os aspectos de militarização apontados por Silva e Silva (2009), também se fizeram presentes na CBD, seleção brasileira e em todo futebol brasileiro, atingindo seu ápice em 1978, como mencionado nas páginas acima. Portanto, a militarização não significou apenas a expressiva presença de militares na direção e administração nas mais diferentes estâncias do futebol, nem foi aplicada unicamente por militares, mas também por dirigentes civis.

Sendo assim, esta pesquisa é dividida em três capítulos, contendo quatro itens em cada. O primeiro capítulo *A ditadura civil-militar e o futebol brasileiro*, objetiva realizar um panorama geral da relação ditadura e futebol brasileiro no recorte temporal que compreende os anos de 1966 a 1978. Essa empreitada é importante para entender não só a construção da relação governo-futebol/seleção, mas também o contexto em que surgiam críticas a essas relações. Assim, pretende-se evitar equívocos e melhor entender a Copa do Mundo de 1978, no mesmo contexto das Copas anteriores.

Nesse sentido, o primeiro item *A presença militar na seleção – o fracasso em 1966 e o tri em 1970*, aborda o planejamento utilizado nas conquistas de 1958 e 1962 e como a desastrosa campanha na Copa do Mundo de 1966 chamou a atenção dos militares, que já percebendo o futebol como importante meio de propaganda, passaram a intervir de forma direta na CBD, articulando com o então presidente da entidade João Havelange. Por fim, o item demonstra o retorno de um planejamento organizado e rígido em 1970, agora com a participação direta dos militares, que souberam capitalizar o título mundial daquele ano. Tanto Havelange quanto o próprio governo Médici possuíam interesses com o tricampeonato da seleção.

As relações ditadura-futebol não cessaram com o terceiro título mundial, pelo contrário, ao longo da década de 1970 as relações e intervenções foram ainda mais marcantes. Desse modo, fica a cargo do item dois *Ditadura e a CBD pós 1970 – nova decepção em 1974* debater a abordagem da imprensa esportiva em relação aos preparativos, expectativa e eliminação do Brasil na Copa de 1974, situação em que a imprensa passou a questionar os métodos e até mesmo as interferências dos militares na seleção, apontando como um dos fatores da derrota no mundial, o último de João Havelange na presidência da CBD.

O item três *A Queda de Brandão* se debruça sobre os preparativos para o Copa do Mundo de 1978, iniciada nas Eliminatórias Sul-Americanas em 1977. Buscou-se analisar o discurso dos periódicos *Jornal do Brasil* e *O Globo* relativo ao técnico Brandão em ocasião de sua demissão em 1977. Discutir a saída de Brandão é importante para esclarecer que críticas relacionadas à rigidez tática, entendida como sintoma da militarização da seleção e que impedia a prática do verdadeiro futebol brasileiro, direcionadas também a Coutinho em 1978, já eram evidentes, mesmo se tratando de um técnico civil.

O quarto e último item *Coutinho é o homem* aborda a recepção positiva da imprensa em relação à escolha do novo técnico para a seleção, Capitão Claudio Coutinho. Para a imprensa, Coutinho era considerado um estudioso do futebol, conhecedor das práticas mais modernas, e capaz de alinhar a qualidade técnica do jogador brasileiro à tática, resgatando o futebol brasileiro. Com poucas menções à sua patente militar, criou-se a expectativa de que o Brasil poderia evoluir e, conseqüentemente, vencer a Copa de 1978.

O segundo capítulo *O início da jornada - as eliminatórias* tem como objetivo discutir a campanha da seleção brasileira nas Eliminatórias para a disputa do mundial, verificando, através das matérias, reportagens e colunistas dos jornais pesquisados, os comentários direcionados aos dirigentes da CBD, a cada fraco desempenho da equipe. O item também analisa a construção da expectativa na seleção para a disputa do campeonato, passando pela escolha do país sede até a sua realização. Além disso, também são apontados os interesses dos governos de Brasil e Argentina com a Copa do Mundo, bem como o contexto das relações bilaterais entre os dois países.

Assim, o primeiro item *A primeira fase das eliminatórias – entre a expectativa e velhos problemas* busca acompanhar, através dos Cadernos de Esportes dos jornais *Jornal do Brasil* e *O Globo*, a trajetória da seleção na primeira fase das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1978, buscando identificar as impressões do desempenho da equipe no decorrer do campeonato, em meio às vitórias e os tropeços da seleção.

O segundo item *A fase final das eliminatórias – a retomada da esperança* tem como foco a segunda fase das eliminatórias, também em 1977, no qual os jornais analisados realizam maiores críticas ao técnico Cláudio Coutinho, embora demonstre confiança na capacidade do técnico em fazer um bom trabalho e conseguir a tão sonhada mudança na mentalidade do jogador brasileiro. É neste momento que a militarização da seleção e os interesses dos militares e dirigentes da CBD passam a ser abordados de forma mais enfática.

O terceiro item *As polêmicas da Copa* comenta a importância da Copa para a ditadura argentina e aborda os interesses do governo brasileiro com a vitória do Mundial, tornando a seleção de 1978 a mais militarizada. Por fim, é produzido um panorama geral sobre as campanhas de Brasil e Argentina, focando no polêmico final do campeonato, marcado pelo Argentina 6 x 0 Peru, que eliminou o Brasil e classificou a seleção argentina para a final, o que gerou acusação dos brasileiros de um suposto acordo entre argentinos e peruanos.

Tendo em vista a importância da conquista da Copa do Mundo de 1978 para os governos de Brasil e Argentina e o embate indireto entre as duas equipes que culminou na eliminação brasileira, o quarto item *A Copa do Mundo e a relação entre Brasil e Argentina* contextualiza o momento político das relações entre Brasil e Argentina, marcada por intensa rivalidade política, cooperação na questão militar e preocupações mutuas com o uso político da Copa do Mundo por organizações políticas de oposição.

O terceiro e último capítulo *A Copa de 1978* analisa a campanha da seleção na Copa, marcada pela suposta intervenção de Nunes na equipe, apontando para as impressões dos jornais analisados. Em meio à citada situação, a seleção brasileira é eliminada de forma polêmica, notando-se na imprensa brasileira dois argumentos sobre a eliminação: o Brasil foi eliminado devido a um suposto acordo entre Argentina e Peru ou a eliminação foi consequência de uma jornada ruim da seleção, causada principalmente pela intervenção militar na equipe?

Dessa forma, o primeiro item *A Campanha da seleção – primeira fase* e o segundo *A campanha da seleção – segunda fase* analisam a campanha da seleção até a partida contra o Peru, na segunda rodada da segunda fase, pelas páginas do *Jornal do Brasil* e o *Globo*, elucidando a recepção em relação desempenho da seleção, as responsabilizações após as partidas ruins, momento em que os militares e os dirigentes são criticados, e as supostas intervenções de Heleno Nunes na equipe, entendidos pelos jornais como um dos principais sintomas da militarização.

O terceiro item *A eliminação do Brasil através do Jornal do Brasil* e o quarto *A eliminação do Brasil através do O Globo* objetivam verificar as duas versões que foram utilizadas para justificar a eliminação do Brasil após a seleção enfrentar a Polônia e a Argentina golear o Peru. Ou seja, a primeira versão que acusa a seleção de ser vítima de um acordo entre as seleções peruana e argentina, mas que carecem de documentações que comprovem algum complô existente, e a segunda versão, que entende a eliminação do Brasil devido ao fracasso da militarização da seleção e aos interesses políticos de dirigentes, não apontando apenas para as partidas em questão, mas para a estrutura do futebol brasileiro.

Sobre as fontes utilizadas para a pesquisa, vale pontuar que devido às restrições impostas pela pandemia de COVID-19, não foi possível realizar consultas em arquivos físicos. Nesse sentido, a pesquisa ficou restrita aos arquivos digitais, como os bancos de dados do SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional, do Memória Reveladas, e os fundos Ernesto Geisel e Azeredo da Silveira, disponíveis no CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Além disso, os jornais trabalhados foram o *Jornal do Brasil*, disponível na Hemeroteca digital, e o jornal *O Globo*, disponível no acervo histórico online do próprio jornal, através de seus Cadernos de Esportes. Soma-se a bibliografia referente à ditadura civil-militar brasileira e às relações ditadura-futebol.

Para o desenvolvimento dos capítulos foi utilizada a bibliografia sobre as relações ditadura-futebol, que compreende o recorte de 1966 a 1978, bem como os jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Além disso, no capítulo dois foram utilizados documentos oficiais de inteligência do Brasil, como SNI – Serviço Nacional de Informação, Centro de Informações do Exército – CIE, Centro de Informações do Exterior – CIEEX, disponíveis no SIAN e CPDOC.

1. A DITADURA CIVIL-MILITAR E O FUTEBOL BRASILEIRO (1964-1978)

Ao comentar sobre a militarização pela qual a seleção brasileira e a CBD passaram durante a década de 1970, é necessário realizar um breve panorama geral sobre a relação governo-futebol, antes de abril de 1964, para não cometer o equívoco de afirmar que os militares realizaram um movimento inédito na história esportiva do país.

Nesse sentido, é importante realizar um panorama geral do contexto da seleção de 1958 até 1977, para melhor compreender o cenário da participação do Brasil no Mundial 78, identificando as opiniões da imprensa e as modificações nas relações de interesse entre governo-seleção, que se alteraram ao longo dos anos, tendo o governo brasileiro objetivos distintos com as Copas de 70 e 78.

Dessa forma, o presente capítulo pretende abordar o planejamento utilizado nas conquistas dos dois primeiros títulos mundiais da seleção em 1958 e 1962, na decepcionante campanha em 1966, no Tri Campeonato de 1970, bem como abordar a relação governo-seleção após o Tri, a decepção de 1974 e as alterações no comando técnico durante as eliminatórias para a Copa de 1978, visando estabelecer qual a expectativa do governo e imprensa para a campanha da seleção no Mundial 78.

1.1 A Presença militar na seleção – o fracasso em 1966 e o tri em 1970

O processo de militarização da seleção e do futebol brasileiro, ocorrido durante a década de 1970, não foi a única experiência pautada nos conceitos relativos à disciplina, preparação física e organização. A conquista do bicampeonato mundial do Brasil – Suécia 1958 e Chile 1962 – lançou mão de um novo modelo, que aliado à grande geração de jogadores, consagrou a seleção brasileira no futebol mundial. Entretanto, a falta de organização na preparação para a disputa da Copa da Inglaterra, em 1966, e a consequente eliminação precoce, retomou as lembranças dos velhos problemas da CBD, existentes antes do primeiro título mundial.

Para o Brasil enfim vencer o seu primeiro mundial, era necessário um projeto modernizador. O projeto ficou conhecido como *Plano Paulo Machado de Carvalho*⁴, lançado em 1957. Em linhas gerais, a principal característica do plano era a diversificação e especialização da comissão técnica, que contaria com profissionais de diversas áreas, como nutricionistas, dentistas e psicólogos, além dos médicos e preparadores físicos. Até

⁴Paulo Machado de Carvalho, o Marechal da Vitória, foi advogado, empresário, comunicador e dirigente de futebol, nascido em 1901 em São Paulo, e falecido em 1992, na mesma cidade.

então, a estrutura da comissão era simples, sendo comum o acúmulo de funções por parte dos profissionais.

Além disso, segundo Junior (2014) o Plano também abrangia questões como a aparência e a educação dos jogadores⁵, entendido por Burlamaqui (2019) como uma forma de controle do trabalho do atleta. Segundo o autor,

Na aparência neutro e científico, o “Plano Paulo Machado de Carvalho” continha teses das mais abrangentes e distintas, que versavam, entre outros, sobre o tipo de vestimenta do atleta, o corte de cabelo e de barba, além da exigência de uma educação formal mínima. Na prática, era uma forma de controlar, regular e ordenar o mundo do trabalho, de forma a extrair o máximo da produtividade do trabalhador da bola. Na prática, estava em jogo uma visão de mundo e uma leitura sobre o Brasil e o povo brasileiro. Nesta discussão, ainda que implícita, restava discutir o lugar simbólico das elites na construção da nação. (BURLAMAQUI, 2019, p. 194).

Seguindo o plano organizacional e utilizando os jogadores base da seleção vitoriosa em solo sueco, o Brasil conquista o bicampeonato mundial no Chile, em 1962, e se inclui na prateleira das grandes seleções mundiais, deixando para trás o sentimento de inferioridade, causado pelas derrotas nas Copas anteriores, especialmente frente aos rivais europeus e platinos, como o Uruguai, detentor de dois títulos mundiais, sendo o segundo conquistado sobre o Brasil, em 1950, no fatídico *maracanazo*.

Como será exposto mais adiante, ao tratar sobre a militarização da seleção nos anos 1970, Burlamaqui (2019) observa que é possível verificar algumas semelhanças entre os pressupostos do *Plano Paulo Machado de Carvalho* e o projeto para a disputa da Copa do México, em 1970. Aspectos como a preparação física, organização, especialização, controle dos jogadores e a importância da comissão técnica, retornam com força na seleção brasileira.

Quatro anos depois, vencer a Copa do Mundo da Inglaterra em 1966 significava para a seleção o tricampeonato mundial e a conquista definitiva da taça Jules Rimet, que ficaria com a primeira seleção vencedora de três Copas do Mundo. Para Havelange, havia um significado a mais: alavancar a sua carreira como dirigente esportivo internacional.

Entretanto, mesmo com a seleção emplacando dois títulos seguidos, a CBD, presidida por Havelange desde 1957, enfrentava um momento de crise financeira, agravada pela crise econômica do país, limitando os recursos da entidade e tornando os

⁵Junior (2014), busca analisar o PPMC como um processo modernizador ou civilizador dos jogadores brasileiros.

seus investimentos mais caros, como aponta Sarmiento (2006). Aliado à crise financeira, o período entre Copas de 1962 e 1966 também foi marcado por equívocos na preparação da seleção e envelhecimento do elenco, que ainda contava no plantel com jogadores campeões em 1958.

Sarmiento (2006) identifica as mudanças administrativas e preparatórias da seleção ocorrida para a Copa de 1966. Em relação à administração, a principal mudança foi o afastamento de Paulo Machado de Carvalho da direção da CBD, e na falta de substituto, o próprio Havelange se tornou o chefe da delegação. Sobre a preparação da seleção, a rigidez observada em 1958 e 1962 foi flexibilizada em 1966, resultando na convocação inicial de 46 jogadores, gerando uma dificuldade na definição do plantel, que deveria ainda contar com os veteranos. Para tentar captar recursos, a CBD aceitava realizar excursões em várias cidades brasileiras, a convite dos políticos locais.

Contrariando a tradição de montar comissões técnicas capazes de impor um programa detalhado e racional, a administração Havelange havia incorrido em uma série de equívocos ao longo da fase de organização da equipe brasileira para o Mundial. Por um lado, a atenção a demandas políticas e demagógicas forçara o time a abrir espaço para um número excessivo de jogadores e a se transformar em atração de eventos não-esportivos. Por outro, o que parecia ser mais grave, os responsáveis pelo condicionamento técnico e tático da equipe pareceram confiar demasiadamente em uma natural supremacia dos bicampeões, sem demonstrar preocupação no acompanhamento do que estava ocorrendo no cenário mundial do futebol. Se, antes da Copa de 1958, a CBD havia mandado observadores acompanhar as partidas das principais seleções europeias com bastante antecedência, no torneio de 1966, tanto jogadores como a comissão técnica pareciam atônitos com o desempenho dos adversários. A chance da conquista definitiva do troféu da FIFA fora perdida e, mais que isso, perdera-se o padrão de excelência da seleção. (SARMENTO, 2006, p. 121).

O resultado da participação brasileira foi decepcionante. Com os jogadores muito abaixo fisicamente, a seleção amargou uma eliminação ainda na fase de grupos da competição. Na volta ao Brasil, que já vivia tempos de ditadura iniciada com o golpe civil-militar de 1964, os militares, por meio do Serviço Nacional de Informações – SNI, queriam entender as motivações e os responsáveis pelo baixo desempenho no mundial.

Burlamaqui (2019) assinala duas teorias surgidas na época, que explicariam a eliminação do Brasil no mundial de 1966. A primeira afirmava que os europeus haviam prejudicado os sul-americanos, principalmente devido a atuação da arbitragem, que favorecia as seleções europeias, além do mau tratamento oferecido as delegações sul-americanas.

A segunda teoria culpabilizava o próprio Havelange pela eliminação precoce do Brasil, pois boa parte da opinião pública o responsabilizou pela confusa preparação para o mundial, que contou com mais de 40 jogadores, pelo baixo nível físico, tático e técnico da equipe, quando comparado aos europeus. Além disso, segundo a teoria, Havelange buscou capitalizar o título da seleção para alavancar a sua carreira como dirigente. (p. 205).

Cabe ressaltar que a quebra de hierarquia, representada pelo fato de Havelange ter assumido o cargo de chefe de delegação, também foi apontada como um dos motivos do fracasso. Nesse sentido, o autor salienta que a presença dos militares na CBD era vista como restauradora da ordem, disciplina e a hierarquia, mesmos argumentos utilizados para aplicar o Golpe de 1964.

A grande pressão de setores do Legislativo para a instalação de um Inquérito Parlamentar que investigasse as razões do pífio desempenho no Mundial e o empenho de autoridades do regime militar em exigir retratação pública por parte de jogadores e dirigentes ilustrava o ambiente político da época. Em um regime discricionário, em processo de gradativo endurecimento, o denunciamento, a devassa e a busca obsessiva de “culpados” eram ferramentas retóricas de ação política. Além disso, a noção crescente entre os agentes do SNI era a de que o futebol, por seu potencial de mobilização das massas, deveria ser mantido sob estreita e severa observação. Nesse quadro, assumia importância ainda maior a gestão da seleção, mais uma vez compreendida como símbolo da representação nacional. Como todo símbolo, ela poderia ter os mais distintos usos, interpretações e manipulações”. (SARMENTO, 2006, p. 123).

Havelange, visando a sua carreira internacional como dirigente esportivo, buscou melhorar a imagem da CBD, e com o intuito de se fortalecer novamente no âmbito nacional, cria o COSENA – Comissão Seleccionadora Nacional. A comissão passou a ser responsável pelos assuntos da seleção, sendo formada por dirigentes esportivos, políticos e, especialmente, militares.

A criação do COSENA pode ser classificada como o início da militarização do futebol brasileiro, tendo em vista a importância dada pelo governo Costa e Silva em relação ao esporte e, especificamente, ao futebol, considerando ainda os tempos de AI-5. No entanto, não se pode desconsiderar o convite feito pelo próprio Havelange à participação dos militares. Segundo Chaim (2014), era a oportunidade de Havelange conseguir recursos para a CBD, e o melhor momento para os militares obterem maior controle da entidade. Entretanto, após os baixos resultados, o COSENA foi dissolvido por Havelange no início de 1969.

Mesmo com a dissolução do COSENA, os militares se mantiveram presentes dentro da CBD. Vale pontuar que não havia necessariamente uma imposição dos militares, pois “essa relação entre os dirigentes tradicionais e os militares neófitos deve ser vista com cautela. Não se deve imaginar uma situação de conflito permanente ou de repressão de civis por militares, mas um processo de negociação contínua e aberta”. (BURLAMAQUI, 2019, p. 209).

Portanto, em tempos de AI-5, *milagre econômico* e com o General Emílio Garrastazu Médici na presidência do Brasil, a seleção inicia a preparação para a Copa do Mundo de 1970, disputada no México. As eliminatórias começaram ainda em 1969, e o Brasil não podia repetir a decepcionante campanha de 1966. Como dito, a disciplina, organização e o planejamento retornam, agora gerida por uma comissão técnica quase toda formada por militares. Foi criado, então, o *Planejamento México*.

O novo técnico escolhido para comandar a seleção foi João Saldanha, em 1969, escolha que inicialmente parecia ser contraditória com o momento do país, pois Saldanha era abertamente crítico à ditadura, além de seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro. Entretanto, o fato de ser um respeitado jornalista esportivo e popular entre a torcida pesou para a sua contratação, pois poderia tornar a imprensa esportiva mais paciente com o desempenho da seleção, amenizando as críticas. Saldanha montou as “feras de Saldanha”, como ficou conhecido o elenco que disputou as eliminatórias, e resgatou o bom futebol do Brasil, que se classificou tranquilamente para o Mundial.

Contudo, a crise e a desconfiança em relação à seleção retornaram pouco antes do início da Copa, devido ao temperamento difícil de Saldanha, aos diversos problemas e polêmicas que envolveram o técnico, como a dúvida em relação a boa forma de Pelé e ao desentendimento com Dorival Knipel, conhecido como Yustrich, técnico do Flamengo no período. Aliado a esses fatores, os resultados negativos em amistosos pouco antes do mundial tornaram a permanência do técnico insustentável.

Mesmo com a campanha invicta nas eliminatórias, a imprensa não acreditava que a seleção pudesse ser campeã, e o debate sobre o futebol arte ultrapassado contra o futebol força dos europeus, voltava à tona. Logo no início de 1970 Saldanha foi demitido, e em seu lugar assumiu Mario Jorge Lobo Zagalo, bicampeão pela seleção como jogador e o então atual técnico do Botafogo.

No dia 18 de março de 1970, foi anunciada a dissolução da comissão técnica da seleção. Iniciava-se o projeto de montagem de um esquema militar de preparação e acompanhamento das atividades da equipe que partiria para a disputa de mais um título mundial. Para a chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculos com a chefia do SNI. Em sua assessoria direta foi empossado o major Ipiranga Guaranys, cuja principal tarefa era a montagem de um forte esquema de segurança que passaria a envolver a seleção. A preparação física dos jogadores foi entregue aos cuidados de oficiais formados pela Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso e Cláudio Coutinho, que traçaram um programa calcado em técnicas atualizadas e estruturadas a partir de estudos médicos e fisiológicos. Para se chegar ao nome do técnico ainda seriam gastos alguns dias em deliberações. Finalmente, um nome que agradava tanto a CBD quanto aos interventores militares foi anunciado: o jogador bicampeão mundial Mario Zagallo”. (SARMENTO, 2006, p. 126-127).

No entanto, antes da saída de Saldanha, o *Planejamento México* já estava em operação, e contava com a participação de profissionais oriundos da EsEFEx. O planejamento consistia em um moderno programa de preparação física dos jogadores e adaptação a altitude, fator existente no México. Nesse momento, a presença dos militares na seleção ocorre de forma direta, através da comissão técnica e no preparo dos jogadores. A presença dos militares ocorre também devido à solicitação da própria CBD, além da qualidade dos profissionais, como é o caso de Lamartine Pereira DaCosta.

Como indica BARTHOLO et al. (2004), Lamarthine era um dos mais importantes estudiosos da Biometeorologia e do treinamento em altitude, e por isso foi chamado para compor o *Planejamento*. Um de seus estudos sobre o Altitude Training, publicado em uma revista internacional em 1967, serviu de base para a criação do *Planejamento* e foi um dos principais métodos utilizados. Embora quase todas as seleções, principalmente europeias, evoluíram na questão física, em 1970 a preparação utilizada pela seleção foi a que melhor surtiu efeito. Além de ser uma das melhores seleções da história do futebol, era nítida a diferença física para as outras seleções.

A Comissão Técnica daquela seleção teve à sua disposição as teorias mais avançadas sobre treinamento físico e sobre adaptação em altitude na época. O método de adaptação à altitude e os estudos sobre a influência da temperatura nas atividades físicas foram fundamentais na competição. Os conhecimentos científicos e as tecnologias do treinamento foram fortes aliados da competência técnica dos jogadores. (BARTHOLO et al. 2004, p.115-116).

Em relação à presença militar na seleção, nota-se que vai além dos profissionais de educação física do exército, como é o caso dos já citados major-brigadeiro Jeronimo Bastos, chefe de delegação, e o assessor major Ipiranga Guaranys. Além disso, Magalhães (2013) indica outro caso que evidencia a militarização da seleção. Quando o embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben foi sequestrado pela Aliança Libertadora Nacional –

(ALN) e Vanguarda Popular Revolucionária – (VPR), em onze de junho, a seleção já estava disputando os jogos da Copa do Mundo. Entre os comunicados divulgados pela imprensa estava o do Exército, feito em nome da seleção⁶

Chama atenção no comunicado que o portar voz da seleção era o Ministro do Exército. Em primeiro lugar, confirma a ideia da lógica militarizada da seleção, e não apenas da presença de profissionais de educação física do exército na comissão técnica. Em segundo lugar, corrobora a associação de que o discurso oficial seria também o discurso da seleção e dos próprios jogadores. (MAGALHÃES, 2016, p. 139).

Internamente percebia-se a lógica e discurso oficial militarizado, e externamente o governo e políticos civis tentavam capitalizar o otimismo gerado com o desempenho e a consequente conquista do tricampeonato da seleção. Para Guterman (2009), o governo buscava atrelar os valores do brasileiro, a unidade, a moral e a vontade coletiva com a vitória da seleção, com o objetivo de aproximar a população do governo. Nesse sentido, o presidente era inserido como parte de povo, como mais um torcedor comemorando a vitória de seu país, e o fato de Médici apreciar e entender de futebol facilitava a criação dessa imagem.

Num primeiro momento, a grande comemoração dos torcedores poderia confirmar que o governo atingiu o seu objetivo. Entretanto, como bem lembra o autor, as comemorações, muitas vezes exaltadas, poderiam ser vistas como um desabafo devido ao momento de repressão pelo qual o país enfrentava. Além disso, comemorar também poderia ser uma oportunidade para brasileiros demonstrarem o seu descontentamento com os rumos do país.

Em relação à imprensa esportiva tradicional, no geral, o título foi visto como a consagração do estilo brasileiro de jogar futebol, e como a vitória do futebol arte, aliada a evolução tática e física, frente ao modelo do futebol força europeu. Entretanto, se por um lado a ditadura buscava associar o êxito da seleção com o governo, por outro, as fracas exhibições da seleção nos anos seguintes também passaram ser associados ao mesmo governo, sobretudo à medida em que a disciplina e a tática sobressaíram à característica do *futebol arte* brasileiro.

⁶Comunicado, citado pela autora: O Ministério do Exército distribui a seguinte nota: “Guadalajara – Urgente. Causou profundo impacto na seleção a notícia da chagada ao México sobre o sequestro do embaixador alemão. Pelé, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus traidores e criminosos venham quebrar a tranquilidade e o entusiasmo da Seleção. Lamentaram nossos craques que os terroristas, a serviço dos países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo. Revista Veja, 17/06/1970, p. 27. p. 139.

1.2 ditadura e a CBD pós 1970 – nova decepção em 1974

Após a conquista do tricampeonato, os militares permaneceram próximos ao futebol brasileiro, alterando toda a sua estrutura. Em 1971, atendendo a uma reivindicação dos clubes, a CBD criou o campeonato nacional de futebol com a ajuda e auxílio financeiro do governo. A ideia de um campeonato nacional era interessante para o próprio regime, tendo em vista a característica integradora do novo campeonato, indo de encontro à proposta de integração nacional do governo Médici.

Com a criação do campeonato, grandes estádios foram construídos ou reformados ao longo dos anos 1970, até mesmo em localidades não populosas e que não haviam clubes de expressão. Os estádios também se enquadravam no projeto de integração nacional e, principalmente, na ideia de Brasil potência.

D'Amaral (2017) entende que a criação do campeonato não resulta apenas dos interesses do regime em relação ao futebol, mas também dos dirigentes esportivos, principalmente de João Havelange. Essa relação entre ambos interesses foi possível graças à ligação entre a CBD e a CND – Conselho Nacional de Desportos. A CND foi criada ainda no período do Estado Novo, e transformada pelo regime militar em órgão gerenciador do esporte brasileiro, sendo organizada de acordo com os seus interesses. A partir dessa ligação Havelange colocou em prática o seu projeto de poder, que resultou na criação do Campeonato Brasileiro.

Tal projeto incluía a eleição de Havelange para a presidência da FIFA, concretizada nas eleições de 1974, pouco antes do Mundial do mesmo ano, o seu último a frente da CBD, e o primeiro ano de governo de Ernesto Geisel, que assumiu a presidência do país em março de 1974.

Em relação à seleção, a militarização, disciplina, tática e a técnica continuaram presentes, repetindo a fórmula vencedora em 1970, mas sem o mesmo brilho. Para a Copa de 1974, parte da comissão técnica da Copa de 1970 foi mantida, com o acréscimo de alguns militares. Segundo Stédile (2021) a comissão técnica foi composta por Antônio dos Passos, coordenador da comissão; o médico Lídio Pompeu de Toledo; e o secretário da comissão técnica Tarso Herédia de Sá, também diretor financeiro da CBD. Além de Chirol, Parreira e o subtenente Raul Alberto Carlesso, que permaneceram como os preparadores físicos.

A seleção contava também com outros militares, sendo o capitão Cláudio Pêsego Coutinho, assistente técnico; o coronel Eric Tinoco Marques, comandante da EsEFEx, chefe de Delegação; Carlos Alberto Cavalheiro, da aeronáutica, supervisor da comissão técnica; e o Major Lobo responsável pela segurança.

O autor identifica que para a Copa de 1974, havia a desconfiança da imprensa⁷ em relação ao desempenho de seleção, à instabilidade emocional e falta de liderança entre os jogadores e à indecisão a respeito do time titular. Além disso, havia desconfiança no comando de Zagalo, que acreditavam não ser capaz de melhorar o rendimento da seleção. Por último, a preparação física dos atletas também começou a ser questionada, tendo em vista o elevado número de contusões. (p. 106).

A desconfiança se concretizou com o início fraco da seleção, que empatou as duas primeiras partidas em 0 a 0, contra a Iugoslávia e a Escócia. As críticas eram direcionadas ao técnico Zagalo devido ao estilo de jogo apresentado, pautado na defesa e pouco ofensivo. Apesar disso, o Brasil classificou-se para a segunda fase, ainda pelo saldo de gols, após a vitória por 3 a 0 contra o Zaire. Na segunda fase, as vitórias contra a Alemanha Oriental por 1 a 0 e contra a Argentina por 2 a 1, ajudaram a cessar as críticas e a trazer esperanças quanto à possibilidade do título. Para se classificar para a final, o Brasil precisaria vencer a Holanda, o que não aconteceu. O Carrossel Holandês superou o Brasil por 2 a 0 e classificou-se para a final, sendo derrotado pela Alemanha Ocidental por 2 a 1. A seleção brasileira ainda disputou o terceiro lugar contra a Polônia, e saiu derrotada por 1 a 0.

O autor nota que a imprensa responsabilizou Zagalo e seu estilo de jogo adotado, bem como a forma de organização da CBD e de João Havelange, como os responsáveis pela eliminação da seleção. Além disso,

O que importa destacar é que, ao contrário das Copas disputadas até 1954, o que antes era um “defeito”, torna-se agora virtude. Somente jogando como brasileiros é que a seleção pode vencer. E há outra mudança significativa de operadores: os parâmetros que definem o que é um brasileiro – neste caso, o jogador de futebol – não são estabelecidos pelo Estado ou pela intelectualidade. Mas pela população. Se a Seleção não joga de acordo com estes parâmetros, ela não representa a Nação, ela não corresponde a imagem autoconstruída. O espelho entre a Seleção e seu país é quebrado. Neste caso, a imagem almejada pela Ditadura do atleta como jogador-soldado é rejeitada pela população que despreza o esquema tático da obediência e do mecanicismo. (STÉDILE, 2021, p. 131).

⁷O autor analisa os jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e as revistas Placar e Veja.

Percebe-se então, já em 1974, o descontentamento com o estilo de jogo defensivo, pautado na disciplina, preparo físico e rigor tático, que inibia o verdadeiro futebol arte brasileiro. É válido lembrar que, embora tais conceitos estivessem presentes em 1970, o que ficou na memória foi o futebol arte. Ainda que não fosse uma crítica direta à militarização da seleção, já eram indícios de que essa, experimentada com mais intensidade após a Copa, seria entendida como responsável pelo fraco desempenho da seleção quatro anos depois, na Copa de 1978.

Além das questões observadas por Stédile em suas fontes, podem também ser verificadas nas páginas do jornal *O Globo*, nos dias seguintes à eliminação do Brasil, uma gama de interpretações a respeito da eliminação da seleção. Na primeira página da edição de 04 de julho, um dia após o jogo contra a Holanda, é destacado a opinião de Zagalo sobre a necessidade do Brasil mudar a forma de jogar futebol: *Zagalo: Brasil precisa reformular sua concepção de futebol*⁸. O técnico afirma a necessidade da seleção em mudar seu estilo de jogo, se inspirando no futebol holandês, ou seja, um estilo rápido, moderno e objetivo, admitindo o atraso do futebol brasileiro, embora acreditasse que o país havia apresentado a sua melhor exibição contra os holandeses.

A edição também dedica uma página para informar sobre o comportamento dos torcedores cariocas após o jogo da seleção. Em *O Rio desolado chora a perda da Copa*⁹, ao abordar os lamentos, nota-se a indignação maior com o técnico Zagalo e a comissão técnica e, em menor intensidade, com o juiz da partida.

“Na Rua Honório, em Todos os Santos, onde a animação após os jogos anteriores levou à formação de uma comissão de festa, a bateria tocou, sim, mas para acompanhar outro enterro, promovido pelos moradores. Eles, que no jogo contra a Escócia haviam enterrado Zagalo, dessa vez enterraram toda a Comissão Técnica. Alguém, mais exaltado, pediu num discurso que os membros da CT fossem punidos”. (O Globo, 1974, p.8)

O jornal também noticia a movimentação dos torcedores em outras localidades do Brasil. Em Minas Gerais¹⁰, o reitor da Universidade Católica de Minas, Dom Serafim Fernandes de Araújo, torcedor do Atlético Mineiro, afirma, segundo o jornal, que ficou triste pela derrota, mas que ela foi necessária para que seja possível mudar a estrutura arcaica do futebol brasileiro. “Em sua opinião o povo brasileiro se indigna com os altos

⁸Zagalo: Brasil precisa reformular sua concepção de futebol O Globo, Matutina, Primeira Página, 04 de julho de 1974, p. 1.

⁹O Rio desolado chora a perda da Copa. O Globo, Matutina, Rio, 04 de julho de 1974, p.8.

¹⁰ Em São Paulo, torcedora suicidou-se após o jogo. Minas. O Globo, Matutina, Rio, 04 de julho de 1974, p.8.

salários do futebol brasileiro e os erros da Comissão Técnica da CBD, “que continuariam se o Brasil tirasse mais essa Copa do Mundo”” (O Globo, 1974, p. 8). Aqui, percebe-se mais uma vez que a Comissão Técnica e a gestão da CBD são apontadas como as responsáveis pelo atraso do futebol brasileiro e a consequente derrota na Copa. Mesmo se vencesse a Copa, os problemas continuariam. Diferentemente do que pensava Dom Serafim, os problemas da Comissão Técnica e da CBD permaneceram e tornaram-se mais evidente em 1978.

Em Belo Horizonte, os torcedores mais exaltados “malharam um judas”, que levava o nome de Zagalo. No centro da capital mineira foi registrado que alguns torcedores foram presos pela Polícia Militar após soltar foguetes e ofenderem com palavrões a seleção, o técnico e membros da Comissão Técnica.

O comportamento dos torcedores e, principalmente, as suas críticas não são totalmente diferentes do observado em outros resultados decepcionantes, seja da própria seleção ou dos clubes pelo qual torcem. É comum, por exemplo, “malhar” o técnico após uma derrota em uma competição importante, ou afirmações de que a derrota foi necessária para que mudanças aconteçam na administração do clube/seleção.

Entretanto, em 1974, são observados o acréscimo de dois motivos para a derrota do Brasil, que voltarão com força na Copa de 1978. O primeiro, já apontado por Stédile (2021), foi o não uso do estilo de jogo brasileiro, consolidado em 1970, argumento também defendido pela imprensa; e o segundo, a responsabilidade da Comissão Técnica, mesmo o jornal não deixando explícito o motivo de descontentamento dos torcedores com a Comissão.

Em relação ao estilo de jogo, João Saldanha¹¹ em sua coluna no jornal, é um dos mais críticos ao sistema defensivo adotado pela seleção durante a competição, afirmando não ser uma surpresa a derrota brasileira. Para ele, o Brasil não jogou para ganhar a Copa, e sim para empatar ou perder de pouco. Criticou as escolhas e substituições feitas por Zagalo na derrota contra a Holanda e ironizou “se chegamos em terceiro lugar, então, penso que os objetivos da Comissão Técnica foram mais do que alcançados” (p. 25).

¹¹SALDANHA, João. Já era esperado. O Globo, Matutina, Esportes, 04 de julho de 1974, p. 25.

Na coluna de Celso Itiberê¹², o jornalista analisa a derrota brasileira e exalta a seleção holandesa, e ao criticar o comportamento violento dos jogadores brasileiros, Itiberê invoca o velho termo presente em tempos do pré-título mundial: a indisciplina.

Os europeus só escandalizaram com a brutalidade dos nossos jogadores e de tudo o que aconteceu ontem em Dortmund, tiraremos uma lição. Reestabelecemos a imagem de indisciplinados que havíamos apagado ao longo dos últimos vinte anos, desde os vexames da Suíça em 1954, mas levaremos para o Brasil a certeza de que esta seleção da Holanda inaugura uma nova era do futebol (O GLOBO, 1974, p. 26).

Agora, a indisciplina da seleção não mais diz respeito à incapacidade do atleta brasileiro em seguir o esquema tático, mas sim à violência, que passa a ser vista também como uma das consequências da incapacidade da comissão técnica, e não do jogador, em aplicar um estilo de jogo moderno. Para Saldanha¹³, o rigor tático adotado pela comissão limitava a liberdade do jogador, indo na contramão do *Futebol Total*, inaugurado pelos holandeses, o maior exemplo de futebol moderno no período.

Minimizando as críticas e buscando pontos positivos na campanha brasileira, o jornal em *A campanha da seleção*¹⁴ afirma que os métodos de preparação, seja física ou no padrão disciplinar alcançados nas preparações que se sucederam durante quatro meses, estão plenamente aprovados e que a CBD tirará suas lições desta Copa, para disputar a próxima na Argentina “sem que devamos nos perder em condenações oportunistas a dirigentes ou jogadores” (p. 26). Aqui, chama a atenção a defesa dos métodos de preparação física e, principalmente, do padrão disciplinar, apontado como algo positivo, em oposição às críticas que tais métodos começavam a sofrer.

O jornal também apresenta uma entrevista de Zagalo, em destaque na página, onde o técnico diz que o Brasil precisa reformular seu estilo de jogo, com base na Holanda, admitindo atraso da seleção¹⁵. Nesse sentido, o técnico vai de encontro a um tema bastante presente nas páginas do jornal após a eliminação do Brasil: a necessidade de reformulação do futebol, defendido pelos torcedores, atletas, imprensa, dirigentes e o próprios militares.

Entretanto, Itiberê entendia como uma *Mudança Difícil*¹⁶, pois para o colunista “[...] a solução não é do tipo simplista, como já é do nosso hábito acreditar. Se mudarmos

¹²ITIBERÊ, Celso. Justificamos a fama. O Globo, Matutina, Esportes, 04 de julho de 1974, p. 26.

¹³SALDANHA, JOÃO. Futebol Total. O Globo, Matutina, Esportes, 05 de julho de 1974, p. 25

¹⁴A campanha da seleção. O Globo, Matutina, Esportes, 04 de julho de 1974, p. 26.

¹⁵jogamos bem. A Holanda jogou melhor. Brasil precisa reformular seu futebol. O Globo, Matutina, Esportes, 04 de julho de 1974, p. 26.

¹⁶ITIBERÊ, Celso. Mudança difícil. O Globo, Matutina, Esportes, 05 de julho de 1974, p. 26.

todas as pessoas, do técnico ao roupeiro, esta não será uma solução, será apenas uma mudança. É preciso mudar as idéias, não os homens” (ITIBERÊ, 1974, p.26).

Ainda sobre a necessidade da mudança no futebol brasileiro, a equipe do jornal carioca em *A perda do título, uma lição para o futebol brasileiro*¹⁷, não atribui a derrota à comissão técnica ou a Zagalo, mas considera que a preparação foi fraca. Aqui, a preparação é vista como fundamental, sendo criticado o fato de que poucos clubes do futebol brasileiro lhe davam a devida importância. Chama atenção a consideração sobre o jogador brasileiro, retomando a percepção anterior a 1966. Este deixou de ser visto como talentoso por natureza, sem a necessidade de aprender novos atributos. Por fim, em relação aos convocados

A nata do nosso futebol, todos os grandes clubes e dirigidos por grandes conhecedores entenderam à convocação em precárias condições. Defeitos do calendário, Campeonato Nacional? Reveja-se tudo isso, também. Nomes famosos sumirão do mapa? Paciência. Pior para eles, melhor para o futebol brasileiro. (O GLOBO, 1974, p. 20).

Além de ser entendido a importância da retomada da preparação física e da visão negativa relativa ao talento natural do jogador brasileiro, o jornal também aponta para o pesado calendário de jogos do campeonato brasileiro, sendo esse um problema que afetaria a seleção, em oposição ao pensamento da CBD.

Na notícia *Passo anuncia a reestruturação do futebol brasileiro*¹⁸ é informado o anúncio do Presidente da Comissão Técnica, o qual afirma que todos os membros da CBD enviarão relatórios com sugestões de possibilidade de reestruturação do futebol brasileiro, buscando alterar conceitos técnicos e táticos.

No relatório que apresentará à diretoria da CBD, Antonio do Passo se propõe inclusive a analisar o comportamento individual de cada jogador. Ele definirá os que não demonstraram "espírito de seleção" e aqueles que não se adaptam a uma necessária mudança de estilo e jogo. Ainda falará dos que estão superados pelos esquemas e pelo tempo e que não deverão ser convocados mais para outras seleções. (O GLOBO, 1974, p. 27).

De acordo com o a notícia, Passo concorda com a necessidade de mudança do futebol brasileiro, principalmente em relação aos conceitos técnicos e táticos, que se mostraram atrasados em comparação com as duas seleções finalistas. Entretanto, o que

¹⁷ A perda do título, uma lição para o futebol brasileiro. O Globo, Matutina, Esportes, 06 de julho de 1974, p. 20.

¹⁸ Passo anuncia a reestruturação do futebol brasileiro. O Globo, Matutina, Esportes, 07 de julho de 1974, p. 27.

chama atenção é o “espírito de seleção”, que segundo Passo, faltou em alguns jogadores, dando a entender que esse seria um critério para as próximas convocações.

Na primeira página da edição do dia 09 de julho, em *Governo prepara reforma esportiva*, é relatada a proposta de reforma do Ministro da Educação e Cultura, Nei Braga. A reforma em questão consiste em uma reformulação do Campeonato Nacional, através da redução de gastos com o futebol profissional, sendo esses repassados para o esporte amador. Segundo a matéria, Nei Braga considerava um absurdo não apenas os recursos destinados ao Campeonato, mas também o desgaste físico dos atletas causado pela quantidade de jogos, e aponta para a possibilidade da adoção da fórmula de torneio por zonas¹⁹. De fato, o Campeonato passou por algumas alterações em sua formulação ao longo da década, mas sempre com acréscimo do número de participantes a cada nova edição, mantendo o calendário sempre cheio, chegando ao número de 94 equipes na edição de 1979.

Em relação aos recursos destinados ao esporte amador para o desenvolvimento dos esportes olímpicos, o Major Sílvio de Magalhães Padilha, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro e diretor do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo afirmou, segundo o jornal, que o plano do Ministro não é uma consequência do resultado negativo da Copa, mas que esse já havia sido desenhando desde a formação do novo Ministério²⁰.

O sentimento de necessidade de mudança após uma campanha abaixo da expectativa em um campeonato importante, é algo corriqueiro no universo futebolístico brasileiro. No caso de 1974, eram diversos os argumentos apontados para a melhoria da questão física, evolução tática, retomada do jogo ofensivo ou da própria organização do futebol brasileiro. Assim, o entendimento era que primeiramente deveria haver mudanças na CBD, tendo em vista que tanto a seleção quanto o futebol eram de sua responsabilidade.

Como aponta Stédile (2021), os militares entendiam que a derrota na Copa, bem como a própria estrutura do futebol eram de responsabilidade da má gestão da CBD e seu presidente, sendo necessário então intervenção direta na entidade. Assim, mesmo a contra

¹⁹Nei Braga reformulará o Campeonato Nacional. O Globo, Matutina, Esportes, 09 de julho de 1974, p. 26. No restante da matéria, é indicado os projetos prioritários do Plano setorial de Educação e Cultura para o período de 1975 e 1979.

²⁰Amadorismo aplaude a decisão. O Globo, Matutina, Esportes, 09 de julho de 1974, p. 26.

gosto de Havelange, que ocupava o cargo de presidente da FIFA desde 1974, quem assume a presidência da CBD é o Marechal Heleno Nunes, em 1975. Para o autor, é o momento em que a Ditadura implementa os princípios da Doutrina de Segurança Nacional no futebol brasileiro.

No Brasil a derrota significou a decisão do regime de militarizar definitivamente a seleção nacional, despedindo o técnico Zagallo e organizando uma comissão técnica formada por profissionais militares. Em 1975, a pressão do regime na CBD e as denúncias de corrupção envolvendo o presidente Havelange levaram a seu afastamento. O novo responsável pelo esporte brasileiro era o Almirante Heleno Nunes, e como técnico assumia Osvaldo Brandão. (MAGALHÃES, 2013, p. 77).

Brandão comandou a seleção até o empate por 0 a 0 contra a Colômbia, na estreia das eliminatórias para a Copa de 1978, em 20 de fevereiro de 1977. Nesse sentido, faz-se necessário realizar um rápido debate sobre os últimos momentos de Brandão frente a seleção brasileira, para melhor compreensão dos motivos que levaram Coutinho a ser convidado para o posto.

1.3 A queda de Brandão

Em 1975, Osvaldo Brandão, um dos maiores treinadores da história do Palmeiras e do Corinthians, assumiu o comando técnico da seleção, permanecendo no cargo até o início de 1977. Seus últimos dias à frente da seleção foram marcados por muitas críticas a seu trabalho, principalmente após o empate por 0 a 0 contra a Colômbia, em Bogotá. Ao analisar a sua saída da seleção e o convite à Claudio Coutinho, é importante levar em consideração dois pontos importantes: a tradicional rivalidade entre as imprensas esportivas de São Paulo e do Rio de Janeiro e o formato de disputa das eliminatórias para a Copa de 1978.

Em relação ao primeiro ponto, embora Brandão e Coutinho fossem gaúchos, o primeiro fez sucesso no futebol paulista, já o segundo estava no início da sua carreira treinando o Flamengo. Tal fato intensificou as acusações entre as imprensas paulista e carioca, uma vez que cada uma defendia o “seu” treinador. O segundo ponto trata-se do formato das Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa, que por serem disputadas em número reduzido de jogos, tornavam a classificação mais difícil. Além disso, dois jogos sem vitória resultariam na desclassificação da seleção, gerando grande pressão por parte dos torcedores e imprensa.

Baseando-se nas seções de esporte dos jornais cariocas *Jornal do Brasil* e *O Globo*, as críticas a Brandão em relação ao seu estilo de jogo são recorrentes, apontadas

como atrasado em relação ao europeu, além de não conseguir aproveitar toda a qualidade técnica dos jogadores. Esse posicionamento fica evidente na coluna *Campo Neutro*, de José Inácio Werneck, nas edições do dia 19 e 20 de fevereiro do *Jornal do Brasil*, antes da estreia do Brasil nas eliminatórias, disputada no dia 20.

Na coluna do dia 19, Werneck cita uma suposta conversa com Heleno Nunes, presidente da CBD²¹, no qual o dirigente defende Brandão, afirmando que o técnico, segundo Werneck, “é o maior líder que o futebol brasileiro já teve. Implantou a disciplina. Os jogadores tem medo dele” (WERNECK, 1977, p. 23). Werneck, então, ironiza “se Brandão implantou alguma disciplina, não pode ter sido a tática. E se os jogadores têm algum medo do técnico, só pode ser de sua indefinição. Então era melhor Feola, que também era indefinido e não chegava a assustar.” (WERNECK, 1977, p. 23).

No trecho é perceptível a exaltação de Nunes à disciplina e ao “medo” que os jogadores teriam do técnico, apresentado como algo positivo, sendo um dos sintomas da militarização da seleção brasileira. Tais fatores estavam presentes em outros períodos, além da ditadura, e eram também características de outros técnicos. Percebe-se, de forma sutil, um descontentamento com o modelo militarizado, demonstrado pelo o incômodo de Werneck em relação à disciplina. O colunista acreditava que esse método não deveria ser implantado em um estilo de jogo mais elaborado, e afirmava que o suposto medo dos jogadores era motivado pela indefinição de Brandão ao escolher o time titular, e não devido ao perfil do treinador, como elogiado por Nunes.

Na coluna do dia 20²², data em que o Brasil estreava contra a Colômbia nas eliminatórias, Werneck demonstra acreditar em uma vitória brasileira devido à qualidade dos jogadores, mesmo esses estando em “mãos ineptas”, se referindo a Brandão. Entretanto, Werneck não restringe as críticas apenas ao técnico, mas também as dirige aos próprios dirigentes da CBD, comparando com as seleções que disputarão a Copa do Mundo no próximo ano, na Argentina: “Mas quando penso que no ano que vem os outros times estarão representados por dirigentes jovens, dinâmicos e interessados, por treinadores que estudaram e têm ideias a trocar e a debater, me dá um desanimo e uma secreta vergonha.” (WERNECK, 1977, p. 17).

²¹WERNECK, José Inácio. Campo Neuro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 314, 19 de fevereiro de 1977. 1º Caderno, Esporte, p. 23.

²²WERNECK, José Inácio. Campo Neuro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 315, 20 de fevereiro de 1977. 1º Caderno, Esporte, p. 17.

No jornal *O Globo*, edição do dia 19, na coluna *Meio Campo*, de Cláudio Mello e Souza, no texto *Amanhã vai chegar a hora da torcida: ela estará convencida?*²³ Souza comenta sobre a expectativa para a estreia do Brasil, acreditando que a qualidade individual dos jogadores resolva, tendo em vista a deficiência tática da seleção. Souza entende que a vitória nessas condições é o que importa e que no caso de derrota ou empate, não consideraria apenas o técnico como o culpado.

Mas se amanhã perdermos – hipótese que lucidamente não ousou considerar – ou se empatarmos – o que seria lamentável – que a culpa, ou parte dela, seja legitimamente atirada sobre os olhos dos que não querem ou já não pode, ver, e que fazem do ufanismo uma profissão. (SOUZA, 1977, p. 26).

Cláudio Mello e Souza atribui, então, a responsabilidade de um possível resultado negativo aos dirigentes da CBD, os responsáveis por manter o técnico no cargo, bem como aqueles que se recusam a admitir o mal desempenho da seleção, ao não aceitarem críticas a ela, devido ao ufanismo presente desde a conquista do tricampeonato.

Na mesma coluna, no texto *A Seleção dos Insensatos*²⁴, Mello e Souza rebate Heleno Nunes por ter entendido a sua crítica ao dirigente como uma ofensa pessoal, na ocasião em que noticiou uma possível substituição de Brandão pelos técnicos Minelli ou Claudio Coutinho. Mello e Souza, de forma irônica, considerou ter elogiado a CBD por essa ter reconhecido a incompetência de Brandão, buscado novos nomes com maior capacidade e que, ao não apostar no erro, estaria disposta a rever os planos de trabalho. Entretanto, segundo Souza, não foi assim que Nunes recebeu a notícia. Mello e Souza inicia o texto

“Aos infiéis, senhor, aos infiéis / e não a mim que creio o que podei”. Os versos lá estão, consagrados por Camões, e deles me lembro agora, nesses tempos obscuros, em que a crítica se confunde com a ofensa pessoal, e no qual os donos do poder – quero me referir, expressamente, ao Presidente da CBD, Heleno Nunes – acham que qualquer análise significa inaceitável rebeldia ou satânica subversão de valores. Ou, ainda, que a informação tem o gosto azedo da intriga. (SOUZA, 1977, p. 26).

Chama atenção os termos utilizados por Mello e Souza – rebeldia ou subversão – para demonstrar descontentamento com a forma na qual Heleno Nunes, ou os donos do poder, recebiam críticas, estabelecendo um paralelo com o autoritarismo vigente na política nacional.

²³SOUZA, Cláudio Mello e. *Amanhã vai chegar a hora da torcida: ela estará convencida?* IN: *Meio Campo*. O Globo, Matutina, Esportes, 19 de fevereiro de 1977, p. 26

²⁴SOUZA, Cláudio Mello e. *A Seleção dos Insensatos*. IN: *Meio Campo*. O Globo, Matutina, Esportes, 19 de fevereiro de 1977, p. 26

Na edição do dia 20, *O Globo*, Sérgio Noronha, que acompanhava a seleção em Bogotá, comenta em sua coluna, *O início do teste*²⁵, que Brandão não teve tempo de trabalho devido ao calendário apertado, e embora admita que o time tenha problemas, busca não criticar o técnico. Noronha acreditava numa vitória do Brasil, inclusive questionando até que ponto a Colômbia, considerada fraca, seria parâmetro para a seleção brasileira, que renovava os seus nomes e métodos.

Seja com críticas ou não, é evidente em ambos os jornais, uma perspectiva de vitória do Brasil, principalmente por considerarem elenco brasileiro bom e a Colômbia uma seleção fraca. Com o empate por 0 a 0, a pressão e as críticas em torno do desempenho da seleção se intensificam nos jornais analisados nos dias seguintes²⁶, com diversas matérias apontando os problemas e as limitações do treinador.

No entanto, Sérgio Noronha²⁷, enviado do jornal para acompanhar a seleção na Colômbia, entrevista Brandão e disponibiliza espaço para que o técnico argumentasse e explicasse as suas decisões no jogo. Embora Noronha identifique os problemas táticos e as escolhas do técnico, o tom utilizado é mais ameno que o apresentado pelo *Jornal do Brasil*.

Ainda no *O Globo* em *Proibição do técnico não impede a batucada*²⁸ é narrado o comportamento dos jogadores no voo de volta para o Brasil. O texto se inicia com uma fala de Brandão “– Não quero instrumentos no avião. O momento não é para carnaval” (O GLOBO, 1977, p. 26) afirmando que a ordem foi dada pelo técnico ainda no Hotel, e que não foi contestado, tendo em vista o mal desempenho no jogo. No entanto, ao embarcarem e por ser carnaval, improvisaram instrumentos e iniciaram um samba. O texto, em tom crítico e irônico, afirma que o resultado do jogo se tornou algo secundário, pois “Os jogadores estavam preocupados em desfilar na Avenida, como o atacante Nilson Dias, do Botafogo: – Tenho chegar à tempo de pegar a Beija Flor”. (O GLOBO, 1977, p. 26).

Por fim, o texto aponta para o comportamento oposto de jogadores e técnicos, sem necessariamente defender Brandão: “a simples pergunta – E o empate? – soava como uma

²⁵NORONHA, Sérgio. O início do teste. *O Globo*, Matutina, Esportes, 20 de fevereiro de 1977, p. 31

²⁶O jogo foi dia 20 de fevereiro e as edições dos jornais voltaram a circular apenas no dia 23, devido ao feriado de carnaval.

²⁷NORONHA, Sérgio. A ressaca do bloco do eu sozinho. *O Globo*, Matutina, Esportes, 23 de fevereiro de 1977, p. 25.

²⁸Proibição do técnico não impede a batucada. *O Globo*, Matutina, Esportes, 23 de fevereiro de 1977, p. 26

maldição. Para os jogadores, era hora de falar em carnaval. Azar de quem não gostou do 0 a 0 com a Colômbia. Azar de Brandão, que queria um ambiente de tristeza”. (O GLOBO, 1977, p. 26).

João Saldanha escreve em sua coluna, *O time é bom*²⁹, a necessidade de uma limpeza no comando da seleção, apontando para a qualidade técnica do elenco. Saldanha demonstra descontentamento com a expressão “espírito de seleção”, muito utilizado pelos dirigentes da CBD, que entendem como uma característica para jogar pela seleção.

Vida que segue e não é bem isto. Eu fiquei foi estarecido. Tenho avalizado a Seleção e continuarei a fazer. É um time de cobras. Lembro 1966. Lá estavam: Carlos Alberto, Brito, Joel, Rildo, Gérson. E na frente Jairzinho, Pelé, Tostão e Edu. Lembram-se desta turma? Pois foram chamados de tudo. Gérson não tinha espírito de Seleção. O que quer dizer este troço de espírito de Seleção? Será que é o bem comportadinho, que só diz sim senhor, ou o dedo duro que entrega companheiros? (SALDANHA, 1977, p. 22).

Pode-se interpretar que Saldanha faz alusão a ausência de Paulo César, que vivia uma ótima fase e a imprensa pedia pela sua convocação. O jogador foi barrado na seleção no final da Copa de 1974 por Heleno Nunes e o Brigadeiro Jerônimo Bastos. O último também estava presente na Copa de 1970, a convite de Havelange.

Já Cláudio Mello de Souza, no texto *Pela esquerda, o vazio*³⁰, o maior de sua coluna, foi direto ao questionar a convocação de Brandão, que deixou Joãozinho e Paulo César de fora. Mello de Souza afirma que Brandão preferiu seguir os caminhos sinuosos da política, “desprezando Paulo César em obediência a palavra oficial” (p. 24). Mello de Souza, então, relembra o episódio em que Paulo César foi barrado, em 1974

Na verdade, Paulo César está barrado da seleção desde a Copa de 74, quando o Brigadeiro Jerônimo Bastos declarou, alto e bom som, que aquele jogador jamais voltaria a vestir a camisa da seleção. Se duvidam de minha palavra que não duvidem dos arquivos dos jornais: deles consta a palavra de Jerônimo Bastos. É claro que em 74 Paulo César foi um jogador bisonho e omissos, e sobre ele boa parte de nosso insucesso poderá ser atirada. Mas aconteceu quase que a mesma coisa com Gérson, em 66, e Gérson foi quem foi em 70. Por que não conceder a Paulo César o benefício da dúvida? Em nossa inexistente extrema esquerda, terra de ninguém, ele seria, ao menos, alguém. (SOUZA, 1977, p. 24).

Nota-se, então, que já durante a era Brandão, haviam questionamentos diretos a respeito de certa interferência da CBD e seus dirigentes militares na escalação da seleção. Esses questionamentos se intensificaram durante a campanha da Copa de 1978. Outra

²⁹SALDANHA, João. O time é bom. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 317, 24 de fevereiro de 1977. 1º Caderno, Esporte, p. 22.

³⁰SOUZA, Cláudio Mello e. Pela esquerda, o vazio. IN: Meio Campo. O Globo, Matutina, Esportes, 24 de fevereiro de 1977, p. 24.

similitude nas análises de Saldanha e Mello de Souza foi a citação ao caso de Gerson, criticado e quase barrado por falta de “espírito de seleção” após a Copa de 66, mas que se tornou um dos pilares da seleção tricampeã em 1970.

Mello de Souza critica o desempenho e o comportamento dos jogadores após a derrota, ao fazerem batucada no voo de volta, e o técnico Brandão, demonstrando que a seleção precisava de renovação. Contudo, Mello de Souza vai além em suas críticas, não se restringindo apenas aos resultados dentro de campo, e após um resultado negativo do Brasil, é o momento para questionar os valores gastos pela CBD com a seleção brasileira. Mello de Souza disponibiliza em sua coluna dois textos para tratar do assunto.

*Em Quanto custa uma decepção?*³¹ escreve:

De qualquer forma, direta ou indireta, o dinheiro que sustentou a milionária preparação do escrete brasileiro, nesses quase dois meses que antecederam o jogo com a Colômbia, saiu de nossos bolsos, do bolso do contribuinte. Quanto custou a cada um de nós cada minuto da quele empate repassado de melancolia? Se já não podemos saber quanto nos custaria a glória de uma goleada, dessas que nos deixam a alma mais leve para suportar encargos mais pesados, que pelo menos nos digam que cada minuto de covardia, que cada minuto de omissão, que cada minuto de incompetência, que cada minuto de inibição nos custou tanto. Ficaremos sabendo – se é que isso consola – quanto nos custou mais uma decepção. (SOUZA, 1977, p. 24).

Mello de Souza questiona os valores investidos na seleção, especialmente no jogo contra a Colômbia, tendo em vista que foram 20 dias de preparação no país vizinho. Ainda que a CBD fosse uma entidade privada, recebia aportes do Conselho Nacional de Desportos, pertencente ao governo brasileiro. Além disso, de forma irônica, demonstra que seu descontentamento com os valores não se resume apenas ao resultado insatisfatório, mas também nas “glórias de uma goleada”.

*Já em Mordomia*³²

O Vasco está feliz por ter sido o clube escolhido para receber a seleção brasileira, por alguns dias. Não por patriotismo, ou só por patriotismo, sentimento que seus dirigentes não recusarão. Mas também por interesse. Vestiários reformados, concentração com tapetes e televisões a cores, um bom ar refrigerado para aclimatar melhor os jogadores brasileiros mal habituados ao calor, e um refeitório convenientemente adaptado a fim de atender, a preços módicos, pala dares exigentes. Depois, encerrado o período de concentração, os jogadores do Vasco terão do bom e do melhor. Se o Botafogo, por exemplo, tivesse o mesmo apadrinhamento com que o Vasco contou, quem sabe até não arranjaria um excelente campo para treinar na época das vacas magras? Se o

³¹SOUZA, Cláudio Mello e. Quanto custa uma decepção?. IN: Meio Campo. O Globo, Matutina, Esportes, 24 de fevereiro de 1977, p. 24.

³²SOUZA, Cláudio Mello e. Mordomia. IN: Meio Campo. O Globo, Matutina, Esportes, 24 de fevereiro de 1977, p. 24.

Vasco estiver pagando tudo isso – coisa de que duvido pois seus cofres andam vazios – tudo bem. Trata-se de um clube de patriotas. Mas se for a CBD, que Deus nos acuda. E viva a mordomia. (SOUZA, 1977, p. 24).

No segundo texto, Mello de Souza critica o investimento realizado nas reformas de melhorias do estádio São Januário, pertencente ao Vasco da Gama, que serviu de concentração da seleção brasileira no Brasil, pois acredita que o aporte financeiro não partiu do Vasco, e sim da CBD. Além de criticar de forma irônica o ambiente, a exemplo do trecho “ar refrigerado para aclimatar melhor os jogadores brasileiros mal habituados ao calor”, e o apadrinhamento do Vasco, possível referência ao fato de Heleno Nunes ser ex-dirigente do clube, ironiza também o suposto patriotismo, entendido por ele como regado a interesses, o que demonstra o esgotamento do ufanismo que se fazia presente desde o início dos anos 1970. Dessa forma, as críticas voltadas para tal patriotismo se tornam cada vez mais presentes, principalmente nos períodos de má fase da seleção.

Na edição do dia 25, ambos os jornais reservam um pequeno espaço em seus cadernos de esporte para noticiar uma declaração do Ministro da Educação e Cultura, Nei Braga, a respeito das acusações de que estaria interferindo na seleção para realizar mudanças nas convocações e no próprio comando técnico.

O *Jornal do Brasil*, na matéria *Falhas da Seleção já preocupam Nei Braga*³³ reproduz sua fala, no qual nega qualquer interferência, mas como torcedor pensa da mesma forma que os outros 110 milhões, ou seja, que as falhas da equipe deveriam ser corrigidas. Segundo o jornal, o Ministro afirmou que o Brasil, quando enfrentasse o Paraguai, teria a obrigação de apresentar um desempenho melhor, e que também tinha o direito de criticar a seleção: “Finalizando, disse o Sr. Nei Braga que é preciso ficar claro que, como fervoroso torcedor, tem todo o direito de criticar a Seleção, o que não deve ser interpretado como ingerência em assuntos de competência exclusiva da CBD.” (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 26).

Para além de uma suposta interferência na seleção, fica claro que a preocupação dos homens do governo com a seleção não diminui ao longo da década de 70, mas apenas há uma troca de personagens: se em 1970 Médici era quem dava as suas opiniões futebolísticas, no governo Geisel não é o presidente quem o fazia, e sim seu Ministro, obviamente com todas as diferenças.

³³Falhas da Seleção já preocupam Nei Braga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 318, 25 de fevereiro de 1977. 1º Caderno, Esporte, p. 26.

Por sua vez, no *O Globo*, com o título *Ney Braga quer seleção com mais garra*³⁴, em destaque na página e de autoria da equipe de Brasília, o pequeno texto afirma que o ministro considerou o empate na estreia como lamentável, e pediu mais garra aos jogadores ao comentar sobre suas atuações. Por fim, é expressado no texto um questionamento direcionado ao Ministro, no qual foi indagado se confiava em um melhor desempenho da seleção sob o comando de Brandão, respondendo após um sorriso “A CBD é autônoma e não tenho poder para escolher ou demitir seu funcionário”. (O GLOBO, 1977, p. 30).

É perceptível a diferença de perfil do Ministro apresentado pelos jornais, sendo demonstrando pelo *JB* um Ney Braga preocupado com a seleção, mais como um torcedor entre os 110 milhões. Já no *O Globo*, o perfil apresentado é de um Ney Braga mais duro, que recorre aos jogadores do passado para analisar os do presente, além de afirmar não ter o poder para demitir ou escolher algum funcionário da CBD, deixando a entender que essa seria a sua vontade.

Entre defesas e críticas ao técnico Brandão nas páginas dos cadernos de esportes de ambos os jornais, poucos acreditavam em uma demissão do técnico, tampouco em um pedido feito por ele mesmo. No entanto, José Inácio Werneck escreveu em sua coluna *Campo Neutro*³⁵, na edição do dia 26, que Claudio Coutinho seria o melhor nome para assumir a seleção, pois é atualizado a respeito da evolução do futebol. Werneck, se questionava em que mês de 1977 Brandão cairia, e se “arrastaria consigo toda a toda essa imensa catedral que é cúpula da cebedense” (WERNECK, 1977, p. 23), foi certo em sua sugestão: um dia depois, Claudio Coutinho tornou-se o novo técnico da seleção.

Na primeira página da edição de 27 de fevereiro, o *O Globo*³⁶ anunciava a saída de Brandão e a chegada de Coutinho, apontando que Brandão alegou problemas particulares como motivo de seu pedido de demissão, anunciado a Richer logo ao chegar de Bogotá, na manhã do dia 26.

³⁴Ney Braga quer seleção com mais garra. *O Globo*, Matutina, Esportes, 25 de fevereiro de 1977, p. 30.

³⁵WERNECK, José Inácio. *Campo Neutro*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 319, 26 de fevereiro de 1977. 1º Caderno, Esporte, p. 23.

³⁶Brandão sai. Coutinho é o novo técnico da seleção. *O Globo*, Matutina, Primeira Página, 27 de fevereiro de 1977, p. 1.

No *Jornal do Brasil*, a demissão do técnico foi noticiada de forma discreta³⁷, sem espaço na primeira página. José Inácio Werneck, em sua coluna *Campo Neutro*³⁸, faz um breve comentário sobre a saída de Brandão, que em sua opinião, mesmo o técnico saindo invicto, não tinha o apoio de nenhum analista sério do futebol brasileiro. Werneck, além de criticar a batucada dos jogadores em um momento não propício, também cita o ambiente na seleção brasileira, que para ele está ruim, devido às críticas do jogador Lula ao desempenho de seus colegas. Ainda sobre o ambiente da CBD, Werneck escreve

A estranha atmosfera não se limita aí, pois a CBD, que é uma entidade privada e destinada exclusivamente ao futebol, anda a confundir as coisas e se julga agora órgão da segurança nacional. Já noutro dia o Sr Mozart di Giorgio dizia haver "interceptado" um telex em que um editor de jornal pedia a seus repórteres matérias "críticas" sobre a Seleção e fazia ao mesmo ameaças veladas.

Ora, não vou explicar aos leitores que um texto crítico é um texto analítico, que pode ser até favorável. Não explico aos leitores, pois eles são inteligentes. Explico ao senhor Mozart di Giorgio.

Como se não bastasse, o senhor Cavaleiro, chefe da delegação, fazia no avião de volta ameaças do mesmo naipe a editores de jornal. Não sei se o senhor Cavaleiro terá participado da batucada. Acredito que não. Mas me pergunto o que é mais alienado: batucar um samba naquelas tristes circunstâncias ou mostrar incompreensão do que vem a ser matéria jornalística sobre um mero time de futebol. (WERNECK, 1977, p. 27).

Werneck, de forma direta, deixa claro a sua insatisfação com as práticas autoritárias dos dirigentes da CBD. O incômodo com a forte ligação entre os militares e CBD – uma instituição privada, como apontado por Werneck – tende a ficar mais latente com o passar dos anos e as críticas a essa relação se tornam cada vez mais comuns, principalmente em momentos de má fase da seleção. Além disso, o texto de Werneck evidencia que as práticas autoritárias da CBD não eram necessariamente aplicadas por militares, mas também por civis.

O colunista Sérgio Noronha escreve *A renúncia que estava no ar*³⁹, sobre as queixas de Brandão acerca das possíveis intromissões de Nunes em sua escalação, especialmente ao barrar o jogador Marinho:

Foi na terça-feira, em voz baixa, que ele pela primeira vez admitiu renunciar. Alguém lhe disse que os jornais noticiavam a disposição do presidente Heleno Nunes em lhe cobrar a barração de Marinho, e ele deixou escapar em voz baixa:

³⁷Talvez por a edição ficar pronta após a demissão.

³⁸WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 320, 27 de fevereiro de 1977. 1º Caderno, Esporte, p. 27.

³⁹NORONHA, Sérgio. A renúncia que estava no ar. *O Globo*, Matutina, Esportes, 27 de fevereiro de 1977, p. 37.

– Dou conta de tudo o que o presidente quis saber, menos das minhas razões táticas. O presidente Heleno Nunes tem a faca e o queijo na mão: se ele quiser pode me demitir, porque aí vou tratar da minha vida em outro lugar. (NORONHA, 1977, p. 37).

Diferente do argumentado pelo treinador na entrevista coletiva, é possível ter ocorrido algum tipo de cobrança de Nunes a respeito da escalação, mesmo que não fosse algo fundamental para o seu pedido de demissão. Entretanto, Noronha confirma os problemas pessoais e de saúde do técnico.

Cláudio Mello e Souza em *Para o futuro*⁴⁰ afirma que nunca entendeu as motivações para a escolha de Brandão como técnico, pois não apresentava nada de novo para a seleção, mas elogia o seu pedido de demissão, afirmando que isso só o enobrece, pois teve a lucidez de perceber as suas limitações. Por fim menciona que corajosamente Brandão fechou as portas do passado e que, também corajosamente, Coutinho saiba abrir as portas do futuro.

1.4 Coutinho é o homem

O técnico escolhido para ocupar o cargo foi o Capitão Claudio Coutinho, preparador físico da seleção em 1970 e coordenador técnico em 1974, anunciado em 27 de fevereiro de 1977. Com a nova comissão técnica formada e com maior presença militar, a seleção dá continuidade à busca por uma vaga no próximo mundial.

O *Globo* na matéria *Em Teresópolis, a rápida escolha*⁴¹, aborda o recebimento do pedido de demissão do técnico por André Richer, Almir de Almeida e Heleno Nunes, e o processo de escolha do novo técnico, no qual estavam em dúvida entre três nomes já vinculados pela imprensa: Mário Travaglini, Rubens Minelli e Cláudio Coutinho.

“Heleno Nunes, numa conversa rápida, foi logo dando carta branca a Richer para escolher o novo técnico.

[...] O presidente Heleno Nunes só queria uma coisa: que a escolha fosse feita logo, ali mesmo, para não complicar mais ainda a situação da seleção. Richer foi rápido:

– Cláudio Coutinho é o homem.

Pronto. Estava resolvido o problema. O nome do novo treinador já podia ser anunciado, em alto e bom som, aos jogadores da seleção, durante a reapresentação de ontem à noite, em São Januário. (O GLOBO, 1977, p. 37).

⁴⁰SOUZA, Cláudio Mello e. *Para o futuro*. O Globo, Matutina, Esportes, 27 de fevereiro de 1977, p. 37.

⁴¹Em Teresópolis, a rápida escolha. O Globo, Matutina, Esportes, 27 de fevereiro de 1977, p. 37.

Na edição do dia 28 do *JB*, são vistos mais comentários a respeito da contratação de Coutinho, que de forma geral foi bem aceita. João Saldanha, em *Páreo por Páreo*⁴², entende que a mudança no comando técnico foi para melhor, criticando o futebol “medo” apresentado por Brandão. Na visão de Saldanha, Coutinho, em sua convocação, colocou fim ao que chamava de espírito provinciano da seleção e eliminou injustiças, convocando jogadores que de fato mereciam ser chamados.

No entanto, em relação aos jogadores que ficaram fora da nova lista, chama a atenção a declaração do jogador Givanildo⁴³, que se mostrou mais indignado com a convocação de Paulo César, do que com a sua não convocação.

Coutinho tem suas preferências e acho normal que tenha chamado outros jogadores. Mas não entendi por que fui cortado enquanto meus reservas – Caçapava e Tereso – permaneceram. No entanto, o que mais me deixa estarecido, decepcionado mesmo, é a convocação de Paulo César. O Almirante Heleno Nunes, não faz muito tempo, disse que Paulo César não seria convocado enquanto ele presidisse a CBD. Então, não entendo mais nada. Não estou acusando Paulo César, mas sim estranhando o comportamento do Almirante. (O GLOBO, 1977, p. 19).

Na edição do dia seguinte, 01 de março, Werneck reforça o que foi dito por Givanildo, mas não em concordância, e sim entendendo que a não convocação de Paulo César por Brandão não foi devido a um suposto obstáculo do treinador, mas sim de Heleno Nunes. Para ele, Brandão foi escolhido como técnico por possuir temperamento amigável e a tendência de sempre acatar ou procurar as ordens dos superiores. Argumenta também que quando o Ministro Nei Braga disse não ter nada contra Paulo Cesar, sobrou apenas para Heleno Nunes o obstáculo para a convocação do jogador. “E este não encontrou melhor maneira de se descartar do que permitindo a Coutinho chamar o jogador. (Nem havia necessidade de permitir; bastava omitir o veto).” (WERNECK, 1977, p.27). Werneck afirma que Nunes confirmou o veto a Paulo Cesar em entrevista oferecida a ele próprio, para a *Revista de Domingo*.

Werneck finaliza o texto com duas críticas: a primeira de forma irônica ao Ministro Nei Braga por realizar comentários sobre o futebol, tendo em vista a antiga reivindicação de um órgão específico para os esportes. Disse “tenho horror a burocracia e à criação de mais ministérios, mas já que o envolvimento governamental é inevitável,

⁴²SALDANHA, João. Páreo por Páreo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 321, 28 de fevereiro de 1977, 1º Cadernos, Esportes, Futebol, p. 18.

⁴³ Nova lista foi a decepção para três. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 321, 28 de fevereiro de 1977, 1º Cadernos, Esportes, Futebol, p. 19.

me parecia melhor criarem ao menos uma Subsecretaria de Esportes” (WERNECK, 1977, p. 27). A segunda foi direcionada aos críticos de Coutinho, que o consideravam um técnico sem experiência. Werneck demonstra confiança no técnico, o entendendo como possuidor de um perfil moderno para a função.

Na edição do dia primeiro de março, Noronha mantém o posicionamento menos otimista em relação a Coutinho ao expressar em *Panorama visto de São Januário*⁴⁴, o clima sério dos jogadores e jornalistas, contrastando com o ambiente mais animado dos tempos de Brandão. O curioso é que apenas Noronha apresenta tal ponto de vista, além de que, na mesma página, é noticiado que os jogadores estão descontentes com o alojamento em São Januário, pois esse ainda passava por reforma e concentrava diversos problemas em sua estrutura⁴⁵, podendo também interferir no humor dos jogadores. Em contraste com o apontado por Noronha, o *JB* noticia o entusiasmo dos jogadores ao realizarem novos treinamentos estipulados por Coutinho, ressaltando mais uma vez a característica moderna do técnico⁴⁶, bem como Werneck, que entendeu como excelente o primeiro treino da seleção⁴⁷.

Ainda na edição do dia primeiro do *O Globo*, Cláudio Mello e Souza, em sua coluna, elogia a escolha de Coutinho como técnico, acreditando que agora a seleção terá um estilo de jogo moderno, com as características do futebol brasileiro. Critica a CBD pela demora na mudança e pelo tempo e pontos perdidos, no entanto acredita na capacidade de Coutinho, o entendendo como capaz de aplicar um estilo moderno de futebol. (p. 30).

O autor separa um espaço em sua coluna para rebater as críticas direcionadas pela imprensa paulista ao técnico Coutinho, que se mostrava contrária à contratação do técnico, fruto da rivalidade entre a imprensa esportiva de São Paulo e Rio de Janeiro⁴⁸. Para ele, os paulistas demonstravam despreço pela indicação de Coutinho, lhe negando

⁴⁴NORONHA, Sérgio. *Panorama visto de São Januário*. O Globo, Matutina, Esportes, 01 de março de 1977, p. 31

⁴⁵*Panorama visto de São Januário*. O Globo, Matutina, Esportes, 01 de março de 1977, p. 31

⁴⁶Tudo se modifica, até o ânimo dos jogadores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 322, 01 de março de 1977, 1º Caderno, Esporte, p. 28.

⁴⁷ Werneck. José Inácio. *Campo Neutro*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 323, 02 de março de 1977, 1º Caderno, Esporte, p. 27.

⁴⁸SOUZA, Cláudio Mello e. *A reação*. IN: *Meio Campo*. O Globo, Matutina, Esportes, 03 de março de 1977, p. 38

maturidade e competência. Cita também um comentário de jornalista de São Paulo, seu amigo Carlito Maia, em carta enviada a Mello e Souza:

“Para exemplificar, reproduzo trecho de um dos bilhetes de Carlito Mala, irreverente pessimista: “E esse capitão aí (refere-se a Coutinho, é claro) no lugar do Brandão? Será que vocês (isto é, nós cariocas) não percebem que não há mais o tal de futebol no Brasil?” (SOUZA, 1977, p. 38).

Mello e Souza responde apontando que não apenas Brandão, mas toda uma geração de técnicos do Brasil está ultrapassada, e por isso a sua confiança em Coutinho, um técnico de novas ideias. Por fim, é dito que acredita numa possível mudança do jogador brasileiro baseado no “trabalho de ousada renovação que Coutinho quer e pode fazer, em termos de seleção, ou as idéias menos ousadas mas igualmente brilhante de um Minelli.” (p. 38). Acredita que o novo jogador não será como o de antigamente, “mas um jogador que saberá pôr o talento individual a serviço de um coordenado esforço coletivo. Perdoe-me, Carlito Maia, se meu otimismo o incomoda. Mas estou otimista” (SOUZA, 1977, p. 38).

Mello e Souza sintetiza o otimismo daqueles que concordaram com a contratação de Coutinho, sempre percebendo o técnico como esperança da tão discutida modernização do futebol brasileiro, capaz de mudar a própria mentalidade do jogador dentro de campo, mesmo pouco experiente na função de treinador.

No entanto, o texto de Mello e Souza também evidencia o desconforto de parte da imprensa paulista com a contratação de Coutinho, e, conseqüentemente, a defesa dos cariocas. O mesmo ocorreu na coluna de Werneck Sodré⁴⁹, na edição do dia 03 de JB. Na ocasião, Werneck fez uma defesa de Coutinho após o jornal *Estado de São Paulo* noticiar, em tom crítico, que o treinador fez modificações no time apenas dois dias antes do amistoso contra o combinado Vasco-botafogo, disputado no mesmo dia 3. Além disso, o próprio *O Globo* noticiou⁵⁰ como bem humorada a resposta dada por André Richer a um radialista paulista, ao ser perguntando quando Coutinho cairia do comando da seleção: “Bem, ele pode cair agora. É só escorregar e cair ali. Não sei, mas certamente veremos. Eu posso cair, você pode cair. É só isso?” (O GLOBO, 1977, p. 39).

⁴⁹WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 324, 03 de março de 1977, 1º Caderno, Esporte, p. 29.

⁵⁰Richer não perde o bom humor. O Globo, Matutina, Esportes, 03 de março de 1977, p. 39.

Sérgio Noronha⁵¹, por sua vez, concentra seus argumentos em relação a CBD, especificamente em seus gastos e negócios financeiros em meio a uma possível não classificação do Brasil para a Copa. Noronha afirma que a CBD tenta convencer os jogadores de que servir a seleção exige sacrifício, mas sem receber por isso. A nível de exemplo, citou dois casos em que os atletas não ganharam nada com acordos realizados entre a CBD e empresas de material esportivo, no qual os jogadores serviram de vitrines, as empresas ganhavam com publicidade e a CBD ficava com os lucros. Noronha ainda lembra da atitude de Richer em reunir os jogadores para comunicar que a questão dos prêmios não seria discutida, restando aos esses aceitar ou abrir mão dos valores.

Os jogadores evitam falar no assunto, por saber que no momento qualquer discordância será taxada de falta de patriotismo, principal mente quando o Brasil está em dúvidas quanto à sua classificação. Aliás, eles estão evitando falar de qualquer assunto que não seja estritamente futebol, temerosos de serem mal interpretados.

[...] Não me venham com patriotismo, porque insisto que não se deve misturar pátria e futebol.

Aliás, o futebol ultimamente esteve misturado demais com a política, e agora parece ser a solução para alguns problemas financeiros da CBD. (NORONHA, 1977, p. 39).

Além de argumentar sobre a questão financeira da CBD, polêmica desde os tempos de Havelange, Noronha demonstra incômodo com o espírito de patriotismo sempre utilizado pelos dirigentes da instituição, militares ou não, a respeito de um padrão de comportamento dos jogadores em que os proibia de contestar as ordens. Assim como acontecia na política nacional, a contestação ao sistema vigente por meio da imprensa esportiva começa a ficar mais clara, questionando a relação entre a ditadura e o futebol, cujo o objetivo, além de ufanista, também é financeiro. No entanto, não pode ser ignorado o fato de Noronha não ter sido a favor da demissão de Brandão, por vários motivos, entendendo o mau desempenho do técnico como fruto da própria má gestão da CBD, inclusive lembrando que Coutinho poderia sofrer o mesmo, como já apontado.

Em relação à estreia de Coutinho no amistoso entre a Seleção e o combinado Vasco-Botafogo, disputado no dia 3 de março, a performance do Brasil foi elogiada por ambos os jornais, ressaltando as grandes mudanças táticas em tão pouco tempo de trabalho, além do próprio resultado, uma vitória por 6 a 1⁵².

⁵¹NORONHA, Sérgio. Lucros e perdas. O Globo, Matutina, Esportes, 03 de março de 1977, p. 39.

⁵²Na goleada, o novo futebol da seleção. O Globo, Matutina, Esportes, 04 de março de 1977, p. 32; Seleção melhora o seu padrão e ganha de goleada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 325, 04 de março de 1977, 1º Caderno, Esporte, p. 24.

Dessa forma, a expectativa em cima de Claudio Coutinho era de jogo bonito e ofensivo, resgatando os tempos de futebol arte⁵³ e o fato de ser Capitão do Exército não parecia ser um problema, muito diferente do contexto um ano mais tarde. A Seleção de Coutinho joga, no dia 9, a partida de volta contra a Colômbia, no Rio de Janeiro, dando continuidade às eliminatórias. Embora a confiança fosse alta, era um jogo fundamental para o Brasil, pois qualquer resultado que não fosse a vitória, poderia encaminhar a primeira desclassificação da seleção de uma Copa do Mundo.

⁵³Seleção promete jogo ofensivo contra a Colômbia. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, Nº 330, 09 de março de 1977, 1º Caderno, Esporte, p. 27, 28 e 29; Brasil entra em campo para decidir logo de saída. O Globo, Matutina, Esportes, 09 de março de 1977, p. 32.

2. O INÍCIO DA JORNADA - AS ELIMINATÓRIAS

O segundo capítulo objetiva traçar a trajetória da seleção brasileira durante as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1978, a partir do primeiro jogo sob o comando de Claudio Coutinho. Havia esperanças de que Coutinho conseguisse implantar as mudanças necessárias na equipe, e o fato de o técnico ser militar não era visto como um problema. No entanto, com o desenrolar do campeonato, principalmente com os tropeços, as discussões sobre um militarismo que inibe o verdadeiro futebol brasileiro, bem como os incômodos com certas atitudes dos dirigentes da CBD passaram a ser explícitos, vistos como prejudiciais à seleção.

2.1 A primeira fase das eliminatórias – entre a expectativa e velhos problemas

A seleção Brasileira, agora comandada por Claudio Coutinho, retoma a caminhada em busca da classificação para o Mundial no jogo contra a Colômbia, no Estádio Maracanã, em 09 de março de 1977. Uma vitória brasileira era fundamental, e essa foi alcançada por um placar elástico, renovando as esperanças da retomada do saudoso futebol arte brasileiro: 6 a 0 contra os colombianos.

José Inácio Werneck⁵⁴ disponibiliza um pequeno espaço em sua coluna para comentar sobre o jogo, enfatizando os bons atributos da equipe. Na coluna da edição seguinte⁵⁵, Werneck tece mais elogios à seleção. Para ele, a melhora ocorreu devido à troca de técnicos, contudo reforça que os dirigentes da CBD são os principais responsáveis pelos maus momentos da seleção, e que ainda continuam em seus postos. Werneck os cita, não escondendo as suas patentes militares: o presidente Almirante Heleno Nunes, e o chefe de delegação, Coronel Carlos Alberto Cavalheiro.

João Saldanha⁵⁶ não apenas elogia o desempenho da seleção, como afirma que a vitória colocou fim às campanhas desenhadas para qualquer jogador, oriundo de um time popular, pudesse jogar pela seleção. Saldanha, sem apontar nomes, cita um jogo de interesses por de trás da convocação de alguns jogadores medianos, cujo objetivo era agradar as torcidas populares, que seriam bons contingentes eleitorais, e até mesmo candidatos a cargos políticos. Nesse sentido, Saldanha entende que Brandão havia cedido

⁵⁴WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 331, 10 de março de 1977. 1° Caderno, Esporte, p. 33.

⁵⁵WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 332, 11 de março de 1977. 1° Caderno, Esporte, p. 33.

⁵⁶SALDANHA, João. Outro time. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 332, 11 de março de 1977, 1° Cadernos, Esportes, Futebol, p. 28.

às pressões, convocando uma seleção medíocre e Coutinho, por sua vez, convocou quem de fato merecia estar no escoteiro. As discussões a respeito de interesses e intervenções na seleção não ficam restritas apenas a Brandão, sendo evidente durante a Copa de 1974 e quatro anos depois, na Copa de 1978.

No *O Globo*, as notícias sobre o jogo⁵⁷ e as colunas de Claudio Mello de Souza⁵⁸ e Sergio Noronha⁵⁹ se limitam a elogiar o desempenho da seleção e o método ofensivo do técnico Coutinho. Aqui, mais uma vez, a patente do técnico não é utilizada ao se referirem a ele. Ainda no *O Globo*, na edição do dia 12, véspera do jogo contra o Paraguai, o jornal apresenta também o entusiasmo da torcida brasileira – cariocas – em relação à seleção e ao técnico Coutinho.

Segundo o jornal, as torcidas organizadas de Vasco (Força-Jovem) e Botafogo estavam organizando uma homenagem a Coutinho e Paulo Cesar durante o embarque da seleção, no aeroporto Galeão. O programado era para o técnico receber uma medalha de reconhecimento por ter devolvido a confiança ao time, além do jogador receber um troféu por sua volta a seleção e exibição contra a Colômbia. (O GLOBO, 1977, p. 30)⁶⁰.

O jornal também destaca a caravana preparada por torcedores de São João do Meriti rumo a Assunção para acompanhar a seleção. Em um trecho, é informado que os torcedores realizaram uma enquete, que revelou que estes não iriam ao Paraguai caso o técnico fosse Brandão, ressaltando os elogios a Coutinho e à seleção⁶¹. Percebe-se a tentativa de legitimar o técnico ao demonstrar o apoio de torcedores, reforçando a preferência do jornal pela escolha de Coutinho.

O clima geral era de otimismo, principalmente pela situação confortável da seleção: bastava uma vitória contra o Paraguai, em partida disputada no dia 13 de março, para o Brasil encaminhar a classificação para a fase final das eliminatórias. Pelo lado paraguaio, uma vitória significaria jogar pelo empate na partida de volta contra o Brasil, garantindo a sua classificação. Dessa forma, o entendimento em ambos os jornais era de que seria um jogo tenso e muito difícil para o Brasil, tendo em vista que o Paraguai era

⁵⁷Goleada leva a seleção à liderança do grupo; Falcão ou Caçapava no lugar de Zico, domingo. *O Globo*, Matutina, primeira página, 10 de março de 1977, p. 1; Brasil goleia e passa a liderar o grupo. *O Globo*, Matutina, Esportes, 10 de março de 1977, p. 42.

⁵⁸SOUZA, Cláudio Mello e. Meio Campo. *O Globo*, Matutina, Esportes, 10 de março de 1977, p. 40.

⁵⁹NORONHA, Sérgio. Lições das coisas. *O Globo*, Matutina, Esportes, 10 de março de 1977 p. 41.

⁶⁰1. *O Globo*, Matutina, Esportes, 12 de março de 1977 p. 30.

⁶¹Se Brandão fosse técnico, não haveria essa excursão. Uma enquete prova isso. *IN*: Meriti vai a Assunção torcer pelo Brasil. *O Globo*, Matutina, Esportes, 12 de março de 1977 p. 30.

melhor tecnicamente que a seleção colombiana. Com a partida disputada em território paraguaio, o Brasil conseguiu uma vitória pelo placar de 1 a 0 contra os donos da casa, praticamente garantindo a classificação antecipada para a próxima fase, já que para o Paraguai restava vencer o Brasil por quatro gols de diferença na partida da volta.

No *JB*, são realizados comentários sobre o jogo, desempenho da seleção e pontos para melhora, ressaltando a posição confortável da seleção. No entanto, a grande manchete da edição do dia 14 de março, na seção especial de esportes de toda segunda feira, foi a notícia de que Coutinho deixaria o comando da seleção após o jogo da volta contra o Paraguai⁶². Antes da partida, segundo o jornal, Coutinho declarou

O descontentamento do técnico, se refere às críticas que sofria por sua inexperiência e pelo modo como se deu a demissão de Brandão. Além disso, a sua contratação, entendida como fruto de pressão da imprensa carioca, não agradou parte da imprensa paulista e alguns outros jogadores e técnicos, justamente aqueles que mais criticavam o técnico. Vale lembrar que nas páginas do *JB* era visível o apoio ao técnico e seus métodos, vistos como promissores.

Ao desembarcar no aeroporto Galeão, o próprio Heleno Nunes faz o convite a Coutinho para que ele siga como técnico da seleção até o final da Copa do Mundo. Coutinho afirmou em entrevista que seu contrato iria até o final da primeira fase da eliminatória, mas devido ao convite de Nunes e Richer não teve como recusar. Os termos foram os seguintes: Coutinho retornaria à sua função no Flamengo para a disputa do Campeonato Carioca, comandaria a seleção em dois amistosos e em junho retornaria à seleção para disputar a fase final das eliminatórias. A partir de 1978, seria técnico exclusivo da seleção⁶³.

O *Globo* notícia a vitória da seleção logo na capa da edição do dia 13, com uma foto do gol que ocupa espaço de destaque⁶⁴. São apresentadas análises positivas sobre o desempenho da seleção, apesar da vitória apertada com um gol contra dos paraguaios. Sérgio Noronha⁶⁵ entende que Coutinho deve classificar o Brasil de forma mais tranquila que o esperado. Para ele, a crise criada após o empate em Bogotá foi importante para a

⁶²PRADO, Renato Maurício; VEIGA, Almir. Coutinho deixa a seleção no próximo jogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 335, 14 de maio de 1977. Esporte, p. 17.

⁶³ Coutinho acerta com a CBD até o final da Copa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 336, 15 de maio de 1977. 1° Caderno, Esporte, p. 32.

⁶⁴Nesta edição as fotos da vitória do Brasil. *O Globo*, primeira página, 14 de março de 1977.

⁶⁵NORONHA, Sérgio. A Virada. *O Globo*, esportes, 14 de março de 1977, p.31.

mudança do comando técnico, o que não aconteceria caso o Brasil tivesse vencido a Colômbia. Para ele, não apenas a entrada de Coutinho foi fundamental para a mudança do estilo de jogo da seleção, mas o estado de choque dos jogadores também permitiu que a mudança acontecesse.

Na primeira página do dia 14, em destaque, *Seleção: a alegria no avião da volta*⁶⁶ demonstra a felicidade dos jogadores no avião, reforçando a imagem de tranquilidade do elenco. Ao desembarcar, os repórteres do jornal entrevistaram Claudio Coutinho, que foi apresentado de forma diferente da repercutida pelo *JB*. Se no *JB* a impressão era de que havia de fato a possibilidade de Coutinho sair, o apresentado pelo *O Globo*, em *Coutinho: Brasil está no caminho certo para ganhar a Copa do Mundo*⁶⁷, foi bem diferente.

A notícia destaca a confiança do técnico na condução do Brasil para a conquista do seu quarto título: “[...] Além de termos conseguido praticamente a classificação, já passamos a adotar um esquema moderno e começamos a ser campeões do mundo. Vamos à Argentina certos de que ficaremos com o título” (O GLOBO, 1977, p. 35). Ainda na mesma edição, *O Globo* divulga o telegrama enviado por Geisel à seleção no domingo à noite, após o jogo. Segundo o jornal, as palavras contidas no telegrama foram:

O desempenho da seleção brasileira, que acompanhei na partida de hoje contra a valorosa equipe paraguaia, muito alegrou os brasileiros, esperançosos de que os bons resultados se prolonguem até a conquista do título mundial em 1978.

Peço transmitir a atletas, dirigentes e auxiliares os meus cumprimentos pela solidez da equipe que souberam constituir, pelo esforço dispendido e pela merecida vitória. (O GLOBO, 1977, p. 36).

O conteúdo do telegrama é protocolar, não fugindo ao que geralmente é apresentado por líderes de estado, sejam eles democratas ou ditadores. No entanto, a mensagem demonstra a importância para o governo da vitória do Brasil. Com a classificação praticamente concretizada, era o momento certo para a transmissão de uma mensagem.

Como dito, apenas uma derrota do Paraguai por mais de quatro gols eliminaria o Brasil. No entanto, jogando no Maracanã, no dia 20 de março de 1977, a seleção empatou com os paraguaios por 1 a 1 e oficializou a classificação para a segunda fase do torneio. No *JB*, é estampada na capa da edição do dia 21 de março, uma foto do gol de empate do

⁶⁶Seleção: a alegria no avião da volta. *O Globo*, primeira página, 14 de março de 1977.

⁶⁷Coutinho: Brasil está no caminho certo para ganhar a Copa do Mundo. *O Globo*, esportes, 15 de março de 1977, p. 35.

Paraguai e logo abaixo a notícia *Brasil passa à segunda fase da eliminatória*⁶⁸. O jornal deixa explícito, pela primeira vez, a decepção com o resultado, pois era grande a expectativa de uma boa exibição e vitória da seleção, mesmo o Brasil classificado para a próxima fase.

A decepção com o empate permaneceu nas próximas páginas do jornal, algumas vezes com críticas mais ferozes, contrastando com os elogios dos jogos passados. Já na matéria escrita por Márcio Guedes, *Um meio-campo ultrapassado como nos tempos de Brandão*⁶⁹, este entende que apesar do confortável resultado, que garantiu a classificação, houve um retrocesso tático da seleção, lembrando os tempos de Brandão.

João Saldanha⁷⁰, por sua vez, pontua alguns erros da seleção, mas observa o fato do Paraguai, diante da dificuldade em vencer a partida por 4 gols de diferença, se preocupar em não perder a partida para jogar água no chope da festa da classificação, em suas palavras. Saldanha criticou o árbitro e lembrou dos vários gols perdidos, não considerando o desempenho da seleção como um retrocesso.

Já para Oldemário Touguinhá⁷¹, a seleção jogou bem até fazer o gol, caindo posteriormente o seu rendimento devido ao confortável resultado. Touguinhá segue na mesma linha, pontuando os erros da equipe, as falhas do árbitro e o objetivo paraguaio de não perder o jogo, sem críticas maiores ao técnico.

O *JB* realiza uma avaliação negativa dos jogadores em *Poucos se salvaram da mediocridade*⁷², e José Inácio Werneck, em sua coluna⁷³, crítica o desempenho dos atletas em campo, muito abaixo do apresentado anteriormente.

Numa palavra, voltamos à Seleção anterior, à Seleção de Osvaldo Brandão, e eu fico a refletir se todas as nossas pregações e todas as instruções do treinador Claudio Coutinho conseguirão mesmo corrigir os vícios fundamentais dos jogadores brasileiros. Pelo menos, desta geração de jogadores brasileiros. (WERNECK, 1977, p. 19)

⁶⁸Brasil passa à segunda fase da eliminatória. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 342, 21 de maio de 1977. Primeira página.

⁶⁹ GUEDES, Márcio. Um meio-campo ultrapassado como nos tempos de Brandão. Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 342, 21 de maio de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 18.

⁷⁰ SALDANHA, João. A torcida também rebolou. Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 342, 21 de maio de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 18.

⁷¹ TOUGUINHÁ, Oldemário. Intranquilidade foi pior para a Seleção. Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 342, 21 de maio de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 19.

⁷² Poucos se salvaram da mediocridade. Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 342, 21 de maio de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 19.

⁷³ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Rio de Janeiro, ano LXXXVI, N° 342, 21 de maio de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 19.

Para Werneck, o problema não são os técnicos, mas sim a mentalidade dos jogadores, que por possuírem certos vícios, não absorvem o que é transmitido pelos treinadores. Contra o Paraguai, foram os vícios – nesse caso, jogadas individuais e preguiça – os responsáveis pelo o resultado ruim.

No *O Globo*, edição do dia 21, noticia o empate em sua primeira página *Brasil domina mas empata com o Paraguai*⁷⁴, ressaltando o domínio da seleção, mas criticando a falta de objetividade num tom muito menos crítico do presente no *JB*.

O jornal analisa a partida, entendendo que a seleção subestimou o Paraguai, abusou de jogas individuais, teve excesso de otimismo, incapacidade de passar a defesa do adversário, gerando vaias da torcida presente no Maracanã⁷⁵. Sérgio Noronha, em sua coluna⁷⁶, compartilha da mesma opinião, e concluiu com uma reflexão a respeito da seleção de Coutinho “Claudio Coutinho cumpriu seu dever, classificando o Brasil, mas terá que sofrer muito se quiser preparar uma boa seleção para jogar na Argentina. [...] Faltam humildade, velocidade e senso de jogo coletivo”. (NORONHA, 1977, p. 31).

O *Globo* também repercute a opinião de Coutinho a respeito do jogo, e no jornal o técnico não sofreu nenhuma crítica direta a respeito do empate. Em *Sistemas de treino falharam no jogo*⁷⁷, é dito que boa parte do que foi treinado não foi bem aplicado no jogo, contribuindo para a partida ruim, mas sem nenhuma crítica ao técnico. Por fim, o jornal também noticia o desejo do Brasil em sediar a fase final do torneio. Segundo a notícia⁷⁸, será ofertado 100 mil dólares para os peruanos ou chilenos e 50 mil dólares para os bolivianos, para que esses aceitem jogar a fase final no Brasil.

Em ambos os jornais, fica claro o descontentamento com a exibição da seleção no empate contra o Paraguai, mesmo com a classificação para a segunda fase do torneio. Contudo, Coutinho praticamente não sofreu críticas direta, o que demonstra a confiança em seu trabalho, embora fosse apontadas questões a serem corrigidas. Exemplo de confiança é a extensa matéria do jornal *O Globo*, na edição do dia 20⁷⁹,

Um teórico, como ele mesmo se define, mas um vitorioso também na prática, como confirmam os resultados contra a Colômbia e o Paraguai, ele tem planos

⁷⁴ Brasil domina mas empata com o Paraguai. *O Globo*, primeira página, 21 de março de 1977.

⁷⁵ Brasil subestima Paraguai, cede empate e é vaiado pela torcida. *O Globo*, esportes, 21 de março de 1977, p. 31.

⁷⁶ NORONHA, Sérgio. Os pecados de sempre. *O Globo*, esportes, 21 de março de 1977, p. 31.

⁷⁷ Sistemas de treino falharam no jogo. *O Globo*, esportes, 21 de março de 1977, p. 32.

⁷⁸ Brasil quer sediar o torneio dos campeões. *O Globo*, esportes, 21 de março de 1977, p. 32.

⁷⁹ Claudio Coutinho. *O Globo*, esportes, 20 de março de 1977, p. 40.

para ampla reformulação do futebol brasileiro, que vão desde a adaptação às modernas táticas do jogo à descoberta de novos valores. De Roberto pretende fazer um novo Gerad Muller, e de cada jogador espera obter rendimento à altura de seu talento. (O GLOBO, 1977, p. 40)

A seleção brasileira, então, concretizou a sua classificação para a fase final das eliminatórias, disputada entre os dias 10 e de julho de 1977 na cidade de Cali, Colômbia. Os outros dois participantes foram a Bolívia, que havia desbancado Uruguai e Venezuela, e o Peru, que eliminou Chile e Equador. Na fase final, Brasil e Peru se classificaram para a Copa, e a terceira colocada disputou a repescagem contra uma seleção europeia.

2.2 A fase final das eliminatórias – a retomada da esperança.

Na véspera da estreia do Brasil, na edição do dia 09 de julho do *Jornal do Brasil*, José Inácio Werneck⁸⁰ inicia a sua coluna questionando o número excessivo de passageiros no avião fretado pela CBD, que levou a delegação até a Colômbia.

Quem são os 40 outros passageiros no avião fretado pela CBD?

Estavam de graça, ou pagavam suas passagens? Se pagavam, como pagavam, já que o avião era fretado e não de carreira? E o depósito compulsório? Pagaram de seu bolso? ou conseguiram isenção?

E se conseguiram, como conseguiram, já que é impossível que esses 40 cidadãos tenham ido lá trabalhar pela Seleção? (WERNECK, 1977, p. 25).

Werneck se baseia em uma matéria publicada no *O Estado de São Paulo* e, segundo ele, consta na matéria que Heleno Nunes negou que haviam excessivos convidados. Werneck finaliza pedindo esclarecimento ao presidente da entidade, e que a isenção configuraria em grande mordomia.

Ainda na mesma edição, em *Heleno preocupado com excesso de convidados* afirma que o presidente ficou preocupado com a repercussão negativa sobre o excesso de convidados da CBD que viajaram com a delegação para Cali. Segundo o jornal, Nunes afirmou que convidou apenas três: Comandante Jovino Pavan, superintendente da SUDERJ; José Juliari, presidente da Federação de Futebol de Santa Catarina; e Mozart di Giorgio, assessor de Nunes.

O questionamento de Werneck evidencia o incômodo, cada vez maior, com os elevados gastos da CBD, pois diferentemente de outrora, agora os gastos não são vistos como investimentos para a vitória da seleção.

⁸⁰WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, N° 92, 09 de julho de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 25.

Na edição do mesmo dia do *O Globo*, a questão em relação à “mordomia” também é presente. No texto especial *Modormia, uma palavra que já é bem curtida*⁸¹, Nélson Motta comenta sobre a hospedagem do Brasil em local diferente do escolhido por Peru e Bolívia, além da presença de um outro dirigente, Francisco Horta

Mordomia uma das palavras mais curtidas especuladas em Cali. Um verdadeiro "frisson" tomou conta dos jornalistas ao ser ventilada uma próxima chegada de Francisco Horta à frente de vasta comitiva, patrocinada pela CBD, pelos associados do Fluminense, ou até mesmo pelos próprios e internacionais dirigentes-torcedores. De qualquer forma, a chegada de Horta garante de antemão farto material para a rapaziada que batalha nos telex.

Sob o sol generoso de Cáli, o dirigente Mozart Di Giorgio demonstrou seus dotes esportivos ao realizar uma série de elegantes mergulhos na piscina do Intercontinental, recebendo inclusive alguns aplausos. No mais, há um generalizado e bem humorado temor a um insucesso no domingo. A comissão técnica pode dissolver... a imprensa esportiva. (MOTTA, 1977, p. 30).

Sem citar nomes, Motta ironiza alguns jogadores que aprovaram a luxuosa instalação do Centro Internacional de Agricultura Tropical, para abrigar a seleção. Essa por se encontrar em um local isolado, dificultaria o contato com a imprensa que estaria interessada em derrubar jogadores, agindo sem patriotismo, segundo afirmou um atleta. Segundo Motta, as seleções peruana e boliviana⁸² estariam hospedadas no Hotel Intercontinental, o mesmo dos membros da imprensa brasileira.

No dia do jogo, 10, o *Jornal do Brasil* apresenta uma seleção mais descontraída e busca elucidar algumas questões que poderiam interferir no bom desempenho da seleção, como a pressão e crítica excessivas. Além disso, o jornal dispõe de espaços para Coutinho justificar as suas escolhas, reforçando de certa forma o apoio ao técnico. De forma geral, o *JB* acredita em uma classificação da seleção com bom desempenho dentro de campo⁸³.

No *O Globo*, por sua vez, é visível uma maior demonstração de apoio ao técnico, como na matéria *Coutinho: jogador precisa mudar atitude*⁸⁴, onde é apresentada a visão do treinador em relação aos pontos a serem melhorados pelos jogadores, para que seja possível maior entendimento de seu estilo de jogo.

⁸¹MOTTA, Nélson. Mordomia, uma palavra que já é bem curtida. *O Globo*, esportes, 09 de julho de 1977, p. 30.

⁸² Segundo o Estado de SP, a seleção boliviana ficou hospedada no Hotel Petecuy. Nos hotéis, falta de vagas já é problema. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano 98, Nº 31.382, 09 de julho de 1977. Geral, p.16.

⁸³MOREYRA, Sandro. Zagalo no Rio acha que a vitória em Cáli é fácil; WERNECK, José Inácio. Campo Neutro; GUEDES, Márcio; PRADO, Renato Maurício; Veiga, Almir. Coutinho aposta o cargo na vitória da Seleção. *Rio de Janeiro*, ano LXXXVII, Nº 93, 10 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 43 e 44.

⁸⁴ Coutinho: jogador precisa mudar atitude. *O Globo*, esportes, 10 de julho de 1977, p. 44.

O mesmo apoio pode ser observado no texto exclusivo de Nelson Motta para o jornal, *Cláudio Coutinho: Liberdade e Solidariedade*⁸⁵, no qual expressa, em meio a elogios, que o técnico marca não apenas uma mudança no futebol brasileiro, mas sim em toda a imprensa esportiva brasileira. Os elogios vão além do aspecto esportivo, atingido também o político, como no trecho

A formação militar de Coutinho, sua inteligência e aplicação pessoais e suas claras tendências de pensamento liberal estão sendo expressas de forma muito nítida no campo de jogo e na planificação do trabalho tático a ser desenvolvido pelos jogadores (MOTTA, 1977, p. 44).

Motta então elogia Coutinho, atribuindo a sua patente militar, inteligência e suas tendências de pensamento liberal, características que possam fazer o Brasil evoluir na questão tática. Além disso, Coutinho é visto como o técnico que está mudando também a mentalidade do jogador brasileiro, aplicando conceitos europeus sem abrir mão da característica do futebol brasileiro. Para Motta, Coutinho está transformando até mesmo o conceito de concentração, deixando de ser um meio para fiscalizar o jogador e se transformando numa forma de protegê-los e apoiá-los. A análise de Motta evidencia o descontentamento com o controle da ditadura – refletida na visão positiva da mudança do conceito de concentração – e vê como positivo a formação militar e pensamento liberal de Coutinho

Na edição do dia seguinte a estreia do Brasil, o *Jornal do Brasil* estampa em destaque na capa uma foto do jogo e, logo abaixo, anuncia a vitória da seleção por 1 a 0 contra o Peru. No jornal de esportes, a primeira página também destaca a vitória do Brasil, mas demonstrando infelicidade com o desempenho da equipe. Em *Brasil vence sem exhibir nada de futebol moderno*⁸⁶, o jornal destacou o baixo desempenho da seleção sem, no entanto, maiores críticas ao técnico Coutinho ou à própria CBD.

Na coluna *Campo Neutro*⁸⁷, José Inácio Werneck também entende que a seleção não apresentou um bom desempenho em sua vitória, repetindo velhos erros. No entanto, não demonstra uma oposição ou descrença no técnico Coutinho. João Saldanha, em *Brasil mereceu*, também entende os erros do Brasil, leva em consideração o objetivo defensivo dos peruanos, que dificultou o jogo para a seleção e elogia Coutinho em suas

⁸⁵ MOTTA, Nelson, *Cláudio Coutinho: Liberdade e Solidariedade*. O Globo, esportes, 10 de julho de 1977, p. 44.

⁸⁶ GUEDES, Márcio; PRADO, Renato Maurício; VEIGA, Almir. *Brasil vence sem exhibir nada de futebol moderno*. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 94, 11 de julho de 1977. Esportes. p. 1.

⁸⁷ WERNECK, José Inácio. *Campo Neutro*. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 94, 11 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 3.

substituições. Além disso, o jornal apresentou também o descontentamento com o desempenho da seleção por parte dos jogadores, afirmando que embora a vitória praticamente classificasse o Brasil para o mundial, o clima era muito mais de alívio do que de felicidade⁸⁸.

Da mesma forma, o *O Globo* destaca em sua capa a vitória da seleção, mas ressaltando a partida ruim da equipe, pontuando a má atuação de alguns jogadores⁸⁹. Na seção dedicada à seleção, dentro do caderno de esportes, *Brasil vence e joga com a Bolívia pelo empate*⁹⁰ ressalta a posição confortável da seleção, mas sempre pontuando a partida ruim realizada contra o Peru.

No texto exclusivo de Nelson Motta, *Sol e Simpatia Pobreza y pobreza*⁹¹, o autor elogia a comissão organizadora da competição, o público peruano e colombiano. Ademais, tece críticas ao desempenho da seleção e à solicitação dirigida à comissão técnica por parte do jogador Paulo Cesar, que representando uma comissão de jogadores, pediu um aumento da gratificação em caso de vitória, no valor de 8 mil cruzeiros, valor que segundo Motta é equivalente ao salário de um médico colombiano. Sobre a relação entre a seleção brasileira e a torcida colombiana, Motta afirma

Reiterando o que já havia sido muito dito quando o Brasil enfrentou a Colômbia nas eliminatórias, aqui o futebol é visto como um espetáculo e uma competição onde está em jogo a bola a do qual se espera uma exibição esportiva de qualidade, surpresa e emoção, sem nenhuma conotação com "honra nacional", "grandeza do país" ou "exaltação da nacionalidade". Isto parece também fazer parte do espírito dos peruanos que, ao contrário dos brasileiros, que entraram em campo com uma bandeira colombiana a guisa de homenagem e relações públicas ao País, através de um de seus símbolos, os peruanos preferiram alegremente chutar bolas vermelha e brancas para o público numa homenagem muito mais ligada ao verdadeiro sentido do que ia se desenrolar em campo – duas equipes de futebol profissional em disputa de uma vaga para o campeonato mundial, sem ameaças ao brio nacional e sem que uma vitória ou derrota possa ter consequências maiores que os resultados de uma competição esportiva entre atletas profissionais. (MOTTA, 1977, p. 31).

Motta entende que não há espaço no futebol para representações nacionalistas exageradas, e sim um espetáculo onde se espera qualidade, surpresa e emoção, quesitos que faltaram na partida, principalmente pelo lado brasileiro. Assim, o fato do time peruano chutar bolas para a torcida colombiana, permitiu que esses se aproximassem mais da torcida, e por consequência alcançassem com mais eficácia esses requisitos,

⁸⁸Coutinho anuncia rápida volta de Zico e Amaral; Uma vitória que em vez de alegrar desapontou. Campo Neutro. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, N° 94, 11 de julho de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 8.

⁸⁹ Brasil joga muito mal mas vence o Peru. O Globo, primeira página, 11 de julho de 1977. p. 1.

⁹⁰ Brasil vence e joga com a Bolívia pelo empate. O Globo, esportes, 11 de julho de 1977, p. 28.

⁹¹ MOTTA, Nelson. Sol e Simpatia Pobreza y pobreza. O Globo, esportes, 11 de julho de 1977, p. 31.

diferentemente do realizado pelos brasileiros, que entraram em campo carregando a bandeira da Colômbia, com um sentido muito mais político.

De forma geral, o comentário final de Sérgio Noronha, em *A queda do imponderável*, resume bem a impressão do jornal em relação à estreia do Brasil

O resultado tem a importância de praticamente classificar o Brasil, mas deixa uma certa frustração se levarmos em conta que o time cai de produção de repente e desmancha todos os esquemas do técnico. [...]

[...] Estamos a 60 por cento do estado ideal, o que é pouco, ainda que levando em conta a distância de um ano da Copa. Precisamos descobrir como e por que alguns jogadores veteranos e experientes perdem todo o controle e arrastam os mais novos, transformando um time tradicionalmente valente em um cauteloso atrasador de bolas para ganhar tempo. (NORONHA, 1977, p. 31).

Há, portanto, o alívio com a classificação praticamente encaminhada, a preocupação com o fraco desempenho, repetição de antigos erros, e queda no rendimento de jogadores veteranos, bem como o apoio ao técnico Coutinho que não é visto como responsável direto pelos problemas da seleção.

Na edição do dia 13 do *Jornal do Brasil*, João Saldanha em “*A Noi, a noi!*”⁹² escreve sobre a importância do campo neutro para este tipo de disputa, lembrando as interferências de Benito Mussolini em favor da seleção Italiana, na Copa de 1934. Para Saldanha, se o jogo entre Brasil e Peru fosse em duas partidas, uma no Brasil e outra em Lima, o Brasil seria prejudicado no jogo de ida, afirmando não saber se o árbitro teria coragem de não aceitar as reclamações que partiriam do presidente Morales Bermúdez.

Outra desvantagem que teríamos em Lima é que o Presidente Bermúdez é realmente um entendedor. Isso é visível quando manda as suas instruções, pedindo que o excelente ponta-direita Munante jogue mais aberto “Digales a Calderón y Muñante que el puntero derecho tiene que jugar más plegado a la línea”. Tem toda a razão.

Muñante, quando se mandara para o meio, congestionava o caminho do gol e facilitava a marcação. Evidentemente é melhor o terreno neutro. Do Brasil, por enquanto, ainda não veio nenhuma instrução. (SALDANHA, 1977, p. 24).

Saldanha se refere a Bermúdez como entendedor de futebol, que manifesta as suas opiniões, lembrando o perfil de Médici, sete anos antes. Já sobre o Brasil, num tom distinto, afirma que no Brasil de Geisel ainda não teve nenhuma instrução, no sentido de interferir de forma direta na escalação, mas deixando subentendido que não é algo distante de ocorrer.

⁹² SALDANHA, João. “A Noi, a noi!”. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 96, 13 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 24.

José Inácio Werneck⁹³ disponibilizou um espaço ao final de sua coluna para escrever novamente sobre o grande número de convidados extras que viajaram para Cali. Para ele, independentemente do número de convidados expressados em cada versão, o fato é que foram muito mais do que o dito por Heleno Nunes, citando ao final o silêncio da CBD sobre o assunto.

No dia 14, data do jogo, as páginas do *Jornal do Brasil* demonstram confiança na classificação da seleção, tendo em vista a necessidade de apenas um empate contra a Bolívia, considerada fraca tecnicamente e muito jovem, além das alterações na escalação, principalmente pelo retorno de Dirceu e Zico, o grande jogador do Brasil⁹⁴. As alterações, inclusive, são vistas como o ponto de partida do trabalho de mudança de mentalidade do jogador brasileiro – a tão buscada junção dos aspectos físicos, táticos e técnicos – em caso de vitória⁹⁵. No entanto, Marcos de Castro, autor interino da coluna *Campo Neutro*⁹⁶ é mais enfático em pontuar os problemas técnicos e táticos da seleção e do próprio Coutinho, mesmo acreditando em uma possível evolução da equipe.

No *O Globo*, edição do dia 12, Sérgio Noronha⁹⁷ entende os problemas técnicos da seleção, entretanto busca justificar tais problemas, principalmente pelo pouco tempo de treinamento disponível para Coutinho. Noronha aponta como positivo o desempenho de Coutinho, principalmente por não ter aberto mão de seus métodos e por aprender coisas que não estavam presentes apenas em livros. Nas edições que antecedem o jogo decisivo contra o Peru, as páginas do jornal discorrem sobre os preparativos para a partida, com informações sobre os treinamentos de ambas seleções.

Na edição do dia 14, em *Jerônimo faz ameaça a quem se comporta mal* é dito que, segundo a opinião do Brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente da CND, jogadores que criam problemas para a comissão técnica e para a CBD não serão mais convocados, afirmando ser essa a nova diretriz a ser seguida pela CBD nas próximas convocações.

⁹³WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, N° 96, 13 de julho de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 24.

⁹⁴GUEDES, Márcio; PRADO, Renato Maurício; VEIGA, Almir. Empate classifica o Brasil hoje contra o Peru. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, N° 97, 14 de julho de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 30.

⁹⁵No último jogo, afinal, um caminho mais claro. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, N° 97, 14 de julho de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 30. Os jogadores substituídos foram Paulo Cesar e Marinho, que como dito anteriormente, não demonstraram espírito de equipe, além de estarem com problemas físicos, e Luis Pereira, zagueiro que teve o desempenho contra o Peru bastante criticado devido as falhas e “firulas”.

⁹⁶CASTRO, Marcos de. Campo Neutro. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, N° 97, 14 de julho de 1977. 1° Caderno, Esportes. p. 29.

⁹⁷NORONHA, Sérgio. Um exame de admissão. O Globo, esportes, 12 de julho de 1977, p. 33.

Além disso, é ressaltado a opinião favorável do Brigadeiro em relação a Coutinho e a crença na evolução de seu trabalho, à medida que terá mais tempo para treinar a equipe. Os comentários foram realizados no dia anterior, no Palácio Bandeirantes, em ocasião de visita ao Governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, para tratar sobre o Vôlei⁹⁸.

Sérgio Noronha⁹⁹ escreve em sua coluna sobre o incidente de Paulo Cesar com dois jornalistas de São Paulo, que entende como justa uma punição ao jogador, e sobre um suposto cercamento ao trabalho da imprensa na concentração dos jogadores, impedindo os jornalistas de terem contato com esses, segundo repercutiu em São Paulo. Noronha entende que o próprio incidente entre Paulo Cesar e membros da imprensa paulista desmentiria o ocorrido. Noronha diz defender o direito à privacidade da seleção, mas se nega aceitar a existência de cercas com arames farpados e guardas na porta nas concentrações, que impeçam o acesso dos jornalistas.

Em relação à sua participação no encontro com a seleção, no dia anterior, afirma se deparar com equipe alinhada, considerada classificada para o Mundial, com o sentimento de dever cumprido e consciência que a próximo será diferente, principalmente para Coutinho¹⁰⁰.

Na edição do dia 15 do *Jornal do Brasil*, um dia após a partida, possivelmente devido ao horário, não foram realizados muitos comentários relativos à partida. Em *Brasil garante com goleada sua presença na Copa*¹⁰¹ comenta a boa partida da seleção, mas ressaltando a fragilidade dos bolivianos.

Em *Pouca coisa de certo para 78*¹⁰² são apontados os problemas que ainda persistem no sistema de jogo da seleção, mesmo admitindo uma possível melhora. Para o jornal, a evolução do sistema de jogo só poderá ser alcançada a partir de uma conscientização do time, conscientização que, segundo o jornal, Coutinho conseguiu alcançar pela metade.

⁹⁸Jerônimo faz ameaça a quem se comporta mal. O Globo, esportes, 14 de julho de 1977, p. 35.

⁹⁹NORONHA, Sérgio. Uma conversa necessária e muito proveitosa. O Globo, esportes, 14 de julho de 1977, p. 35.

¹⁰⁰Brasil escala meio-campo ideal de Coutinho; Um quarteto em que todos se completam. O Globo, esportes, 14 de julho de 1977, p. 36.

¹⁰¹GUEDES, Márcio; PRADO, Renato Maurício; VEIGA, Almir. Em Brasil garante com goleada sua presença na Copa. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 98, 15 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 34.

¹⁰²Pouca coisa de certo para 78. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 98, 15 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 34.

O jornal aponta a parcial frustração com o futebol apresentado pela equipe, que decorre do fato de Coutinho não ter disponível jogadores excelentes como outrora, tempo para treinamento, inexperiência, falta de clima para mudanças radicais e a necessidade de vitória, o que levou a cometer alguns erros, mas devido a qualidade superior dos jogadores brasileiros, foi suficiente para a conquista da vaga no Mundial. O jornal acreditava no sucesso, caso Coutinho conseguisse aplicar os seus métodos.

João Saldanha demonstra otimismo em *Brasil tem time*¹⁰³, afirmando que a seleção está seguramente entre as quatro primeiras do Mundial. Para Saldanha, com treino a seleção poderá alcançar o tão visado futebol moderno, que une a ofensividade natural do brasileiro com a firmeza e modéstia na hora de defender.

José Inácio Werneck¹⁰⁴, por sua vez, ressalta a seriedade dos jogadores, como o principal fator para a goleada contra a Bolívia, mesmo admitindo a fragilidade boliviana. Werneck, relembra a campanha do Brasil, apontando para a falta de seriedade dos jogadores como o principal fator para os resultados abaixo de esperado. Werneck conclui afirmando que o resultado é favorável para Coutinho.

O enviado especial Márcio Guedes¹⁰⁵, entende que os treinadores de clubes deveriam se atualizar e acompanhar o esforço de Coutinho na seleção, para que seja possível inserir o Brasil entre as melhores equipes do mundo. O jornal também disponibiliza um espaço para comentar sobre o técnico, que admitiu ter reformulado as suas ideias para a disputa do campeonato, objetivando atingir a classificação ¹⁰⁶.

Por fim e em destaque, *Heleno quer que INPS perdoe dívidas dos clubes*¹⁰⁷ afirma que o perdão da dívida dos clubes com o INPS é o ponto de partida para o plano da CBD de o Brasil ter uma Seleção permanente, visando o mundial de 78, sendo essa a ideia a ser levada para o Ministro da Educação, Nei Braga. O jornal ressalta que o plano foi esboçado por Nunes “ainda na euforia da classificação”, termo utilizado na publicação, e seria importante para que Coutinho conseguisse trabalhar por mais tempo a mudança de

¹⁰³ SALDANHA, João. Brasil tem time. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 99, 16 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 26.

¹⁰⁴ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 99, 16 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 27.

¹⁰⁵ GUEDES, Márcio. Os destaques, as dúvidas e as decepções de um time. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 99, 16 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 28.

¹⁰⁶ Coutinho reconhece na volta que reformulou suas idéias. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 99, 16 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 29.

¹⁰⁷ Heleno quer que INPS perdoe dívidas dos clubes. Rio de Janeiro, ano LXXXVII, Nº 99, 16 de julho de 1977. 1º Caderno, Esportes. p. 29.

mentalidade dos jogadores, compensando financeiramente os clubes que ficariam por muito tempo sem os seus atletas.

Segundo o jornal, as dívidas com INPS eram um problema antigo dos clubes brasileiros, e mesmo que muitos conseguissem pagar em dia, os atrasados que ficavam acumulados de tal modo que tentar pagar levaria os clubes à falência. Nesse sentido, perdoar a dívida com o INPS seria a moeda de troca para que os clubes cedessem seus jogadores para a seleção por um período de tempo mais longo.

A única solução, então, seria o perdão do Governo. Solução que, entretanto, tem sido abordada muitas vezes, mas nunca se concretiza. Agora haverá esse forte motivo a sensibilizar o Governo: a grande, talvez a única oportunidade de Brasil conseguir o título mundial de futebol de 1978 (quer dizer, ser campeão pela quarta vez), reunindo um grupo que se prepararia desde janeiro, na tentativa de assimilar o que ainda lhe falta para estar entre as duas ou três melhores seleções da Copa. Os grandes jogadores não faltam, falta treiná-los nas condições renovadoras essenciais. Mas esses jogadores custam caro, os clubes precisariam de uma boa compensação para cedê-los. O perdão do INPS seria essa mais do que razoável compensação. (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 28).

A CBD já preparava uma proposta para resolver a questão das dívidas com o INPS, mas a eufórica proposta de Heleno Nunes, realizada logo após a classificação, deixa em evidencia a importância do título Mundial da seleção para o governo brasileiro. Nunes sabia que o governo poderia aceitar a proposta, caso fosse algo que ajudasse a seleção a ganhar a Copa do Mundo, talvez por isso o seu entusiasmo com a proposta.

Diferentemente do *JB*, *O Globo* anuncia em sua capa, em um pequeno espaço ao centro, *Goleada classifica o Brasil*¹⁰⁸, exaltando o domínio da seleção, ao lado de uma imagem da partida. Sérgio Noronha, em sua coluna¹⁰⁹, aponta para a opinião dos vizinhos sul americanos, que acreditam que o futebol brasileiro está em declínio. Para Noronha, o declínio seria algo mundial. Além disso, o colunista entende que tanto Coutinho quanto Menotti, técnico da Argentina, mantiveram seus cargos, não por terem implantado uma nova filosofia, mas sim por algumas vitórias e empates conseguidos através do individualismo.

No entanto, Noronha acredita na capacidade de Coutinho em conseguir implantar o seu estilo de jogo, mas ressalga que alguns planos do técnico esbarram no que entende como envelhecida estrutura do futebol brasileiro. Noronha explica o plano de Coutinho, o qual propunha padronizar um estilo de jogos das equipes brasileiras com a da seleção,

¹⁰⁸ Goleada classifica o Brasil. *O Globo*, primeira página, 15 de julho de 1977. p. 1.

¹⁰⁹ NORONHA, Sérgio. Uma visão sul-americana. *O Globo*, esportes, 15 de julho de 1977, p. 31.

visando realizar o mesmo trabalho. No entanto, o colunista entende como tarefa difícil e que os dirigentes veriam Coutinho como um intruso e não como alguém tentando mudar os padrões táticos do futebol brasileiro.

Em destaque no caderno de esportes *Coutinho: Com Dirceu, time se transformou* explana a opinião de Coutinho, segundo o qual a seleção melhorou o seu futebol, muito devido a Dirceu, que desempenhou aquilo que é tido como a mentalidade a ser seguida pelo jogador brasileiro: rigor tático e comprometimento com a defesa, além do futebol ofensivo. Aqui, a tão buscada nova mentalidade do futebol brasileiro é vista como o principal fator que levou o Brasil a vencer a Bolívia.

O jornal exalta a boa partida de Zico e Dirceu¹¹⁰, os planos de Coutinho para a preparação da seleção para o mundial¹¹¹, sempre buscando dar espaço para o técnico apresentar os seus argumentos, bem como exalta a seriedade da seleção na construção do resultado¹¹².

2.3 As polêmicas da copa

Em 1966 a Argentina foi escolhida como país sede do Mundial de 1978, e ratificada pela FIFA em 1974, já no governo Perón, que inicia os preparativos para a organização do campeonato. Embora a Junta Militar tenha aplicado o golpe em Isabelita Perón em 1976, Magalhães (2013) observa a continuidade mantida pela Junta em relação ao antigo governo para a realização do torneio. Segundo a autora, o novo governo argentino entendia que cancelar o torneio seria negativo não apenas para a imagem do país, mas também para a FIFA e João Havelange, que viveria a sua primeira copa como presidente da entidade.

A realização do torneio também foi vista pelo governo argentino, como uma importante oportunidade para melhorar a sua imagem externamente, negativa devido às denúncias de violação de direitos humanos, e também internamente, buscando renovar, através do campeonato, o apoio ao governo, comemorando a vitória contra a subversão de esquerda, um dos motivos para o golpe de 76, como pontua a autora. Além disso, Dias (2015) afirma que a conquista do título pela argentina também era fundamental para o

¹¹⁰ Uma partida decisiva para Zico e Dirceu; Zico, uma exibição perfeita. O Globo, esportes, 15 de julho de 1977, p. 32.

¹¹¹ Coutinho já planeja a preparação para a Copa. O Globo, esportes, 15 de julho de 1977, p. 32.

¹¹² Oito gols, muita seriedade e a vaga garantida na Copa. O Globo, esportes, 15 de julho de 1977, p. 32.

governo, pois a seleção não havia vencido nenhum mundial até à data, sendo o momento ideal para consagrar os objetivos da *Junta*.

Para Vasconcellos (2008), além do uso político, os grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas e Copa do Mundo, são importantes meios de inserção mundial, demonstração de capacidade econômica do país sede e grande oportunidade de arrecadação, devido ao movimento financeiro que esses eventos trazem, seja através de contratos com diversas empresas ou fluxo de turistas, por exemplo. Esses aspectos também foram presentes na Copa de 1978, e a Argentina investiu pesado em obras de infraestrutura, além das reformas e construções de estádios, de acordo com as exigências da FIFA, embora algumas obras não tenham sido concluídas a tempo, o que não foi problema visto unicamente na Argentina.

No caso argentino foram feitos ainda investimentos em avenidas, hotéis – praticamente nos dois anos anteriores ao evento foi construída a rede hoteleira exigida pela FIFA –, aeroportos – a reforma de Ezeiza não ficou pronta a tempo, mas ele pode ser utilizado. Além dos citados estádios construídos e reformados, meios de comunicação – principalmente em telefonia e televisão, apesar da transmissão em cores não ficar pronta a tempo para o território nacional. (MAGALHÃES, 2013, p.98).

Se por um lado o governo argentino via o mundial como oportunidade de se promover interna e externamente, a oposição, inclusive parte daqueles que estavam no exílio, também viam a oportunidade de usar o mundial como forma de denúncia dos abusos e crimes cometidos pela ditadura de Jorge Rafael Videla. É nesse contexto, que foi criado o movimento de boicote contra a realização do torneio na Argentina.

O COBA – Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde em Argentine, foi criado na França em 1977. Magalhães (2013) explica que o comitê visava denunciar a violência e o uso político do esporte pelo governo argentino, bem como pleiteava que a Argentina não fosse a sede do mundial. O COBA não apenas denunciou o governo argentino, como também criticou as boas relações de vários países com a Argentina, inclusive o fato de Cuba, EUA e URSS não considerarem as denúncias feitas pela Organização dos Estados Americanos – OEA em 1979.

A própria URSS foi uma das maiores parceiras econômicas da Argentina no período do *processo*, principalmente devido ao comércio de trigo, embora dois anos mais tarde a Argentina tenha aderido ao boicote das Olimpíadas de Moscou. De acordo com a autora, a documentação do COBA também direciona críticas à França, pois além de

possuir interesses comerciais, o país vendia armas e mantinha boas relações com o governo argentino¹¹³.

Além da não adesão de muitos países, o boicote também foi não unânime entre os argentinos que estavam no exílio. Muitos deles acreditavam que apoiar o boicote era, de certa forma, se opor ao povo argentino que queria ver o torneio, e por consequência acabar contribuindo para o que o governo argentino chamava de campanha antiargentina. Ser contra o boicote também era uma forma da oposição “disputar” o mundial contra o governo, e mesmo com a não adesão ao boicote, os debates, denúncias e manifestações contra a ditadura foram realizadas, principalmente após o torneio.

Logo, para a oposição à ditadura, as Copas trouxeram um novo tema para o debate: como lidar com o fato de que a vitória e o evento serão utilizados pelo regime? Isto implica necessariamente negar e se opor, ou seja, significa não torcer pela seleção nacional? Nada disso: a Copa do Mundo é nossa! (MAGALHÃES, 2013, p. 171).

Já em relação ao Brasil, era a segunda Copa sob o governo de Geisel, a primeira foi em 1974, primeiro ano do governo, e disputada na Alemanha. Embora o governo Geisel não tenha usado politicamente a imagem da seleção como ocorreu no governo Médici em 1970, esse manteve todo o futebol nacional próximo as questões de Estado. Ao longo dos anos 1970, CBD passa por maior militarização, sendo presidida a partir de 1975 pelo Almirante Heleno Nunes. Entretanto

É fundamental destacar que o desporto brasileiro ainda estava atrelado ao Estado como consequência de uma legislação arcaica que tinha como base o Decreto-lei 3.199/41 do período da ditadura varguista. [...] Apesar de o referido decreto ter sido um verdadeiro marco na legislação desportiva, possibilitando uma organização do campo esportivo a partir da sua edição e mesmo tendo sofrido modificações pela Lei 6.251/75 durante o governo Geisel, o controle estatal sobre as Federações e Confederações ainda era uma característica da gestão desportiva no nosso país durante a Copa do Mundo da Argentina. (CABO, 2016, p. 129 e 130).

A respeito da presença militar na CBD, além do presidente Almirante, o técnico era Capitão Claudio Coutinho e o chefe da delegação/diretor da CBD era André Richer, indicado pelos militares. Couto (2010) lembra que a militarização da entidade não recaía apenas em cargos administrativos, mas no próprio cotidiano, treinamento e estilo de jogo das equipes e da seleção, que tem origem no sucesso obtido na Copa de 1970, após o baixo desempenho na Copa de 1966. A partir do Tri Campeonato, o novo futebol

¹¹³A atora lembra que o COBA também criticava os Partidos Comunistas da França e da Argentina, pois divergiam sobre a ditadura de Videla e do boicote. Mas, contraditoriamente, o COBA considerou positiva a troca de sede para o Brasil, ignorando que o país também passava por uma ditadura.

brasileiro reunia o futebol-arte, preparo físico e a disciplina, tornando o preparador físico Admildo Chirol e o técnico Zagalo, campeões em 1970, símbolos do novo estilo brasileiro.

Ao longo da década de 1970, a invasão dos militares no cenário futebolístico introduziu e incentivou uma variada gama de práticas autoritárias que se desenvolveram desde o comando da seleção brasileira até as concentrações dos clubes. Tais ações, aliadas ao processo de modernização da Educação Física, inspiraram transformações radicais no cotidiano das equipes: a partir de então, os modelos de treinamento físico e técnico, a medicina esportiva, a nutrição e a preparação psicológica deveriam somar esforços para a formação e a “manutenção” do “atleta de futebol”. Paralelamente à especialização dos profissionais ligados ao futebol, o crescente enrijecimento das regras disciplinares, que invadiam a rotina de trabalho e até a vida privada do jogador, encontrava respaldo nos discursos oficiais e, sobretudo, em grande parte da imprensa, legitimando, de fato, a cristalização do ethos autoritário no futebol brasileiro. (COUTO, 2010, p. 4 e 5).

Embora o novo futebol brasileiro objetivasse reunir o futebol arte, força física e disciplina, desde a Copa de 1974 o futebol arte era cada vez menos presente na seleção brasileira, sobressaindo a questão física e disciplina. É natural que clubes e seleções passem por períodos de ausência de brilhantismo, e levando em consideração o futebol mundial dos anos 1970, a questão física era muito exigida, não apenas no Brasil. As Copas de 1974 e 1978, por exemplo, eram comuns partidas duras e, em alguns momentos, violentas, como foi o caso de Brasil e Holanda em 74 e Brasil e Argentina em 78.

Independente do contexto futebolístico dos anos 70, nos últimos anos da década a imprensa brasileira já experimentava uma maior liberdade, e as críticas contra o autoritarismo da CBD se tornavam uma crítica contra o próprio governo, devido à forte ligação entre ambos. Especialmente sobre a seleção, questões como a falta de liberdade dos jogadores, futebol sem brilho, a rigidez tática e física, bem como as supostas intervenções de Heleno Nunes apareciam com frequência nos noticiários esportivos.

Segundo Cabo (2016), ao analisar reportagens da Revista Placar e do Jornal do Brasil em relação às expectativas da seleção para a disputa mundial, já era possível perceber certo pessimismo em seu desempenho. Tal pessimismo, como apontado, já era visível desde o mundial de 1974, em que parte da imprensa criticava a ausência do tradicional futebol arte, que dava lugar a rigidez tática, embora se acreditasse que em 74 houvessem jogadores que poderiam fazer a diferença individualmente, diferentemente de 78. Essa questão se acentua com a chegada do Capitão Claudio Coutinho no comando técnico da seleção em 1977, que mesmo sendo um estudioso do futebol e conhecedor das inovações táticas, seu estilo de jogo não agradava. Embora seu início como técnico na

seleção tenha sido bem visto, posteriormente entendeu-se que seu método ofuscava o verdadeiro futebol livre e alegre do selecionado. É claro que essa crítica também era direcionada a militarização da CBD e da seleção, bem como a própria ditadura¹¹⁴.

O comandante neste processo teria uma responsabilidade muito grande e a necessidade de identificação com a coletividade. Percebe-se, porém, que antes do torneio, a desconfiança para com o desempenho da seleção e os métodos “modernos” do treinador Coutinho, ou a rejeição ideológica ao seu vínculo com o Exército e subliminarmente com o regime, dificultavam o apoio da imprensa especializada ao “técnico/capitão”. (CABO, 2019, p. 55).

Cabo (2019) aponta outros dois pontos que eram criticados pela imprensa esportiva: a provável passividade dos jogadores brasileiros, e a CBD e seu presidente, Almirante Heleno Nunes. Em relação aos jogadores, a ausência dos rebeldes, como Marinho Chagas e Paulo César “Caju”, poderia ter como consequência a falta de contestação dos atletas convocados, primeiramente dentro de campo, pois cumpririam todas as rígidas obrigações táticas, abrindo mão do improviso e criatividade do típico jogador brasileiro, bem como também não defenderiam seus posicionamentos políticos diante da comissão técnica e da CBD.

Em relação a Heleno Nunes e à CBD, a crítica recai sobre o rígido regulamento da CBD, que proíbe os jogadores de criticarem a seleção, como o autor verifica ao analisar as reportagens da revista Placar. Nesse sentido, o caso do jogador Reinaldo é emblemático, pois era um dos atletas brasileiros mais engajados politicamente no período, e tanto ele quanto a imprensa sabiam que emitir suas opiniões políticas poderia causar problemas na seleção.

Assim, os rumores sobre a não convocação de Reinaldo, atrelavam-se ao fato de ser uma punição por seu posicionamento, embora Heleno Nunes o considerasse titular da seleção em condições físicas normais, tendo em vista o seu histórico de lesões. Por outro lado, para Cabo (2016), Heleno Nunes e seu partido entendiam que, caso Reinaldo não fosse convocado, o jogador poderia se tornar uma espécie de mártir da oposição. O próprio Reinaldo compartilhava essa opinião, e acredita que sua convocação foi por interesse político.

¹¹⁴ O Autor lembra que a maior parte da crítica aos métodos militares adotados na seleção era perceptível na revista Placar, que contava com jornalistas de esquerda, como Jairo Régis. As críticas do *JB* eram amenas, voltadas ao técnico Coutinho, não mirando no fato de ser militar. Vale lembrar que o *JB* contava com a colaboração de João Saldanha.

Seja com o governo argentino buscando atrelar a sua imagem à da seleção, seja com a seleção brasileira sendo contestada por parte da imprensa, a Copa do Mundo teve início em 1º de junho. A Anfitriã Argentina ficou no grupo A, ao lado de França, Hungria e Itália. Já o Brasil, no grupo C, enfrentou Áustria, Espanha e Suécia. Para elucidar questões que foram polêmicas na fase final do torneio, é importante fazer um breve resumo da trajetória de Brasil e Argentina, a fim de informar como os confrontos foram construídos¹¹⁵.

Pelo grupo A, a Argentina estreou vencendo a Hungria por 2 a 1, superou a França também por 2 a 1 e foi derrotada pela Itália por 1 a 0, se classificando em segundo lugar no grupo. No Grupo C, o Brasil empatou em 1 a 1 com a Suécia na estreia, empatou em 0 a 0 com a Espanha e venceu a Áustria por 1 a 0, também se classificando em segundo lugar.

A trajetória da seleção brasileira na primeira fase do torneio foi marcada pelo fraco desempenho e pela crítica às supostas intervenções de Heleno Nunes na escalação do time. Ocorre que após dois empates seguidos, o Brasil necessitava vencer o último jogo para não ser eliminado logo no início. Assim, Coutinho fez algumas alterações para o confronto decisivo, e a que mais repercutiu foi a retirada de Reinaldo, que não estava bem fisicamente, para a entrada de Roberto Dinamite. Embora parte da imprensa concordasse com as substituições, repercutiu-se que essas só foram realizadas devido à intervenção de Nunes, principalmente pelo fato de que o Almirante nutria preferências por Roberto Dinamite na titularidade da seleção, antes mesmo do início da competição. Em resumo:

Independente de o dirigente ter exigido ou não a escalação de Roberto e de outros reservas, se efetivamente a equipe estava precisando de um jogador mais rompedor e de força física para o certame decisivo da primeira fase, e mesmo com o atacante marcando o gol decisivo na vitória sobre a Áustria, esse fato é emblemático de como a representação da onipresença do Almirante nos veículos brasileiros é negativa, suscitando críticas a uma postura autoritária de um “cartola” com patente militar.

O principal ponto a ser destacado sobre a polêmica em torno da suposta intervenção direta na escalação da equipe no final da primeira fase: não é possível comprovar se efetivamente Coutinho escalou o time do Almirante, apesar dos fortes indícios. Mas é plausível afirmar que o dirigente foi representado como um interventor autoritário, que mesmo tendo hipoteticamente acertado na ordem ou nos palpites, estava simbolizando uma medida repressiva para o contexto de aspirações por transformações políticas no país. (CABO, 2016, p. 136).

¹¹⁵ As informações sobre a Tabela da Copa do Mundo foram consultadas no Arquivo da FIFA, disponível em <https://www.fifa.com/worldcup/archive/argentina1978/matches/#groupphase2>.

Na segunda fase do torneio¹¹⁶, as seleções classificadas formaram mais dois grupos, constituídos por duas que ficaram em primeiro e duas que ficaram em segundo lugar em seus grupos na fase anterior. As duas primeiras colocadas em cada quadrangular, disputariam a final do Mundial. O Grupo A foi formado por Alemanha Ocidental, Áustria, Itália e Holanda, que foi a primeira colocada e, portanto, uma das finalistas. A Itália ficou em segundo, ganhando o direito de disputar o terceiro lugar. O Grupo B contou com Argentina, Brasil, Peru e Polônia. O Brasil venceu o Peru por 3 a 0, empatou em 0 a 0 com a Argentina e derrotou a Polônia por 3 a 1. A Argentina venceu a Polônia por 2 a 0, empatou com o Brasil, como dito, e derrotou o Peru por 6 a 0.

Na última rodada do Grupo B, Brasil e Argentina empatavam em números de pontos, 4 pra cada lado. O Brasil, ao vencer a Polônia por 3 a 1, chega a 5 pontos com o saldo de 5 gols, e a Argentina, que tinha 3 pontos e saldo de 2 gols, deveria vencer o Peru por 4 gols de diferença, pois assim empataria em números de pontos com o Brasil, mas ficaria com saldo de 6 gols, alcançando a liderança. A Argentina, então, fez 6 a 0 na seleção peruana, um dos jogos mais controversos da história dos Mundiais, e se classifica para final.

O Brasil, segundo colocado, disputa a decisão pelo terceiro lugar contra a Itália, vencendo a partida por 2 a 1. A Argentina joga a grande final contra a Holanda, e após empate por 1 a 1 no tempo normal, gols de Kempes para a Argentina e Nanninga para a Holanda, a seleção argentina vence na prorrogação, marcando dois gols com Kempes e Bertoni. Argentina 3 – 1 Holanda, é o primeiro título mundial da seleção argentina.

Como dito, a avassaladora vitória da seleção albiceleste contra o Peru ficou marcada pelo suposto acordo entre o governo de Videla e de Bermúdez, embora não existam provas. Entretanto, antes mesmo das partidas da última rodada acontecerem, a delegação brasileira já suspeitava de um possível favorecimento da seleção Argentina. A desconfiança se deve pelo fato do jogo entre Brasil e Polônia estar marcado para acontecer às 16:45, e de Argentina e Peru às 19:15, horário local. Portanto, quando a Argentina entrasse em campo, já saberia qual resultado deveria fazer para se classificar, e devido a

¹¹⁶ Vale lembrar que a Copa do Mundo foi disputada em diversos formatos ao longo de suas edições. Em 1978 contava com 16 seleções, divididas em 4 grupos com 4 seleções. As duas melhores de cada grupo se classificam para segunda fase, formando mais 2 grupos com 4 seleções. As primeiras colocadas de cada grupo disputam a final, e as duas segundas colocadas, o terceiro lugar. Atualmente, disputam o Mundial 32 seleções, divididas em 8 grupos de 4 seleções, onde classificam as duas melhores colocadas. As seleções classificadas disputam partidas eliminatórias, em partida única, avançando a vencedora, até à final.

isso, o Brasil acusava a Argentina de ser favorecida. Em contrapartida, os dirigentes da FIFA afirmavam que a tabela foi organizada dessa forma antes de iniciar o torneio e, independente das seleções, os jogos ocorreriam nesses horários. Para endossar as suspeitas da delegação brasileira, a goleada argentina gerou um sentimento de que a seleção peruana havia facilitado a partida.

Sobre o assunto, o jornalista argentino Ricardo Gotta (2008) argumenta que Videla, acompanhado de Henry Kissinger e de militares, havia entrado no vestiário dos peruanos para desejar boa sorte aos jogadores, com o objetivo de intimidar e pressionar os atletas.

Mesmo depois de tanto tempo, os fatos ainda não foram apurados à exaustão, embora poucos hesitem em afirmar que o próprio general Videla empenhou-se em transmitir a Lacoste suas preocupações com o jogo. Este, munido de uma linha de crédito da ordem de 50 milhões de dólares, além de 35.000 toneladas de grãos, teria negociado com membros da delegação peruana, que repassariam as cifras à Junta Militar em Lima. A partir do aval de generais peruanos, favorecidos financeiramente, a delegação teria feito contatos diretos com alguns membros da comissão técnica e jogadores, na verdade, nunca identificados especificamente. (AGOSTINHO, 2002, p. 174).

Gotta também menciona os dólares e o trigo no acordo, acrescentando ainda que o governo argentino aceitou receber treze prisioneiros detidos no Peru. Entre esses prisioneiros estava Genaro Ledesma Izquieta¹¹⁷, que em 2012 realizou depoimento para o juiz argentino Norberto Oyarbide, afirmando que Videla os aceitou como prisioneiros de guerra, em troca da seleção peruana facilitar o jogo para a Argentina, sendo esse acordo uma das ações da Operação Condor¹¹⁸.

O recebimento do governo argentino de treze prisioneiro peruanos de fato aconteceu, pois em telegrama enviado pela Embaixada Brasileira em Buenos Aires a Brasília, em 26 de maio, dias antes de início da Copa, consta a chegada de presos peruanos a Argentina, e entre os nomes citados aparece o de Izquieta¹¹⁹.

Transportados em avião militar peruano chegaram a Jujuy, na manhã do dia 24, treze personalidades peruanas cuja deportação foi determinada pelo Governo Morales Bermudez. Trata-se dos ex-ministros na marinha do governo Velasco Alvarado, vice-almirantes (reformados) Jose Arce Larco e Guillermo Faura Gaig, dos líderes comunistas Ricardo Diaz Chavez, Genaro Ledezma

¹¹⁷ Genaro Ledesma foi militante, líder da esquerda peruana, opositor da ditadura de Bermudez e ex-senador do Peru.

¹¹⁸ Para saber mais sobre o depoimento ver: https://elpais.com/deportes/2012/02/07/actualidad/1328602917_850215.html e <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/19741/vitoria-da-argentina-sobre-o-peru-na-copa-de-78-foi-acordo-entre-ditaduras-diz-ex-senador>.

¹¹⁹ EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa. Argentina/Peru, em 26 de mai. de 1978. (Ostensivo). Exílio de personalidades peruanas. p. 46. F103.

Isquieta e Ricardo Letts Colmenares, e do jornalista Alonso Baella Tuesta, editor do semanário de extrema-direita “El Tiempo”.

Claudio. (EMBAIXADA BRASILEIRA EM BUENOS AIRES, 1978, p. 46).

Em 1 de junho, a Embaixada envia outro telegrama informando que o governo argentino concedeu asilo a cidadãos peruanos. Entre eles, segundo o informe, está Genaro Izquieta¹²⁰.

O Ministro do Interior comunicou ontem, dia 31, que o “Governo Nacional decidiu conceder asilo político a onze cidadãos peruanos que chegaram ao aeroporto de El Cadillal, Provincia de Jujuy, no dia 25 de maio.

Os exilados peruanos são, segundo o comunicado oficial, os vice-almirantes Guillermo Faura Gaig e Jose Larco, os jornalistas Alfonso Baella Tuesta, Jesus Diez Canseco Cisneros, Jesus Alvarado Bravo, Humberto Damonte Larrain e Ricardo Cesar Napuri Schapiro, os sindicalistas Justiniano Apaza Ordonez e Valentin Pachó Quispe, o engenheiro Ricardo Letts Colmenares e o advogado Genaro Ledesma Izquieta. Outros dois cidadãos peruanos chegados a Jujuy, Angel Hugo Blanco Galdos e Ricardo Diaz Chavez, manifestaram a intenção de se dirigir a Suécia e ao Mexico, respectivamente.

O comunicado assinala ainda que “uma vez mais o governo da nação argentina demonstra com fatos concretos seu inveterado respeito pelos direitos humanos”.

Claudio. (EMBAIXADA BRASILEIRA EM BUENOS AIRES, 1978, p. 119).

Em diversos meios de comunicação que divulgaram o depoimento, consta que os presos peruanos foram obrigados pelo governo argentino a assinar a solicitação de asilo, devido ao objetivo do governo em melhorar a sua imagem, como pode ser percebido na última parte do telegrama.

É importante lembrar que a notícia e o telegrama datam antes do início do mundial, momento em que não era possível prever que Argentina e Peru se cruzariam nestas circunstâncias, além de que o Peru não era visto como um dos possíveis classificados para o quadrangular final.

Independente de acordo ou não, o fato é que não era esperado a derrota da seleção peruana por um placar tão elástico, devido a sua surpreendente campanha. O Peru ficou no grupo D, com Holanda, Escócia e Irã. Estreou vencendo a Escócia por 3 a 1, empatou em 0 a 0 com a Holanda e venceu o Irã por 4 a 1, ficando em primeiro lugar no grupo, feito que Brasil e Argentina não conseguiram em seus respectivos grupos. Na segunda

¹²⁰ EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa. Argentina Peru, em 01 de jun. de 1978. (Ostensivo). Concessão de asilo a 11 cidadãos peruanos. p. 119. F103.

fase do torneio, não conseguiu manter o bom desempenho, e foi derrotada por 3 a 0 pelo Brasil e 1 a 0 pela Polônia, chegando na última rodada já desclassificada.

Olhando apenas para o campo, a seleção peruana vinha de dois resultados negativos, já desclassificada e jogando apenas para cumprir tabela, contra uma forte seleção Argentina que jogava em casa, diante de sua inflamada torcida, necessitando fazer 4 gols para se classificar para a final e seguir na luta pelo seu primeiro título mundial. Nesse contexto, por mais que a campanha peruana tivesse superado as expectativas, era plenamente possível a Argentina alcançar o resultado que necessitava. Mas, independentemente da natureza da goleada, o fato é que a suposta manipulação da partida repercutiu no Brasil, principalmente na própria CBD.

Como dito anteriormente, o Brasil também nutria interesses em vencer o Mundial, consagrando o modelo vitorioso adotado desde 1970. Para isso, a seleção recebeu grande investimento, tendo toda a arrecadação da Loteria Esportiva destinada à seleção para a disputa do campeonato, como indica Cabo (2016).

Desse modo

De forma similar às Olimpíadas, as Copas do Mundo, organizadas quadrienalmente pela FIFA, podem ser percebidas como bens culturais no sentido bourdiano (DAMO, 2006, p. 40), pois, além de colocarem em “jogo” a hegemonia futebolística stricto sensu, fomentam, de forma controlada, o acirramento das rivalidades econômicas, nacionais, étnicas e religiosas. (COUTO, 2010, p. 11).

Portanto a Copa de 1978 também pode ser vista como bem cultural, pois foi palco tanto para o Brasil, como para a Argentina consagrarem seus modelos, sejam esportivos, políticos ou econômicos, fomentando suas rivalidades, especialmente devido aos desdobramentos da última rodada da segunda fase.

2.4 A Copa Do Mundo e a relação entre Brasil e Argentina

Ao analisar a participação do Brasil na Copa do Mundo de 1978, é importante levar em consideração o conturbado momento diplomático vivido entre Brasil e Argentina no período, pois como citado, os dois países nutriam interesses em vencer a competição. Para isso, é necessário um breve comentário sobre a Política Externa do governo de Ernesto Geisel.

Geisel adota para a política externa brasileira o *Pragmatismo Ecumênico e Responsável*, dando continuidade ao empreendimento que ocorria desde 1967, pautado no desenvolvimento da indústria nacional. Segundo Oliveira (2005), o governo Médici

buscava novas parcerias, devido ao crescimento econômico experimentado pelo *milagre econômico*. Já o governo Geisel dava atenção especial à diversificação de parcerias, sendo necessário ampliar o número de países importadores dos produtos brasileiros, principalmente na América Latina, África – onde passou a reconhecer a independência das colônias portuguesas – além da Ásia, não se restringindo apenas aos parceiros tradicionais.

É importante pontuar, que a busca em diversificação de novos mercados ocorre devido à crise do modelo adotado pelos governos militares anteriores, como explica Visentini (2000). A indústria nacional, que dependia da importação do petróleo e investimento de capitais estrangeiros, foi duramente afetada pela crise internacional do petróleo, pois com aumento do preço do mineral, não apenas o mercado consumidor interno encolheu, como as exportações brasileiras encareceram. O resultado consistiu na diminuição do fluxo de exportação para os países em desenvolvimento não produtores de petróleo e países industrializados, que também reduziram seus investimentos externos.

É nesse contexto que o governo Geisel busca investir na produção de insumos básicos e energia, lançando um programa de construção de hidroelétricas, usinas nucleares, incremento da prospecção de petróleo e produção de álcool, como a Usina de Itaipu. Em razão da baixa distribuição de renda, o mercado interno não era suficiente, e a inserção internacional do Brasil era necessária.

Em relação à política externa brasileira para a Argentina, até 1970 mantém-se uma continuidade favorável à aproximação com o país vizinho, apesar de leves alterações em alguns momentos. Essa continuidade foi baseada na *Cordialidade Oficial*, que prevê que a boa relação com a Argentina oferece mais ganhos que o confronto, como aponta Spektor (2002).

No entanto, para o autor, é possível perceber no final da década de 1960 que as condições prévias para o uso da orientação deixavam de existir. A Argentina, que se aproximava de Washington, já não possuía grande influência nos países vizinhos, perdendo sua capacidade de isolar o Brasil. Acrescenta-se também a queda da desconfiança dos mesmos vizinhos em relação ao Brasil, abrindo espaço para os interesses comerciais brasileiros, devido ao desenvolvimento da indústria nacional. Além disso, o equilíbrio de poder na região pendia para o lado do Brasil. Por essas razões, Spektor (2002) indica que a *Cordialidade Oficial* já não se fazia mais necessária.

Devido aos entendimentos sobre a construção da Usina de Itaipu, as relações entre os dois países acabaram por se deteriorar ainda mais, e a *Cordialidade Oficial* foi oficialmente rompida em 1974, já no Governo de Ernesto Geisel (SPEKTOR 2002). Em resumo

Entre 1966 e 1973, a diplomacia brasileira para a Argentina abandonou dois dos elementos de seu tradicional marco de referência: a tolerância em relação ao discurso diplomático argentino e a busca sistemática por faixas de cooperação e entendimento como mecanismo para evitar os confrontos abertos. A erosão da cordialidade oficial do cálculo internacional do Brasil terminaria por ser implementada pelo governo brasileiro entre 1974 e 1979. (SPEKTOR, 2002, p.69).

Em relação à questão bilateral entre Brasil e Argentina, o governo Geisel coincide com três governos argentinos, sendo o de Perón, Isabelita e de Videla. Perón, embora tentasse uma reaproximação com o Brasil, não estava de acordo com a questão de Itaipu; Isabelita, por sua vez, esfria a tentativa. Em 1976, a ditadura de Videla altera as relações.

Segundo Fraga (2000) O novo governo argentino passa priorizar a solução do conflito de Itaipu, e envia como embaixador no Brasil Oscar Camillón que, além de nutrir simpatia, é favorável ao entendimento com o país. Por outro lado, os argentinos entendiam que havia falta de interesse por parte do Brasil em resolver a questão.

Além disso, para Silva (2019) o chanceler de Geisel, Antônio Francisco Azeredo da Silveira, não compartilhava do mesmo entusiasmo sobre as resoluções dos problemas com a Argentina, além de nutrir forte opinião a respeito do país vizinho, construída após ocupar cargos na embaixada do Brasil em duas oportunidades, a primeira de 1949 a 1950 e a segunda como embaixador, entre 1969 e 1974.

Silva (2019) aponta as críticas que Silveira dirigia ao nacionalismo vitimista, à inconformidade da Argentina com o estado vigente das coisas, bem como a desconfiança do país em relação ao Brasil. Além disso, para Spektor (2004) Silveira analisava que o declínio argentino também diminuía seu poder¹²¹ na região, não permanecendo mais em igualdade com o Brasil. Portanto, não havia mais a necessidade do Brasil se comportar como se tivesse exposto às pressões argentinas, pois também acreditava que o equilíbrio de poder pendia para o lado brasileiro.

¹²¹ Segundo Spektor (2004) o poder, para Silveira, não diz respeito a questão militar, mas sim a capacidade financeira, cultural e diplomática, bem como de prestígio frente as outras nações.

Além da percepção de Silveira a respeito da Argentina, o chanceler brasileiro também não simpatizava com Camillón. Silva (2019) indica que para Silveira, a proximidade de Camillón com a imprensa brasileira buscava melhorar a imagem da Argentina, passando a impressão de que era o Brasil quem complicava as negociações. Assim, o fato de terem personalidades, visões políticas e métodos opostos, causava o embate entre os dois, contribuindo para a deterioração das relações entre os dois países, como expõe Spektor (2002).

O autor explica que a negociação foi marcada pelo desentendimento em relação a questões políticas e técnicas. Foi comum que aspectos já resolvidos voltassem à tona, travando novamente as negociações. O desencontro durou até o final do governo Geisel, e os dois países finalmente entraram em acordo apenas em outubro de 1979, já no governo Figueiredo.

Dessa forma, embora a década de 1970 tenha presenciado a rivalidade política entre Brasil e Argentina, causada sobretudo pelo rompimento da *Cordialidade Oficial* no cálculo estratégico da política externa brasileira e pelas discordâncias em relação à questão de Itaipu, ocorreu no período grande avanço nas cooperações em termos militares.

Já a partir da metade da década de 1960, especificamente a partir do golpe militar de 1964, Saraiva (2012) aponta que os militares brasileiros passam a ter o entendimento da importância de criar articulações com a Argentina, visando o combate à infiltração comunista, tomando forma na década seguinte.

A partir de 1970, a questão da segurança também torna pauta de interesses dos militares argentinos, visando combater o comunismo e a subversão. Dessa forma, os serviços de inteligência e informações dos dois países estabelecem maior contato, fundando inclusive a *Operação Condor*, em 1975, em conjunto com as outras ditaduras da região, viabilizando o contato de militares brasileiros e argentinos de alta patente a partir de 1976. A própria negociação de Itaipu também se torna pauta dos militares no ano de 1977.

A autora lembra que os militares brasileiros e argentinos, influenciados pelos norte-americanos, nutriam semelhanças em suas doutrinas de segurança nacional. A própria cooperação militar foi uma das ações que ajudou a reduzir o nível da rivalidade entre os dois países, abrindo espaço para o futuro entendimento.

Nesse sentido, o governo brasileiro se atentou à possibilidade de ações de grupos de oposição argentinos dentro do Brasil durante o mundial, segundo informações obtidas pela Polícia Militar do Paraná¹²² e transmitidas para a Agência de Manaus do SNI. Segundo o documento, argentinos que residiam em Bernardo Yrigoyen/Argentina, informaram que haveria um movimento guerrilheiro argentino se preparando para práticas de “terrorismo” durante a Copa do Mundo.

Para além de verificar a real intenção das organizações guerrilheiras de utilizarem a Copa do Mundo para desencadear ações de tal porte, os documentos evidenciam a existente preocupação das autoridades brasileiras com a possibilidade de ocorrerem ações durante o torneio, principalmente por utilizarem as zonas fronteiriças e contarem com a participação de organizações brasileiras.

Na mesma série de documentos do SNI, constam outros dois informes datados de 31 de março e 04 de abril de 1978, que abordam a presença de integrante dos Montoneros no Brasil. O primeiro documento, uma circular da Agência de Manaus do SNI¹²³, relata que em 16 de dezembro de 1977, teria chegado ao Brasil um homem chamado Alfossin, responsável pelas ações dos Montoneros em Buenos Aires e Mar Del Plata.

Segundo o texto, Alfossin teria confirmado a existência de planos de terrorismo seletivo que seriam realizados durante a realização do campeonato, e que contariam com a participação das organizações estrangeiras¹²⁴. O documento relata ainda que o armamento que seria utilizado estaria enterrado na fronteira entre Brasil e Argentina, e que chegariam mais militantes ao Brasil.

O segundo documento é um informe da Agência Central do SNI¹²⁵, que relata com detalhes a presença dos integrantes Montoneros no Brasil. Segundo o informe, entre os dias 16 a 20 de dezembro de 1977, os membros da cúpula dos Montoneros, residentes na Itália, participaram de uma reunião na cidade de Santos/SP, para tratar das operações a serem realizadas durante a Copa. O informe também lembra que os Montoneros voltariam

¹²² ESTADO DO PARANÁ. Polícia Militar. Estado Maior Geral. 2º Seção. Informe nº 102/PM-2/1.978, Origem: 2º seção/PMPR, Difusão: SNI/ACT - 5ª RM/DE - DPF - CISESP, Classificação: C-4, em 23 de fev. de 1978. (Confidencial). Assunto: Helicópteros estariam sobrevoando área fronteira Brasil/Argentina, depositando armas no lado argentino. p.2.

¹²³ SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES. Agência de Manaus. Circular 112/16/AC/78, em 31 de mar. de 1978. p. 12.

¹²⁴ OFL, Setembro Negro, Sol Vermelho e outras.

¹²⁵ SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES. Agência Central. Informe nº 094/16/AC/78, Origem: PRG 3020/78, Difusão: CIE - CISA - CENIMAR - CI/DPF - AKJ- APA--ACT- ABH - ASP - AMA - AEE - ASV - AFZ - ARE'- NAGO - ACG, Classificação: A-2, em 04 de abr. de 1978. (Confidencial). p. 13.

a intensificar suas operações, visando somente as entidades governamentais e interferência nas estações de rádio e televisão com mensagens contra o governo.

As supostas atividades em território brasileiro não foram registradas apenas nos documentos dos serviços de informações do Brasil. Em telegrama, de 8 de maio, enviado pela Embaixada Brasileira em Buenos Aires ao MRE¹²⁶, comentava a publicação do jornal *La Nacion*, edição de 6 de maio, sobre as campanhas que os Montoneros estariam realizando contra a Argentina em território brasileiro, aproveitando a aproximação da Copa do Mundo, que começaria no próximo mês.

[...] Segundo a matéria, pelo menos o “Jornal do Brasil” e a “United Press” receberam comunicado e folheto a caros dos “Montoneros”, semelhantes aos divulgados pelo grupo na Europa e em outros países na América Latina. Os terroristas prometem aos turistas que vieram para o Mundial que “no tienen nada que temer de las fuerzas populares”, bem como atacam o governo do General Videla. Finalmente, revela a notícia que a sobrecarta com o comunicado e o folheto não tinha remetente e fora carimbada no correio da Cidade do México.

Muito agradeceria a vossa excelência receber, caso possível, copia do comunicado e do folheto em questão.

Claudio. (EMBAIXADA BRASILEIRA EM BUENOS AIRES, 08 de mai. De 1978, p. 434).

Percebe-se, então, a atenção dada pelos militares brasileiros às possíveis ações de grupos argentinos, como os Montoneros, durante a realização do Mundial, estando atentos inclusive a movimentações dentro do território nacional.

O governo brasileiro também monitorava as repercussões da Copa de 78 na imprensa brasileira, demonstrando preocupações com a forma como o governo argentino e o campeonato eram abordados, devido ao contexto turbulento nas relações bilaterais entre os países.

Nesse sentido, em um informe do Centro de Inteligência Exército, vinculado ao Ministério do Exército¹²⁷, de 20 de abril de 1978, cujo assunto é *Difamação da Argentina – Revista “Isto É”*, fica evidente o desconforto com a forma negativa na qual a Argentina e a Copa do Mundo são referidas. Trata-se do artigo *A Copa do Mundo mais policial que*

¹²⁶ EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa/Espportes. Argentina/Brasil, em 8 de mai. de 1978. (Ostensivo – Urgente). Campanha dos “Montoneros” contra a Argentina no Brasil. Copa do Mundo de 1978. p. 434. F4202.

¹²⁷ MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Gabinete do Ministro. CIE. Informação nº 556 S/102 - A11/CIE, Origem: CIE, Difusão: AC/SNI - DSI/MRE - DSI/MJ, Brasília – DF, em 20 de abr. de 1978. (Confidencial). Assunto: Difamação da Argentina – Revista “ISTO É”. p. 71-74. br_dfanbsb_z4_rex_ips_0547_d0001de0001.

o mundo já viu, de autoria de Guillermo Montero Vazques, publicada no exemplar número 69, de 19 de abril de 1978.

1. Nos últimos meses, na EUROPA, vêm sendo difundidas pela imprensa, diversas manifestações de protesto contra o regime político argentino, tendo por alvo imediato o boicote a próxima COPA DO MUNDO, a ser realizada naquele país em junho de 1978.
2. A revista ISTO É, em seu exemplar nº 69, de 19 Abr 78, apresenta artigo de GUILLERMO MONTERO VAZQUES intitulado "A COPA MAIS POLICIAL QUE O MUNDO JÁ VIU", dentro do mesmo objetivo de difamação daquele País que vinha sendo observado na EUROPA.
3. Na atual conjuntura diplomática do Cone Sul/AL, caracterizada pela tensão existente entre o BRASIL e a ARGENTINA, a citada revista vem dar a sua contribuição negativa com a apresentação do citado artigo que, ao que tudo indica, se insere no contexto de um movimento mundial do MCI que busca desmoralizar o regime do país vizinho. (ME/CIE, 20 de abr. de 1978, p. 71).

No último trecho, chama a atenção a conclusão do relatório, que evidencia a visão dos militares brasileiros em relação à Copa. Primeiramente, havia receio das consequências que a publicação poderia causar nas relações entre os dois países, tendo em vista a tensão existente no momento. O segundo eixo é a inserção do artigo no contexto Movimento Comunista Internacional, jargão sempre presente nos documentos de inteligência, que, como exposto, estaria tentando desmoralizar o governo Videla.

Junto ao documento está anexado um recorte das três páginas do artigo. O início do texto apresenta o número de 15 mil desaparecidos, segundo dados da Anistia Internacional, e aborda de forma crítica e irônica todo o grande aparato de segurança para a Copa, se referindo como um exagero. Ainda em tom crítico e irônico, o autor também cita a importância que o governo dava ao mundial para melhorar a imagem do país, destacando como ocorreu a decisão da *Junta Militar* em confirmar a Argentina como sede do Mundial.

Esta transcendente "decisão política" foi tomada, segundo tudo indica, logo que a agência americana de publicidade Burson Marsteller entregou à Junta Militar um extenso estudo de mais de 150 páginas afirmando que "a Copa do Mundo é uma oportunidade única para modificar a imagem externa do regime." (VAZQUES, 19 de abr. de 1978, p. 73).

O autor dedica algumas linhas para descrever os gastos com a Copa, apresentando o número de 700 milhões de dólares, frente aos grandes problemas econômicos no qual a Argentina atravessava. Ao retomar o debate sobre a questão da segurança, o autor afirma que parte das despesas foram direcionadas ao aparato policial, não se restringindo apenas ao território argentino, mas também ao Uruguai e Chile. O governo argentino teria solicitado ao uruguaio, que formasse brigadas especiais para coletar dados de todos os

estrangeiros que entrassem e saíssem do país, e que teria realizado proposta similar ao Chile.

Além disso, o autor também aborda ação policial no Grande Prêmio de Formula 1, em Buenos Aires, funcionando como uma espécie de ensaio da repressão durante a Copa, pois reprimiram de forma violenta os jornalistas que tentaram acessar aos boxes, local que não era permitido o acesso. O caso repercutiu na Europa, e a Associação de Jornalistas Esportivos da França solicitou às autoridades argentinas que garantissem a segurança de seus repórteres, e o Sindicato dos Jornalistas Britânicos comparou a situação da Copa com aos Jogos Olímpicos de 1933, em Berlim. O autor lembra que a repressão não se restringe apenas aos jornalistas, mas também aos trabalhadores argentinos, que além da crise econômica, também sofriam com a crise educacional e com os altos índices da doença de Chagas.

Poucos dias depois, em 25 de abril de 1978, o Centro de Informações do Exterior¹²⁸, vinculado ao Itamaraty, divulga um informe, que relata uma notícia sobre o boicote à Copa, publicado no dia 17 do mesmo mês pelo boletim Information Latine, na cidade de Paris. Na notícia consta que o documento, de autoria do COBA, denuncia o plano do governo argentino de enviar à Europa uma missão para atentar contra 240 exilados políticos argentinos, suspeitos de realizarem campanha contra o governo no continente Europeu¹²⁹.

Num documento de três páginas, o Grupo Pro-Boicote da Copa do Mundo na Argentina (COBA) denunciou, a 15 do corrente, que o Governo militar argentino decidiu enviar uma "missão especial" à Europa para atentar contra 240 exilados argentinos neste continente, considerados como "extremamente perigosos". Tal documento revela que esse plano se insere num projeto concebido pelo Encarregado de Negócios da Embaixada da Argentina em Londres, "para vigiar e liquidar" os 240 exilados suspeitos de organizar uma campanha de "desprestígio" da Argentina. Esses militantes e dirigentes argentinos asilados na Europa, continua o comunicado, são considerados como "perigosos" porque se recusam a aceitar a "pretendida abertura" empreendida pelo Governo, através do Almirante Massera.

[...]Ao mesmo tempo o COBA denunciou que dentro do plano de eliminação dos exilados "60 membros das forças de segurança argentinas chegaram a Madri durante a primeira semana de março, munidos de armas e documentos falsos". Através de Madri, eles chegariam a Paris, Roma, Londres e Estocolmo

¹²⁸ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Centro de Informações do Exterior. CIEEx nº 011/78, Informe, Difusão: SNI/AC CIE 2º. Sec./ EME 2º. Sec. /EMAER CENIMAR 2º.Sec. /EME CISA Ch Gb AC/SNI, em 25 de abril de 1978. (Secreto). Índice: Copa do Mundo na Argentina. Boicote na França. p. 8-9. br_dfanbsb_ie_0_0_0016_d0012de0016.

¹²⁹ O documento também cita brevemente que, segundo o documento do COBA, existia um projeto de pôr fim ao conflito na Argentina e dirigir o movimento "Masserismo", sucessor do "Irigoyenismo" e "Peronismo".

para começar seus projetos de eliminação dos exilados, por meio de "acidentes dissimulados". (MRE/CIEEx, 25 de abr. 1978, p. 8-9).

A notícia em questão também repercutiu na Argentina, mas de forma discreta. Tal informação também está presente em um documento da Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores do Brasil¹³⁰, de 05 de maio de 1978, em informe recebido da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, em 18 de abril de 1978. Consta que o jornal matutino *Buenos Aires Arold* foi o único jornal portenho a publicar a notícia, acrescentando a denúncia feita pelo CIMADE ao Ministério do Exterior Francês sobre a presença dos agentes em questão em reuniões de refugiados, além de um breve histórico sobre a formação e objetivos do COBA.

A Embaixada do BRASIL em BUENOS AIRES, em 18/ABR/78, informou que, segundo o matutino "BUENOS AIRES HERALD", que foi o único órgão da imprensa portenha a publicar a notícia, grupos de oposição ao regime argentino, sediados na Europa, denunciaram que o Governo argentino está enviando agentes ao exterior para infiltrar-se em grupos de asilados e procurar neutralizar a campanha contra a realização do campeonato mundial de futebol.

A organização para auxílio a refugiados políticos denominada "CIMADE" denunciou em PARIS, ao Ministro do Exterior francês, segundo o "HERALD", a presença de agentes de segurança argentinos em reuniões de refugiados. A organização denominada "COBA", por seu lado, que promove a campanha para boicotar o mundial de futebol, declarou que grupos de policiais argentinos teria chegado a MADRID com instruções para perturbar a campanha européia de boicote ao torneio.

De acordo com o matutino de língua inglesa, o movimento de adesão ao boicote, intitulado "COMMIT -TEE FOR THE BOICOTT OF THE ORGANIZATION BY ARGENTINA OF THE WORLD FOOTBALL CUP", teria sido criado em PARIS no dia 26/FEV/78, com a presença de oito representantes de nações da Europa Ocidental, de grupos vinculados a Direitos Humanos e de asilados argentinos. Essa organização vem publicando grandes anúncios na imprensa européia, acusando a ARGENTINA de violar os Direitos Humanos, assim procurando conseguir a adesão ao boicote pelas equipes européias de futebol que estão classificadas para a Copa. (MRE/DSI, 05 de mai. de 1978, p. 27).

Em outro telegrama enviado pela Embaixada Brasileira em Buenos Aires ao MRE, datado de 06 de abril¹³¹, portanto semanas antes da publicação do boletim francês, foram divulgadas as declarações do Embaixador da Argentina em Paris, Tomas de Anchorena, sobre as “campanhas anti-argentinas”, em suas palavras, que aconteciam na França.

O Embaixador da Argentina em Paris Tomas de Anchorena, que se encontra esta capital chamado para consultas, fez declarações a imprensa que tiveram

¹³⁰ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Divisão de Segurança e Informações. Informe n° - DSI/1628, Difusão: SNI/AC, em 05 de mai. de 1978. Assunto: Argentina. Campanha de asilados de boicote à Copa do Mundo. p. 27 e 28. br_dfanbsb_z4_rex_ips_0551_d0001de0001.

¹³¹ EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa/Segurança. Argentina/França, em 06 de abr. de 1978 (Ostensivo). Assunto: Declarações do Embaixador em Paris sobre as campanhas Anti-Argentinas. p. 72.

grande repercussão, merecendo até notícias de primeira página de “La Nacion”.

O Embaixador Anchorena afirmou que na “medida e que a paz e a quietude voltaram ao país, que as coisas vão se normalizando, chegamos à conclusão de que no exterior a campanha de desprestígio para com a Argentina aumenta”. Manifestou ainda que a subversão, vencida no âmbito nacional, está querendo por todos os meios criar problemas para o país, sendo o Campeonato Mundial de Futebol o tema que mais atrai atenção no momento.

Salientou que “se quer assinalar que o Mundial é uma forma utilizada pelo governo argentino para dissimular os problemas que está vivendo a população, a falta de segurança, a falta de liberdade”. Segundo o Embaixador chegou-se ao extremo de se formar comissão de Boicote ao Mundial, a qual patrocina e realiza a campanha.

Informou ainda que a campanha é dirigida por Mario Halter, mas que atrás dele há sem dúvidas argentinos. Manifestou no entanto que a campanha ficou bastante desprestigiada graças a entrevista do técnico da seleção francesa, Michel Hidalgo, a televisão (texto cortado) a Argentina e que havia visto um país em (texto cortado) contra o governo argentino, aproveitando o episódio do desaparecimento das religiosas francesas, por exemplo. O anti-semitismo também é tema explorado pelos meios de comunicação, afirmando-se infundamente que há 100 mil judeus exilados e que os que aqui vivem são perseguidos.

A respeito da proibição pelo Cardeal Marty de que se realizasse missa pelo bicentenário do nascimento de San Martin, na Catedral de Notre Dame manifestou que a mesma constituiu surpresa, mas que o episódio teve repercussão positiva, já que houve a adesão de solidariedade de diversas entidades e personalidades francesas na Argentina.

Finalmente, informou que a essas campanhas a Argentina tem respondido através de suas embaixadas, bem como pelo centro de difusão para a Europa, criado em Paris para difundir a “imagem real do país”

Claudio. (EMBAIXADA BRASILEIRA EM BUENOS AIRES, 06 de ab. De 1978, p. 72).

Em resumo, algumas das questões sobre a Copa do Mundo transitaram por órgãos da inteligência militar do Brasil. Como visto, em documentos do Serviço Nacional de Informação (SNI) circularam informes e monitoramentos sobre as supostas ações de grupos de esquerda, planejadas para acontecerem dentro do território nacional e por ocasião da realização do campeonato. Por sua vez, os documentos Centro de Inteligência do Exército (CIE) e do Centro de Informações do Exterior (CIEEx), apontam para a repercussão negativa da Copa e da Argentina em notícias difundidas no exterior e no Brasil. Entretanto, é importante pontuar que o SNI e os centros de informações ministeriais, por vezes, cometeram equívocos, erros de interpretações e exageros, como observa Fico (2001). Segundo o autor

[...] Ao longo dos anos, o Serviço Nacional de Informações (SNI) constituiu-se em fonte bastante profissional de informações para os generais-presidentes, permanecendo quase sempre nos níveis subalternos as avaliações equivocadas, filtradas que eram, naturalmente, pelos escalões superiores e mais habilitados. Desse modo, a comunidade de informações gerou situações muito sérias, com

consequências gravíssimas para a sociedade brasileira. É necessário, portanto, compreendê-la em profundidade, pois o folclore sobre as “trapalhadas” pode ocultar a verdadeira dimensão do problema. (FICO, 2001, p. 74-75).

Dessa forma, para além de confirmar o nível de veracidade das ações presentes nos documentos, é possível constatar os diferentes modos em que a Copa do Mundo foi tratada pelos militares brasileiros, seja em relação à “presença comunista” ou às relações bilaterais com a Argentina. Além disso, observando especificamente o caso dos documentos do CIEEx, Filho (2008) aponta para a mudança de perfil dos conteúdos da documentação produzida pelo centro ao longo do período militar. O CIEEx, criado em 1966, se concentrava majoritariamente em monitorar os brasileiros no exílio, mas à medida em que a abertura política se aproximava e os militares iriam perdendo força, o centro passa a se concentrar em vários âmbitos das questões de políticas internacionais de interesse ao Brasil.

Entre essas questões de interesses, estava incluso a Argentina, devido ao já mencionado momento conturbado das relações entre os dois países, além da importância histórica do país para a política externa brasileira. No caso do documento do CIEEx aqui exposto, bem como o documento do DSI/MRE, ao difundirem informes sobre as notícias da campanha de Boicote ao Mundial, corroboram com a mudança de perfil apontada pelo autor¹³².

Nesse sentido, percebe-se não só a importância do título mundial para Brasil e Argentina, mas também a preocupação do governo brasileiro com ações durante o mundial, e como o próprio torneio era abordado pela imprensa brasileira. Como aponta Saraiva (2012), era um momento de grande rivalidade política, mas de grande cooperação na área militar. Ambas as seleções contavam com a presença militar e o interesse de seus governos na conquista do título. Contextualizar a situação é importante, pois além dos aspectos citados, houve o embate indireto entre os dois países na semifinal do torneio, marcado pela eliminação do Brasil, permeada por acusações direcionadas à seleção peruana, cujo país também era governado por militares, e a Argentina.

¹³² É importante pontuar que as séries do CIEEx e do DSI/MR onde se encontram os informes aqui expostos, contam com documentações que abordam variados assuntos internacionais de interesse do Brasil, como a presença de Brizola na Reunião Socialista em Caracas; Comitê Brasil para a Anistia; o convenio de transportes aéreos entre EUA e Paraguai; a presença de tropas chilenas na Namíbia; e as manifestações contrária à política emigratória do governo romeno, todos de 1978.

3. A COPA DO MUNDO DE 1978

A Os interesses políticos brasileiro e argentino em relação a Copa do Mundo de 1978 eram perceptíveis anos antes do início do campeonato. No caso argentino, os preparativos se iniciaram com a escolha do país como sede, em 1966. No entanto, devido à instabilidade política e crise social e econômica que o país enfrentou no início da década de 1970, havia a preocupação por parte da FIFA, com a falta de garantia da Argentina em realizar o Mundial 78.

Após o golpe denominado Proceso de Reorganización Nacional, a Junta Militar, por sua vez, entendendo a visibilidade que um torneio desse porte proporciona, além dos ganhos em relação à política interna, confirma a realização do campeonato, pretendendo apresentar para o mundo uma nova Argentina.

Em relação ao Brasil, como já exposto, os militares mantiveram ligação íntima com o futebol desde o governo Médici. A Copa de 1978 foi o momento em que a aproximação ocorreu de forma mais intensa, no qual uma vitória representaria a consagração do modelo militarizado, ou seja, o “triunfo” da disciplina e do novo jogador brasileiro, o jogador-soldado. Desse modo, com a CBD comandada pelo Almirante Heleno Nunes, a ditadura implanta no futebol brasileiro os princípios da Doutrina de Segurança Nacional, os quais se refletiram diretamente na seleção brasileira. Percebe-se, então, a importância que uma boa campanha representaria para o governo de Geisel, seja em questões “morais” ou de interesses internos.

O presente capítulo acompanha a trajetória da seleção durante a Copa do Mundo de 1978 através dos jornais *Jornal do Brasil* e *O Globo*, objetivando demonstrar a percepção em relação à campanha do Brasil, apontando quais as expectativas para a participação da equipe, os argumentos utilizados após exhibições ruins, além de questões extracampo, como a suposta intervenção do Almirante Heleno Nunes na escalação, os altos gastos da CBD com convidados e a organização do futebol brasileiro.

3.1 A campanha da seleção – primeira fase

Para a estreia do Brasil contra a Suécia, as páginas do *Jornal do Brasil* repercutiram as opiniões de atletas e de jornalistas de que a seleção venceria a Suécia e poderia almejar o título se jogasse um futebol ofensivo. No entanto, na última matéria do caderno de esportes da edição do dia 03 de junho, data da estreia, ficou evidente o

incomodo e desconfiança com a forma de trabalho do técnico Coutinho, vista como oposta ao do estilo natural do jogador brasileiro¹³³

Na Seleção Brasileira, algo mais do que suas pretensões ao título estará sendo testado nestes primeiros jogos. A filosofia do técnico Claudio Coutinho – apoiada pela CBD do Almirante Heleno Nunes – de disciplina metódica, padronização de comportamento, dentro e fora do campo, ou mesmo de robotização tecnico-tática de jogadores que sempre apoiaram suas virtudes na criatividade, no talento individual e na liberdade de ação, também começa a ser posta em xeque esta tarde. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 27).

O estilo disciplinador do técnico, que contava com o apoio da CBD, já demonstrava desgaste e incompatibilidade com jogadores, vistos pelos jornais como acostumados a atuar com criatividade e liberdade em campo, opinião que vai predominando durante a competição, contrastando com a visão difundida durante as eliminatórias.

Nas páginas do *O Globo*, ao contrário, havia a esperança de uma seleção atuando ofensivamente em sua estreia¹³⁴. Aqui, o método adotado pelo técnico aparece de forma suavizada, apontada como a união da força física e criatividade, e não como um método disciplinador oposto ao estilo natural do jogador brasileiro¹³⁵.

O Brasil estreou na Copa com um empate diante os suecos¹³⁶, após sair perdendo. O jogo foi marcado por um gesto político, onde Reinaldo, autor do gol brasileiro, realizou a sua comemoração típica em alusão aos Panteras Negras, com o punho direito levantado. Tal gesto irritou os militares, que temiam alguma manifestação política do atleta, já que Reinaldo recebeu o “conselho” de Geisel em reunião no Palácio Piratini antes do embarque para a Argentina: “cuida de jogar futebol, deixa a política pra gente”.

Reinaldo jogou apenas a partida seguinte, que ficou marcada como uma punição ao atleta. No entanto, como aponta Couto (2010), o jogador não estava em boas condições físicas, e só foi mantido na seleção, pois a sua não convocação poderia causar a impressão de perseguição política para a opinião pública. Dessa forma, após não marcar no empate contra a Espanha, Reinaldo foi substituído por Roberto Dinamite.

¹³³ Brasil mostra hoje o que pretender na Copa. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 56, 03 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 27.

¹³⁴ Atacar, ondem de Coutinho para a estréia. O Globo, esportes, 03 de junho de 1978, p. 32.

¹³⁵ A Confiança da seleção no novo estilo de jogo. O Globo, esportes, 03 de junho de 1978, p. 32.

¹³⁶ Ao final do jogo, o juiz Clive Thomas encerrou a partida após a cobrança de escanteio, não esperando a jogada que terminou em gol se concretizar para apitar.

O entendimento geral no *Jornal do Brasil* foi que a seleção jogou mal, sendo pouco ofensivo e o empate foi justo, com comentários restritos ao campo¹³⁷. Em *festa preparada para uma vitória só durou um segundo*¹³⁸ faz um panorama sobre a decepção dos torcedores brasileiros com o empate, e cita um trecho do texto *Futebol, mais futebol*, da coluna *Encontro com o pastor*, de Dom Paulo Evaristo Arna, Cardeal Arcebispo de São Paulo, publicado no jornal *O São Paulo*

O que queremos, nesta Copa do Mundo, é que o Selecionado Nacional jogue à maneira brasileira. Com arte e alegria, a favor de todos nós. E com respeito diante do adversário. Sem guerras de nervos, nem mesmo de prestígio. A bola que está em campo é a bola de todos os brasileiros e não só de uma equipe ou de uma vontade alheia ao povo. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 36).

O trecho destacado pelo *JB* faz menção a duas questões que se tornam cada vez mais latente ao longo do campeonato: o futebol arte, ofensivo e típico do Brasil e o incomodo com os interesses políticos com a seleção.

No *O Globo*, por sua vez, a opinião era oposta. Na primeira página *Seleção, nervosa, empata na estréia*¹³⁹ aponta o nervosismo como o responsável pelo empate, entendendo que a seleção apresentava um futebol de alto nível antes de cair de ritmo. As páginas do jornal também expressavam a partida ruim da seleção, mas sem mencionar o jogo defensivo ou maiores críticas ao técnico Claudio Coutinho. O jornal ainda menciona o comportamento de Ernesto Geisel durante a partida¹⁴⁰

O Presidente Geisel assistiu ontem, em Brasília, ao jogo da seleção brasileira, acompanhado por seu secretário particular, Heitor Ferreira. D. Luci Geisel, a filha do Presidente, Amália Luci, e D. Amália, irmã de Geisel, também assistiram ao jogo, mas em outra dependência da Granja do Torto. Geisel, de calça clara e camisa estampada, sorriu e fez comentários durante toda a partida. (O GLOBO, 1978, p. 46).

Junto ao texto está uma foto de Geisel, sorridente, assistindo à partida entusiasmado, uma imagem que busca aproximar o então presidente dos torcedores brasileiros. É uma estratégia comum de líderes de estado durante um grande evento esportivo e que surgem em determinados veículos de comunicação.

Após o empate contra a Suécia, a seleção se preparava para a próxima partida, contra a Espanha. Na véspera da partida, o *JB* estampa com grande destaque em seu

¹³⁷ Da estréia na Copa ficou o mau futebol; Coutinho culpa os jogadores pelo mau resultado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 57, 04 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 37 e 38.

¹³⁸ *festa preparada para uma vitória só durou um segundo*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 57, 04 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 36.

¹³⁹ *Seleção, nervosa, empata na estréia*. *O Globo*, primeira página, 04 de junho de 1978.

¹⁴⁰ Geisel viu em Brasília. *O Globo*, Esportes, 04 de junho de 1978, p. 46.

caderno de esportes a notícia *Jogadores decidem abandonar teorias de Coutinho*¹⁴¹, em que os atletas, representados por Zico, Rivelino, Leão e Reinaldo, haviam se reunido com o técnico, na noite anterior, para adotar um estilo de jogo ofensivo e com maior liberdade individual, abrindo mão momentaneamente das concepções de Coutinho. Tal notícia apresenta os jogadores como questionadores da ordem vigente, atitude cobrada pelos jornais, que afirmavam não existir questionadores na equipe.

Ainda na mesma edição, no caderno B, a extensa matéria de Norma Couri intitulada *Reinaldo – um cabo eleitoral inconformado*¹⁴², apresenta fortes declarações do atleta. Para Reinaldo, atualmente os jogadores de futebol são cabos eleitorais do governo, e tem a consciência de que em caso de título, o governo usará a vitória em seu favor.

Até que ponto essa nova responsabilidade detectada por Reinaldo estaria influenciando no rendimento da equipe da CBD? Ele será o único a ter consciência dela? Ninguém poderá dizer-lo com certeza, mas pode-se afirmar com certa tranquilidade que em mais de um sentido Reinaldo é um solitário na atual situação. Por exemplo: no dia em que se considerou compulsoriamente ligado ao processo eleitoral, ele tomou o avião para a Argentina apertando debaixo do braço um exemplar de *Os Dados Estão Lançados*, de Jean-Paul Sartre (e acabara de ler, segundo disse, *Cartas da Prisão*, de Frei Beto). (COURI, 1978, p. 29).

Ao longo da matéria as qualidades do jogador solitário vão sendo expostas: manifesta suas opiniões, contrariando a CBD; é consciente de que desempenha muito bem o papel de ser parte da válvula de escape para o povo; sabia como seria a repercussão de sua polêmica entrevista ao jornal *Movimento*; entende o futebol como ópio do povo, assim como a religião, e acredita que Pelé poderia ter tomado alguma posição quando jogava, mas entende e não o condena, pois sabe dos riscos; além de defender a democratização e direito ao voto.

Reinaldo entende a sua função de ídolo, e ao se referir à seleção como parte do governo, afirma não querer passar pelo futebol de qualquer maneira. Por fim, o atleta afirma que não estará sozinho por muito tempo, tendo em vista a nova geração de jogadores, com perfil distinto da atual. E Reinaldo estava certo, a seleção brasileira da copa de 1982 foi marcada pelos jogadores rebeldes.

¹⁴¹ Jogadores decidem abandonar teorias de Coutinho. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 59, 06 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 28.

¹⁴² COURI, Norma. Reinaldo – um cabo eleitoral inconformado. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 59, 06 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 29.

O *O Globo* também noticia a visita de Heleno Nunes aos jogadores¹⁴³, em que afirmou ter sido uma conversa franca. Segundo o jornal, Nunes disse nunca ter visto a seleção jogar tão mal, apontou a inexperiência como uma das causas do empate e que faltava ao time um homem para comandar em campo. Em relação à escalação

E mais uma vez o almirante Heleno Nunes, como sempre faz na CBD, disse que “não sugeriu mudanças na equipe, nem exigiu a escalação desse ou daquele jogador”

[...] Frases de Heleno, ontem, no Brascope:

– Como presidente da CBD, tenho condições de mudar tudo. Mas, se o fizesse, seria desonesto para com a Comissão Técnica.

– Nada falei com Coutinho sobre substituições, erros e tática. [...]. (O GLOBO, 1978, p. 35).

Pela primeira vez durante o mundial foi mencionada uma suposta intervenção de Heleno Nunes na escalação. Mesmo com o presidente afirmando o oposto, já havia a ideia de que esse poderia ter a intenção de intervir na equipe.

Se no *JB* o entendimento era de que os jogadores buscaram colocar as teorias do técnico em segundo plano, no *O Globo* a impressão era outra. Segundo o jornal, os jogadores estavam solidários ao técnico e em conversa concordaram em seguir sua teoria, após assistirem ao *tape* do jogo contra a Suécia¹⁴⁴. No jornal, o clima era de confiança e de que todos estavam unidos em busca de uma vitória contra a Espanha, no dia 07 de junho.

No jogo seguinte contra a Espanha, o Brasil empata novamente, agora pelo placar de 0 a 0. Logo na capa do *JB*, edição do dia 08 de junho, *Heleno Nunes intervém na Seleção*¹⁴⁵ indica que o presidente da CBD passou a intervir diretamente no time, inclusive marcando uma reunião no mesmo dia.

O jornal destaca a impressão dos jornais argentinos sobre o jogo, que tornaram a seleção motivo de piada no país vizinho¹⁴⁶. Além disso, noticia o envio de diversos telegramas de torcedores pedindo a saída do técnico¹⁴⁷, bem como entende que Coutinho

¹⁴³ Heleno Nunes. *O Globo, Esportes*, 06 de junho de 1978, p. 35.

¹⁴⁴ *O Globo, Esportes*, 07 de junho de 1978, p. 35.

¹⁴⁵ Heleno Nunes intervém na Seleção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 07 de junho de 1978. Primeira página.

¹⁴⁶ Futebol do Brasil é motivo de piada na Argentina. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 61, 08 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 36.

¹⁴⁷ Telegramas pedem a renúncia do técnico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 61, 08 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 36.

foi pior que o time¹⁴⁸, criticando a sua atuação frente à equipe. Mesmo no caso de classificação, ficou nítido a falta de confiança para a segunda fase do mundial.

Em relação a Heleno Nunes, é dito que o presidente resolveu intervir diretamente na seleção, mantendo contato com a Comissão Técnica e exigindo sempre explicações¹⁴⁹. O maior exemplo de intervenção na seleção foi a polêmica escalação de Roberto Dinamite no lugar do jogador Reinaldo, já para a próxima partida. Em *Heleno quer Roberto*¹⁵⁰ afirma que Nunes entende como necessário a escalação de Dinamite devido à sua forma física, com melhor preparo para jogar no gramado ruim de Mar del Plata, diferente das características de Reinaldo.

– Não estou dizendo que Roberto deva ser titular, mas é preciso contarmos com um homem grande para brigar nas bolas altas na área adversária. Cheguei a esta conclusão depois de observar Reinaldo, um atacante muito inteligente, mas para outro tipo de gramado. Neste de Mar del Plata, temos de jogar de outra forma para vencermos a Áustria e conseguirmos a classificação.

[...] – Depois de observar estes dois jogos, Coutinho também deve ter chegado a uma conclusão idêntica à minha, tanto que, no fim do jogo contra a Espanha, a Seleção melhorou porque, em vez de tentar chegar à área no toque de bola, passou a fazer cruzamentos altos para a área. [...] (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 38).

Ao ser questionado se em sua opinião era fundamental a entrada de Dinamite para o Brasil conseguir a classificação, Nunes responde:

– Não estou querendo influir, mas a escalação de Roberto é quase necessidade. Ele é o atacante mais forte e raúdo que temos para o tipo de jogo a ser adotado neste escorregadio gramado de Mar del Plata. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 38).

Aqui, dois pontos importantes: o primeiro diz respeito à questão física de Reinaldo. O jogador não se encontrava no seu melhor físico e para jogar nos precários campos argentinos era necessário um jogador em melhor condições e com outras características. O jogador seria Roberto Dinamite, o que leva ao segundo ponto: Dinamite era preferido por Nunes desde a convocação para Copa, pois além de entender as qualidades do atleta, também foi dirigente do Vasco da Gama, clube onde o jogador atuava. Nesse sentido, a insistência de Nunes em reforçar a sua não influência na escalação pode ser entendida como o receio de ser acusado de censurar e punir Reinaldo,

¹⁴⁸ Só Coutinho foi pior que o time. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 61, 08 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 37.

¹⁴⁹ Novo empate faz Heleno Nunes intervir na Seleção. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 61, 08 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 38.

¹⁵⁰ Heleno quer Roberto. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 61, 08 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 38.

devido às suas opiniões políticas e, principalmente, à sua comemoração no gol contra a Suécia. O fato é que Reinaldo foi sacado do time e Roberto Dinamite ocupou o seu lugar.

Na primeira página do *O Globo*, em destaque, *Heleno exige Roberto e Mendonça*¹⁵¹, critica a atuação brasileira, mesmo entendendo que houve uma evolução em relação ao primeiro jogo. Sobre a exigência de Nunes, o jornal é muito mais enfático “Para o jogo de domingo contra a Áustria, o presidente da CBD, Heleno Nunes, exige que Coutinho altere a equipe, com as substituições de Reinaldo por Roberto, e de Zico por Jorge Mendonça”. (O GLOBO, 1978, p. 1).

Na coluna *Meio Campo*¹⁵², de Cláudio Melo e Souza, são verificadas críticas aos próprios jogadores e a Coutinho, entendendo que o time está sem tática e estratégia. Sérgio Noronha¹⁵³ segue a mesma linha, levando em consideração o gramado ruim do estádio. Já Nelson Motta¹⁵⁴ afirma

Coutinho continua falando sobre disciplina, mas na verdade o campeonato é de futebol e acho que ficará um pouco melancólico se o Brasil trouxer apenas o título de time mais bem comportado do mundial. Inclusive uma certa rebeldia é característica fundamental de qualquer profissional criativo. Obediência cega nunca deu bons resultados, principalmente em futebol. (MOTTA, 1978, p. 40).

Em *Heleno afasta Reinaldo, Zico e Edinho*¹⁵⁵ afirma que a escalação será divulgada à imprensa 24 horas antes da partida, para evitar desestabilizar os atletas, além que todas as decisões e acontecimentos deverão ser comunicadas a Nunes. Embora o jornal tecesse críticas ao desempenho da seleção e a Coutinho, ainda não havia a descrença da desclassificação do Brasil e nem menções a uma possível falta de perspectiva em melhorar o desempenho, como aparece no *JB*.

Além da falta de perspectiva de uma melhoria no futebol apresentado, na edição do dia 9 de junho do *JB*, dois dias antes do jogo decisivo contra a Áustria, os comentários são relacionados ao método de trabalho de Coutinho, ao incomodo com a “intervenção” de Nunes na seleção e, até mesmo, à preocupação de Geisel com a campanha da equipe.

¹⁵¹ Heleno exige Roberto e Mendonça. *O Globo*, primeira página, 08 de junho de 1978.

¹⁵² SOUZA, Cláudio Melo. *Meio Campo*. *O Globo*, Esportes, 08 de junho de 1978, p. 38.

¹⁵³ NORONHA, Sérgio. Os estranhos desconhecidos. *Meio Campo*. *O Globo*, Esportes, 08 de junho de 1978, p. 39.

¹⁵⁴ MOTTA, Nelson. Rosita Sofia versus Manufatura. *O Globo*, Esportes, 08 de junho de 1978, p. 40.

¹⁵⁵ Heleno afasta Reinaldo, Zico e Edinho. *Rosita Sofia versus Manufatura*. *O Globo*, Esportes, 08 de junho de 1978, p. 39.

Ao relatar a opinião da imprensa estrangeira sobre o técnico em *Imprensa estrangeira queria a saída de Coutinho*¹⁵⁶, vem à tona a questão da militarização

– Coutinho militarizou o futebol brasileiro. Um futebol que sempre se caracterizou por não obedecer muito ordens de seu banco. Ou não foi muito assim em 58, 62 e 70, quando os principais jogadores decidiam que deveria jogar e qual a melhor maneira de agir durante a partida? Agora vejo o Brasil automatizado. Não é surpresa que não tenha dado certo. Poderia dar com qualquer time, menos com o Brasil – declarou Ludwig Dietersid, da Alemanha Ocidental. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 28).

Em meio às críticas realizadas pelos estrangeiros ao técnico Coutinho, todas voltadas para o seu sistema de jogo, oposto ao que seria o natural do futebol brasileiro, é destacada a opinião do jornalista alemão Ludwig Distersid, que entende o processo de militarização como negativo. O jornalista cita a seleção Tri Campeã de 70, a que foi mais utilizada pelo regime, mas entende que a seleção de fato militarizada é a atual.

O *JB* também noticia a preocupação de Geisel¹⁵⁷ devido aos resultados da Seleção, que não correspondem às expectativas gerais do povo, segundo afirmou o porta-voz do Governo, Rubem Ludwig. Segundo Ludwig “Um bom resultado é importante sociologicamente importante para o ânimo nacional” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 28).

A frase dita por ele indica o entendimento que os militares tinham do esporte para a população, não sendo algo restrito apenas em 1970. No entanto, Ludwig discorda que a vitória da seleção poderia beneficiar o governo e a ARENA. Além disso, a notícia também cita o início da coleta de assinaturas pelo Deputado Nina Ribeiro, da ARENA RJ, para iniciar uma CPI visando investigar os gastos da CBD com a Copa, bem como a atuação da CBD e da Seleção, tendo em vista a fraca campanha no mundial.

Em relação aos gastos financeiros, João Saldanha¹⁵⁸ faz um rápido levantamento dos gastos que um torcedor comum teria em sua estadia na Argentina para acompanhar a Copa. Nesse sentido, critica o grande número de convidados que estão na Argentina de forma gratuita, com as despesas pagas. Saldanha, então, lista os órgãos com maior número de funcionários: Brascopa, local que servia de auxílio para os brasileiros turistas na Argentina, conta com vários funcionários para quase nenhum turista, de igual maneira no

¹⁵⁶ *Imprensa estrangeira queria a saída de Coutinho*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 62, 09 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 28.

¹⁵⁷ Porta-voz revela a preocupação de Geisel. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 62, 09 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 28.

¹⁵⁸ SALDANHA, João. O Bustamante e a mordomia. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 62, 09 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 28.

IBC. Em relação a CBD “E o pessoal da CBD? Deus me livre. Muita gente. Nem Havelange, em seus áureos tempos, conseguiu trazer tantos”. (SALDANHA, 1978, p. 28).

Por fim, cita as Federações estaduais, que também levaram diversos amigos e familiares. Com o entendimento de piora em relação ao futebol apresentado pela seleção, as críticas deixam de ser restritas apenas a Coutinho e a equipe, e passam a atingir também a organização do futebol.

Ao abordar as mudanças realizadas na seleção, em *Heleno nega intervenção mas o time vai ser o seu*¹⁵⁹ faz duras críticas ao comportamento do presidente da CBD, e comenta o teor de suas entrevistas, em que a sua preocupação seria desmentir o que a imprensa estava divulgando. Ao comentar sobre uma declaração do presidente, a matéria fez a seguinte apresentação de Nunes:

O Almirante Heleno Nunes – o mesmo que não descansou enquanto Roberto não foi convocado, o mesmo que sempre quis Reinaldo fora do time ("E um jogador fraquinho demais para uma Copa do Mundo"), o mesmo que reagiu ao empate com a Espanha como um torcedor desapontado e, sutilmente, "insinuou" a Claudio Coutinho a substituição de Reinaldo por Roberto e outras alterações na Seleção Brasileira. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 29).

Aqui, o seu comportamento de torcedor é criticado, sendo responsabilizado pela convocação de Roberto Dinamite, seu preferido, bem como pela insinuação da substituição acatada por Coutinho. José Inácio Werneck¹⁶⁰ concorda com a substituição de Roberto por Reinaldo pelos mesmos motivos levantados por Nunes, no entanto lamenta que o presidente tenha, possivelmente, intervindo para isso, desejando que Coutinho tivesse chegado à conclusão.

Em relação ao técnico, em *Coutinho, do mau humor à exortação patriótica*¹⁶¹, apresenta um técnico mais nervoso, descontente com as críticas, mas que faz apelo ao patriotismo para o povo brasileiro ter mais confiança na Seleção. Coutinho, então, é visto como confuso para escalar a seleção¹⁶², pois de um lado está o técnico que deseja realizar cinco alterações, e do outro, Nunes, dando como certa a substituição de Reinaldo por Roberto. Esse fato, segundo a imprensa, deixa confusa a escalação da seleção para o jogo

¹⁵⁹ Heleno nega intervenção mas o time vai ser o seu. O Bustamante e a mordomia. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 62, 09 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 29.

¹⁶⁰ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 62, 09 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 29.

¹⁶¹ Coutinho, do mau humor à exortação patriótica. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 62, 09 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 29.

¹⁶² Coutinho confuso já não sabe como escalar o time. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 62, 09 de junho de 1978. 1° Caderno, Esporte, p. 30.

contra a Áustria. A única certeza é a de que Coutinho não usará os seus métodos de jogo, buscando um estilo de jogo moderno, contra a Áustria.

No dia anterior ao jogo, 10 de junho, em destaque na edição do dia do *JB Coutinho escala mesmo o time do Almirante*¹⁶³ afirma que o técnico escalou o time preferido de Nunes. Aqui, o presidente é chamado por sua patente, possivelmente em alusão à hierarquia militar, no qual Coutinho, capitão do exército, obedece ao seu superior.

No caderno de esportes, *Coutinho vai escalar mesmo o time do Almirante*¹⁶⁴ detalha que o time escolhido por Coutinho é o mesmo que Nunes havia considerado ideal. A notícia descreve a defesa do técnico, onde afirmou que Nunes não tem nenhuma influência na escalação, porém, a própria notícia afirma que Coutinho iria manter Zico, o que não aconteceu, sendo o atleta retirado do time titular para a entrada de Jorge Mendonça, preferido de Nunes.

*Em A triste obrigação de anunciar o já sabido*¹⁶⁵

Nervoso como nunca e pela primeira vez com uma aparência de desânimo e cansaço, Cláudio Coutinho mostrava-se ontem muito distante do treinador alegre e inteligente, quando anunciou a nova formação da Seleção Brasileira. A cada justificativa para essa ou aquela modificação, notava-se seu olhar espantado, como se es tivesse convencido de que todos, à sua volta, tinham certeza de que aquele era o time desejado pelo Almirante Heleno Nunes desde o jogo com os suecos. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 28).

O jornal demonstra as várias facetas da suposta interferência de Nunes na escalação da seleção, apresentando a insatisfação de Zico, as contradições nos argumentos de Coutinho para defender as alterações e a própria feição de insatisfação do técnico ao ser “obrigado” a escalar um time cujo a ordem veio de cima.

Em *Fim da censura é motivo de festa até em Rosario*¹⁶⁶, o *JB* demonstra a recepção alegre dos jornalistas, brasileiros e estrangeiros, à notícia do fim da censura prévia. O jornalista alemão Ludwig Dieter, da agência *Sid Alemanha*, comenta de forma alegre “– Agora, vocês jornalistas de lá ficaram com uma responsabilidade ainda maior, nesta Copa: podem contar para todo o mundo que o Capitão do Exército Cláudio Coutinho

¹⁶³ Coutinho escala mesmo o time do Almirante. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 63, 10 de junho de 1978. Primeira Página.

¹⁶⁴ Coutinho vai escalar mesmo o time do Almirante. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 63, 10 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 28.

¹⁶⁵ A triste obrigação de anunciar o já sabido. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 63, 10 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 28.

¹⁶⁶ Fim da censura é motivo de festa até em Rosario. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 63, 10 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 24.

não entende nada de futebol – disse rindo e provocando uma gargalhada geral (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 24).

Além disso, as páginas do Caderno de Esportes noticiam o rompimento da CBD com a imprensa estrangeira, devido às publicações que acusaram os jogadores de fugirem da concentração rumo a boates e que Coutinho pertenceu ao esquadrão da Morte, o que levou, a CBD a proibir o acesso da imprensa estrangeira aos treinos¹⁶⁷.

Na edição do dia 11 de junho, dia do jogo decisivo contra a Áustria, o *JB* estampa na capa *Brasil faz hoje o seu jogo decisivo*¹⁶⁸, apontando a seleção como desacreditada pelas duas péssimas exibições, e afirmando que é indisfarçável o clima de insegurança e insatisfação na seleção, pois até os jogadores acusaram Nunes de interferir na escalação de Coutinho.

Em relação à acusação, *Jogadores deixam de acreditar em Coutinho*¹⁶⁹ afirma que os atletas entendem que as intromissões de Nunes na escalação serviram para criar um clima de insegurança e desconfiança. As críticas dos jogadores são realizadas de forma reservada, pois há o medo de serem punidos pela CBD. No entanto, a notícia expressa que em caso de derrota contra a Áustria, os atletas tornarão público seu protesto contra Coutinho e, principalmente, Nunes.

Ainda na notícia, é divulgado uma explicação de Coutinho para toda a situação: segundo o técnico, foi o dentista Mário Trigo quem passou a informação à imprensa, de que Nunes estaria intervindo na seleção. Tudo começou quando Nunes e Trigo estavam na concentração de seleção, na noite do jogo contra a Espanha, situação aproveitada por Coutinho para informar a Nunes sobre as alterações que seriam feitas. Para Coutinho, Trigo pôde ter antecipado a informação para a imprensa, mas afirma que Nunes foi o autor das decisões.

Ao comentar sobre as expectativas para o jogo, o jornal se refere ao time como agora escalado por Heleno Nunes, e entende como uma partida dramática, onde ficará claro se as intervenções de Nunes no trabalho de Coutinho terão algo de positivo, ou se

¹⁶⁷ CBD rompe com a imprensa estrangeira. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 63, 10 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 27.

¹⁶⁸ Brasil faz hoje o seu jogo decisivo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 64, 11 de junho de 1978. Primeira Página.

¹⁶⁹ Jogadores deixam de acreditar em Coutinho. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 64, 11 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 41.

não foi apenas mais um equívoco, entre muitos, na preparação e participação do Brasil no campeonato¹⁷⁰.

No *O Globo*, edição do dia 09 de junho, a abordagem em relação à suposta interferência externa na escalação da seleção ocorre de forma distinta. Em destaque na primeira página *Seleção muda três para decidir a classificação de domingo*¹⁷¹ afirma que Heleno Nunes exigiu a escalação de Roberto e sugeriu a barração de Zico e Edinho, em conversa com Cláudio Coutinho e André Richer.

Em *Heleno Nunes: “Não aceito desculpa do campo”*¹⁷², afirma que Nunes determinou a escalação de Roberto Dinamite e mudanças de trabalho na comissão técnica. Além disso, Nunes também sugeriu barrar Zico e Coutinho. Aqui são utilizados os termos “determinou” e “sugeriu”, diferentemente dos termos de cunho autoritário apresentado pelo *JB*.

O *Globo* traz mais informações em relação às mudanças na seleção, e por mostrar as supostas falas de Nunes, entende-se que de fato o presidente buscou intervir na seleção de forma direta, mesmo que as críticas do jornal fossem menos enfáticas que as apresentadas pelo *JB*.

Em relação a Nunes, o jornal reproduz algumas falas do presidente¹⁷³, entre elas:

[...] – Reinaldo, o maior malabarista do futebol, não pode jogar naquele campo. Ele levou 28 tombos no último jogo. É preciso escalar jogadores pesados, em condições de render bem naquele gramado. (p. 33).

– Recebi esta manhã vários telefonemas de apoio, inclusive do Ministro Nei Braga. No Brasil, todos torcem pela recuperação do time. (p. 33).

[...] – Vou pedir ao capitão Coutinho que não faça mais improvisações no time. (O GLOBO, 1978, p. 33).

Aqui, ao entender ser necessário uma mudança do time devido as más condições do gramado, deixa claro a sua posição favorável à substituição de Reinaldo, bem como admite contatos com o Ministro Nei Braga para assuntos relativos à seleção e também o seu pedido, ou interferência, para que Coutinho tenha outra conduta com o time. Em relação à interferência, Nunes afirma

¹⁷⁰ Basil diz hoje o que foi fazer na Copa. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 64, 11 de junho de 1978. 1º Caderno, Esporte, p. 42.

¹⁷¹ Seleção muda três para decidir a classificação de domingo. O Globo, primeira página, 09 de junho de 1978.

¹⁷² Heleno Nunes: “Não aceito desculpa do campo”. O Globo, Esportes, 09 de junho de 1978, p. 33.

¹⁷³ “Coutinho fica até o fim da Copa”. O Globo, Esportes, 09 de junho de 1978, p. 33.

– Não interfiro na parte tática. Se fosse ficar dando palpites, demitiria o técnico e assumiria o lugar. Estou aqui para ajudar, fazer o possível na parte física e psicológica. Vocês não me vêem em casinos, em casas noturnas ou passeando pelas ruas. Estou sempre no meu hotel ou na Vila Marisa, tentando ajudar no máximo que for possível. (O GLOBO, 1978, p. 33).

Mesmo com todas as mudanças que partiram de Nunes, o presidente acredita não ser uma intervenção na Seleção, mas apenas estar cumprindo com a responsabilidade do cargo que ocupa na CBD. No entanto, não foi apenas em relação ao time que Nunes fez exigências, mas também à própria entrevista de Coutinho.

Em *Coutinho volta a responsabilizar o gramado*, é exposto que o técnico foi proibido por Nunes de ver o vídeo-tape do jogo contra a Espanha para ir a uma entrevista com os jornalistas. Em uma legenda logo abaixo da foto do técnico, o jornal expressa “Coutinho, forçado por Heleno, dá entrevista”. Apesar das exigências de Nunes, é dito que o técnico conversou com os jogadores e afirmou que as mudanças seriam apenas contra a Áustria, em uma situação de emergência, voltando à escalação que iniciou a Copa já no próximo jogo, em caso de classificação.

Sérgio Noronha¹⁷⁴, por sua vez, concorda com as substituições, dando os méritos da mudança para Coutinho. Sobre a má fase da seleção, entende que tudo possa ter começado quando Nunes foi ao vestiário dos atletas tocar nos brios dos jogadores, sendo a consequência um possível sentimento de esmagamento do chefe da Delegação. Posteriormente, com suas entrevistas, indicava a necessidade de alterações na seleção, relegando a autoridade do técnico, nas palavras de Noronha, a um plano inferior, sem maiores explicações.

Nelson Motta, em *De Almirantes, motins e águas turvas*¹⁷⁵, comenta sobre as declarações de Nunes de forma enfática, sempre relacionando o presidente e a sua atuação política no país

Como sempre muito hábil, "double" de político arenista e político esportista, o almirante em passes rápidos descartou-se do cerco que a imprensa lhe movia desde a noite do empate com a Espanha. A partir de uma forte boataria sobre um eventual cartão vermelho cebedense à comissão técnica. Frustrando a expectativa geral o chefe da CBD disse que tudo estava calmo e no lugar, evitando porém a fatídica expressão "o técnico continua prestigiado", sempre indicativa da desagradável tonalidade roxa que se produz ao se misturarem o vermelho do cartão e o azul do bilhete. (MOTTA, 1978, p. 34).

¹⁷⁴ NORONHA, Sérgio. Terreno difícil. O Globo, Esportes, 09 de junho de 1978, p. 33.

¹⁷⁵ MOTTA, Nelson. De Almirantes, motins e águas turvas. O Globo, Esportes, 09 de junho de 1978, p. 34.

Motta ironiza o fato de Nunes ser membro da ARENA e ex-atleta, pois com a agilidade de um esportista e característica de um arenista, possui atributos que o auxiliaram a “escapar” dos questionamentos da imprensa sobre uma possível demissão de Coutinho.

E ao fazer uma analogia entre a situação da Arena de São Paulo com a substituição de Zico por Roberto Dinamite, e uma possível derrota da Seleção para os interesses do partido, escreve

Ainda abalado com a derrota do igualmente político-futebolístico Laudo Natel na convenção da Arena paulista, com quem o Almirante estava e não abria, ele não mostra muito ânimo para falar de política. Nem que seja na qualidade de presidente da CBD ou mesmo de eleitor. Apenas se diz surpreso com a Natélica "defailance" mas não acredita que o MDB venha a lançar uma candidatura. Poucos minutos depois, um opositor-futebolístico de São Paulo me dizia que a substituição de Zico por Roberto, na atual conjuntura, era tão digna de esperanças quanto o "sai Natel entra Maluf"...

Embora plenamente consciente da catástrofe eleitoral que o arrazo da seleção vai provocar nas já castigadas bases de seu Partido, candidamente o Almirante diz apenas e textualmente que "tudo que acontecer de bom seria capitalizado pelo Governo e tudo de ruim desabara sobre a oposição".

O almirante não disse, mas certamente teme que num desses telefonemas o Governo Federal acabe por dizer que "o presidente da CBD continua prestigiado..." (MOTTA, 1978, p. 34).

Motta pontua a preocupação de Nunes com a derrota de Natel na Arena de São Paulo, bem como percebe a preocupação do presidente com as consequências que uma eliminação da seleção poderia causar nos interesses do partido, talvez por isso a sua atuação direta na escalção da equipe.

Na edição do dia seguinte, 10 de junho, véspera do jogo contra a Áustria, é estampado na capa *Seleção mais forte contra a Áustria*¹⁷⁶, confirmando as mudanças realizadas na equipe, com o objetivo de deixar o time mais forte fisicamente, sem mencionar alguma interferência ou vontade de Heleno Nunes. Para Coutinho, as mudanças seriam para europeizar a seleção, investindo num jogo mais físico, tendo em visto as condições ruins do gramado de Mar del Plata¹⁷⁷.

O jornal destaca no caderno de esportes as opiniões de Zico e Reinaldo em relação às mudanças: embora aceitassem e entendessem as suas saídas, acreditavam que essa só

¹⁷⁶ Seleção mais forte contra a Áustria. O Globo, primeira página, 09 de junho de 1978.

¹⁷⁷ Coutinho, a tentativa de europeizar. O Globo, Esportes, 10 de junho de 1978, p. 29.

foi efetivada por interferência externa¹⁷⁸. Dessa forma, Sérgio Noronha¹⁷⁹ endossa a interferência de Nunes, argumentando que o torcedor se pergunta se o time é o do técnico ou o do presidente, apontando o comportamento de Nunes como o de um torcedor quando comentou sobre Reinaldo: mostrou o defeito do atleta ao enumerar a quantidade de quedas em campo, e logo depois o antídoto, a troca por um jogador em melhores condições físicas.

Para Noronha, a CBD é uma entidade desumana, capaz de gerar e triturar os seus membros de maneira impessoal, situação em que Coutinho está submetido. Mesmo com o técnico concordando em vetar ou escolher jogadores de preferência da CBD, essa “violentara todos os programas de treinamento para levar a seleção aos lugares de conveniência política do presidente” (NORONHA, 1978, p. 31). Aqui uma menção a exemplo do uso político da seleção pelo governo, da CBD e de Nunes – o técnico é “jogado às feras” pela CBD, sem o respaldo da entidade que deveria defendê-lo.

Nelson Motta¹⁸⁰ concorda com Noronha a respeito das críticas sofridas por Coutinho. Embora haja motivos para tal, entende que o técnico não é o único responsável e nem merecedor de críticas totalmente desproporcionais, talvez faltando ao técnico um pouco de amor a rebeldia, fatores que podem ajudar nas conquistas. Tendo em vista as atuações dos próprios dirigentes, quase nunca lembrados, Motta escreve

[...] Sabe-se hoje, com razoável margem de credibilidade, que em nenhum momento Coutinho conseguiu escolher os jogadores que precisava e nos quais acreditava. Nesse caso, cabe-lhe responder por sua fraqueza (ambição?) ao se submeter a designios das oligarquias que detém o poder e o mando nos destinos do futebol brasileiro. Esses malditos, tristes e patéticos cartolas que sugam e vampirizam o talento de jogadores e técnicos e roubam a alegria popular. E sempre movidos pelas mais baixas motivações, sejam elas de origem econômica, eleitoral, política ou simplesmente uma compulsão de puxar os superiores sacos e receber migalhas de poder.

Vamos tentar colocar a cabeça e o coração no lugar – o que é reconhecidamente mais difícil em horas de medo e incerteza como as quais está vivendo o povo brasileiro e a sua seleção nacional.

Vamos tentar ver que a CBD está sob intervenção federal, que as federações regionais estão dominadas há décadas pelos mesmos nomes, “eleitos” por votos de cabresto de pobres e pequenos times do interior, que a maioria esmagadora dos dirigentes está fundamentalmente preocupada em atender de pronto a qualquer desejo ou capricho dos que mais poder detém e supostamente seriam capazes de distribuir fatias mais generosas desse poder, que se alimenta

¹⁷⁸ Zico: Coutinho cedeu às pressões externas; Reinaldo torce pelo sucesso de Roberto. O Globo, Esportes, 10 de junho de 1978, p. 31.

¹⁷⁹ NORONHA, Sérgio. Os donos do time. O Globo, Esportes, 10 de junho de 1978, p. 31.

¹⁸⁰ MOTTA, Nelson. Futebol e poder: os (ir) responsáveis. O Globo, Esportes, 10 de junho de 1978, p. 32.

do sangue e do talento dos jogadores e técnicos brasileiros. (MOTTA, 1978, p. 34).

Motta vai além ao descrever a relação entre o futebol e poder político. Mais do que apenas um meio do governo canalizar o ufanismo da população em benefício próprio como ocorreu em 1970, em 1978 ser um dirigente de um clube, federação ou da própria CBD era uma forma de alcançar, ou ao menos se aproximar, do poder político no país, almejando algum cargo. Não à toa que o campeonato brasileiro de 1979 contou com 94 clubes, permitindo a criação do jargão já mencionado “onde o time vai mal, um time no nacional”.

Dessa forma, como aponta Santos (2015) a criação do campeonato brasileiro em 1971, desejo de jornalistas, dirigentes e torcedores, permitiu maior relação entre o campo político e esportivo, e a partir da chegada de Nunes na presidência da entidade, em 1974, o processo de ampliação começou. Nunes passou a ser acusado de incluir no campeonato clubes, cujo dirigentes ou políticos da cidade eram arenistas, até chegar ao número de 94 clubes em 1978. Vale mencionar, não apenas a inclusão de tais clubes no campeonato, mas também a construção e reforma de grandes estádios, mesmo em cidades pequenas, criando o fenômeno dos “elefantes brancos”.

Nesse contexto, o Brasil se prepara para a partida decisiva contra a Áustria. Na primeira página do *O Globo*, no dia 11 de junho, dia do jogo, *Nova seleção confiante na vitória sobre a Áustria*¹⁸¹ demonstra a confiança de Coutinho, que espera unir o estilo brasileiro de jogo ao europeu, como mencionado no *JB*.

A seleção, então, venceu a Áustria pelo placar de 1 a 0, com gol de Roberto Dinamite, garantindo a classificação para a fase final do campeonato. Na edição do dia 12, o *Jornal do Brasil* traz na primeira página *Geisel se uma à alegria da vitória*¹⁸², expondo a mensagem do presidente enviada aos jogadores, pronta desde o jogo contra a Suécia, bem como as comemorações dos torcedores em Ipanema, que cantavam “viva a Seleção, abaixo a repressão”.

Sobre a mensagem, Geisel escreveu no telegrama:

Estou certo de traduzir o entusiasmo do povo brasileiro, ao cumprimentar os nossos jogadores, a Comissão Técnica e a CBD, pela vitória contra a valorosa

¹⁸¹ Nova seleção confiante na vitória sobre a Áustria. *O Globo*, primeira página, 11 de junho de 1978.

¹⁸² Geisel se uma à alegria da vitória. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 65, 12 de junho de 1978. Primeira Página.

seleção da Áustria. Reitero a minha confiança em nossa seleção. Abraço, Ernesto Geisel. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 1).

No 1º caderno/cidade *Afinal, o povo sai às ruas*¹⁸³ repercutem as comemorações dos torcedores no estado do Rio de Janeiro, após a classificação do Brasil. Sobre os conflitos com a PM, alguns ocorreram devido aos cantos dos torcedores contra o governo. Em Ipanema, no bar Garota de Ipanema, torcedores cantavam “Viva a Seleção, abaixo a repressão”, resultando na intervenção do 19ºBPM e duas tropas do Batalhão de Choque. Após brigas e bombas, o conflito só terminou com a chegada de uma emissora de televisão.

No entanto, segundo o jornal, os torcedores que restaram partiram para outro bar, o Bar Nieteroi, onde continuaram a criticar o governo e a apoiar a seleção “Ura, Ura, Ura, abaixo a ditadura” e “arroz, feijão, abaixo a repressão”¹⁸⁴. O jornal repercutiu também as comemorações dos torcedores brasileiros presente na Argentina, entendendo como um certo desabafo, e afirmando que agora o time é conhecido como “o time do Almirante”¹⁸⁵.

Mesmo com a vitória e a classificação, o assunto sobre o “time do Almirante” e os impactos da suposta intervenção de Nunes na escalação do time ainda eram presentes. Em *Coutinho elogia Almirante e diz que o time é dos dois*¹⁸⁶ repercute um diálogo entre o técnico e o presidente após entrevista coletiva. Segundo o *JB*, Coutinho disse a Nunes: “– Parabéns pela vitória do time do Almirante. [...]” deixando os jornalistas perplexos por um momento, mas concluindo: “Evidente é o seu time, Almirante. O Sr. é o presidente da CBD e todos nós estamos a seu serviço. É o seu time, o meu time, o nosso time e estou muito orgulhoso disso”. Nunes, então, elogia a melhora técnica e psicológica da seleção, dando o creditando ao técnico pelas alterações, afirmando estar satisfeito com o planejamento e execução do esquema, e reforça: “e que este time, na verdade, não tem dono porque pertence ao povo brasileiro” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 2).

Segundo o jornal, Nunes não está apenas feliz com a vitória, mas também porque o autor do gol foi Roberto Dinamite, e finaliza com o comentário: “– Tinha muito branco naquele outro time. Faltavam uns crioulinhos para dar tempero e balanço ao nosso futebol.

¹⁸³ Afinal, o povo sai às ruas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 65, 12 de junho de 1978. 1º Caderno, Cidade, p. 17.

¹⁸⁴ PM impede crítica ao Governo na Zona Sul. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 65, 12 de junho de 1978. 1º Caderno, Cidade, p. 17.

¹⁸⁵ O desabafo dos sofridos torcedores. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 65, 12 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 1.

¹⁸⁶ Coutinho elogia Almirante e diz que o time é dos dois. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 65, 12 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 2.

Jogo de futebol sem crioulo em campo não dá pé” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 2). O curioso é que Reinaldo, criticado por Nunes, é negro.

Devido à melhora do time, Noronha entende que será difícil saber qual será a próxima escalação, pois não é possível saber se Nunes já indicou qual a sua preferência ao técnico. João Saldanha¹⁸⁷ se limita em comentar a partida, apontando os defeitos e os pontos positivos da equipe, principalmente o espírito de luta do time. A luta do time, inclusive, foi vista pelo jornal como o grande mérito da vitória da seleção¹⁸⁸.

No *O Globo*, na primeira página, repercute de forma mais entusiasmada a vitória da seleção em *Brasil joga muito bem e derrota a Áustria* e *Sorteio hoje decide quais serão os próximos adversários*¹⁸⁹. Ainda na primeira página, *As comemorações pela vitória*¹⁹⁰ repercute os festejos na casa do jogador Roberto Dinamite, autor do gol da vitória, e afirma que Geisel assistiu ao jogo pela TV, em Brasília, mencionando o telegrama enviado à delegação.

Sobre as comemorações, o jornal noticia a grande festa realizada pelos torcedores na cidade e interior do Rio de Janeiro, bem como em outros Estados¹⁹¹. Em relação aos confrontos com a política, o jornal se limita a comentar que a confusão em Ipanema aconteceu devido ao comportamento dos torcedores: jogavam garras de cerveja para cima e chutavam carros, o que levou a polícia agir com cerca de 40 soldados, usando bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes. Segundo o *JB*, foi nesta mesma ocasião que os torcedores cantavam músicas contra a ditadura, sendo esse o motivo para a intervenção policial.

Em relação à vitória e classificação da Seleção, o jornal buscou exaltar a partida do Brasil, entendendo a equipe como mais combativa do que técnica, o que era exigido pelo contexto, embora apresentasse alguns momentos de jogadas individuais com muita categoria¹⁹². No geral, era uma visão mais positiva do que a apresentada pelo *JB*. Já sobre as mudanças no time, afirma que Zico aprovou a nova escalação e que está ciente da

¹⁸⁷ SALDANHA, João. Vitória no grupo difícil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 65, 12 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 2.

¹⁸⁸ Na vitória sobre a Áustria, o prêmio ao desempenho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 65, 12 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 8.

¹⁸⁹ Brasil joga muito bem e derrota a Áustria; Sorteio hoje decide quais serão os próximos adversários. *O Globo*, primeira página, 12 de junho de 1978.

¹⁹⁰ As comemorações pela vitória. *O Globo*, primeira página, 12 de junho de 1978.

¹⁹¹ Vibração é a mesma nos Estados; A “força” da família na casa de Roberto; No Centro, grupos em frente às lojas. *O Globo*, Rio, 12 de junho de 1978, p. 11.

¹⁹² Na hora da decisão, o esperado gol de Roberto. *O Globo*, Esportes, 12 de junho de 1978, p. 30.

dificuldade de voltar ao time titular¹⁹³. Aqui, mais uma vez são notórias as opiniões distintas nas páginas dos jornais. Até mesmo a relação de Coutinho e Nunes é apresentada de uma forma mais amistosa. *Em Heleno Nunes e Coutinho, do abraço às lágrimas*¹⁹⁴

A porta do vestiário, logo depois da vitória, o presidente da CBD, Heleno Nunes, abraçou Coutinho, os dois chorando.

-Feliz agora, almirante? -Não só feliz, como realizado. Vi um time combativo, lutador, capaz de ganhar a Copa.

-E, almirante, para nós a Copa só começou agora.

-Então, meu filho, transmita minha confiança a esses rapazes. E a felicidade do povo brasileiro, que a esta hora deve estar cantando e dançando nas ruas. (O GLOBO, 1978, p. 31).

A visão apresentada de Nunes e Coutinho remetem à união e confiança de ambos, diferente do diálogo apresentado pelo *JB*. Obviamente que os momentos são diferentes: o diálogo do *O Globo* foi no vestiário, logo após a partida, e o do *JB* foi horas depois do jogo, após a entrevista coletiva.

Sérgio Noronha¹⁹⁵ comenta em sua coluna sobre o jogo, elogiando a equipe e entendendo que a simplicidade foi o fator favorável à vitória. Nelson Motta¹⁹⁶, por sua vez, exalta o comprometimento dos atletas e de Coutinho, que pela primeira vez conseguiu unir a força europeia com a técnica sul-americana. Em seu texto, Nelson Motta defere críticas a Nunes, afirmando que o presidente supostamente expressou, ao final do jogo, o termo “Eu não disse?” (p. 32). Motta, então, comenta outra frase de Nunes:

Enquanto Coutinho desabafava entrando em campo para receber com abraços calorosos e cúmplices os seus jogadores vitoriosos, o Almirante sorria ao ouvir alguém dizer "o senhor pode não entender nada de navios, mas de bola conhece..." Em suma: rolou, em todas as bocas, a expressão "o time do Almirante".

Até que ponto isso é verdade? Não sei, embora o nosso personagem, velha e esperta raposa arenista, tenha sido hábil o bastante para capitalizar os eventuais benefícios de reformas que se faziam fundamentais no time, sem no entanto assumir os riscos de um fracasso em campo, apesar delas. (MOTTA, 1978, p. 32).

Para Motta, embora não se saiba a procedência das supostas palavras de Nunes, este entende que o presidente, arenista profissional, usou de sua experiência para realizar uma interferência na seleção, que poderia capitalizar depois, em caso de sucesso. E a interferência teria um ponto de partida: a opinião pública, que já desejava a saída de Zico,

¹⁹³ No banco e depois no campo, Zico aprova o novo time. O Globo, Esportes, 12 de junho de 1978, p. 31.

¹⁹⁴ Em Heleno Nunes e Coutinho, do abraço às lágrimas. O Globo, Esportes, 12 de junho de 1978, p. 31.

¹⁹⁵ NORONHA, Sérgio. A descoberta da simplicidade. O Globo, Esportes, 12 de junho de 1978, p. 31.

¹⁹⁶ MOTTA, Nelson. O Time do Almirante. O Globo, Esportes, 12 de junho de 1978, p. 32.

Edinho e Reinaldo, mais do que a entrada de Jorge Mendonça, Rodrigues Neto e Roberto Dinamite. Dessa forma, para Motta, Nunes foi porta voz do que se acreditava ser uma vontade popular, capitalizando a vitória, tendo em vista que agora o time era conhecido como “o time do Almirante”. Motta finaliza afirmando que, para ele, esse foi o time de Coutinho.

O Brasil então, classifica-se em segundo lugar e disputa a segunda fase do torneio no Grupo B contra Peru, Argentina e Polônia, em busca de uma vaga para a final. O Grupo A foi formado por Holanda, Itália, Alemanha Ocidental e Áustria. O primeiro colocado de cada grupo se classificou para a final, enquanto os segundos colocados disputaram a decisão do terceiro lugar. No Grupo A Holanda ficou em primeiro e Itália em segundo. No Grupo B a Argentina se classificou em primeiro e o Brasil em segundo. Portanto as equipes que jogaram a final foram Argentina e Holanda, vencida pelos argentinos por 3 a 1, e a disputa do terceiro lugar foi entre Brasil e Itália, vencida pelo Brasil por 2 a 1. O desenrolar da segunda fase do torneio será o assunto do próximo sub item.

3.2 A campanha da seleção – segunda fase

No *Jornal do Brasil*, o assunto sobre a intervenção de Nunes na seleção ainda se faz presente, mas de forma reduzida, sendo a edição do dia 13, anterior ao jogo contra o Peru, dedicada aos preparativos da seleção. Nas únicas menções ao caso, José Inácio Werneck¹⁹⁷ expõe um suposto diálogo com um possível amigo, jornalista inglês, sobre uma pergunta de tal jornalista a Nunes. Werneck afirma, de forma irônica, que aos jornalistas brasileiros Nunes nega, mas aos estrangeiros ele admite: segundo o jornalista, Nunes apenas deu sua “humilde opinião” a Coutinho, e questionado por Werneck se Coutinho perguntou o comando, respondeu: “– Bem, o Almirante disse-lhe que ele pode tocar qualquer música, desde que seja uma valsa” (WERNEK, 1978, p. 27). Além disso, Werneck também conta que um suposto cidadão brasileiro, que assistiu ao jogo próximo a Heleno Nunes, na tribuna de honra, disse-lhe que o presidente falava durante o jogo “Dêem a bola ao meu Roberto, dêem a bola ao meu Roberto” (WERNEK, 1978, p. 27).

Já na última notícia do caderno de esportes, em *Coutinho ainda não desiste de escalar o seu time*¹⁹⁸, ao afirmar que Coutinho busca falar sobre as alterações, entende

¹⁹⁷ WERNEK, José Inácio. Campo Neutro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 66, 13 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 27.

¹⁹⁸ Coutinho ainda não desiste de escalar o seu time. *Campo Neutro. Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 66, 13 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 28.

que com certa certeza as mudanças foram “determinadas por uma intervenção do próprio presidente da CBD, Almirante Heleno Nunes” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 28), expressando a sua patente. Ainda que o técnico tente um meio de fazer prevalecer a sua filosofia, é entendido como uma espécie de embate entre Nunes e Coutinho.

Em relação à partida contra o Peru, a edição do dia 14 traz à tona o plano de Coutinho para chegar à final: vencer o Peru, empatar com a Argentina e jogar uma partida tranquila contra a Polónia¹⁹⁹, além de apontar a confiança do técnico em vencer a seleção peruana, reforçando que pela primeira vez na copa a Seleção entra em campo otimista²⁰⁰. De fato, foi o que aconteceu.

José Inácio Werneck²⁰¹ comenta em sua coluna os gastos excessivos com convidados não apenas por parte da CBD, mas da FIFA e outras federações e confederações. De modo geral, Werneck critica o caráter comercial cada vez maior das Copas do Mundo.

Em relação ao *O Globo*, nas edições dos dias 13 e 14, véspera e dia do jogo, respectivamente, o jornal busca noticiar os preparativos da seleção, como treinamentos e possível escalação, bem como algumas análises sobre a seleção peruana, adversária do Brasil, não abordando a questão da confiança da equipe e do técnico.

Nelson Motta, escreve em sua coluna sobre *Futebol e Poder: Os (ir) responsáveis II*²⁰² críticas ao modelo de organização dos jogos da Copa, que segundo ele, servem para beneficiar as lucrativas transmissões de televisão. Além disso, assim como Werneck, critica os excessos de beneficiados, mas focando na mordomia custeada pela CBD.

Segundo ele, os beneficiados às custas de dinheiro público, seriam “presidente de federações regionais, cabos eleitorais, amigos, parentes, afilhados, simpatizantes, puxa-sacos e outros que deveriam ficar na geladeira” (MOTTA, 1978, p. 34), mesmo não sendo possível saber o total de convidados. Importante mencionar que Motta entende esses benefícios como parte de uma “tradição brasileira” e não algo que nasceu na ditadura.

¹⁹⁹ Coutinho acha fácil o jogo de hoje com o Peru. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 67, 14 de junho de 1978. Primeira Página.

²⁰⁰ Seleção é todo otimismo para jogo contra o Peru; Técnico diz como chegará à decisão. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 67, 14 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

²⁰¹ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 67, 14 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 17.

²⁰² MOTTA, Nelson. Futebol e Poder: Os (ir) responsáveis II. O Globo, Esportes, 13 de junho de 1978, p. 34.

Sobre a relação governo e CBD, Motta descreve uma situação pelo qual passou em um restaurante argentino:

E eles, os "aspones", os mordomizados cebedenses, estão em toda parte, desfilando sua empátia por todos os rincões argentinos, especialmente os mais alegres e movimentados. Um exemplo típico e insuportável ocorreu ontem quando eu estava almoçando com dois colegas em Buenos Aires e vimos adentrar o recinto uma alegre malta cebedense para encher o bucho. Como um dos que estavam comigo é (brilhante e combativo) jornalista e um dos que integravam a matilha oficial era ex-jornalista, brincou-se de longe: "Olha essa mordomia aí. Foi o bastante para o "aspone" em questão vir correndo à nossa mesa e, entre presuroso, servil e ameaçador, cochichar: "Não brinque assim, um deles é capitão de corveta e do SNI". Quando é que esse pessoal vai ter um pouco de vergonha de fazer essas coisas e ainda por cima brandir o nome do SNI em vão sobre cabeças honestas e trabalhadoras? (MOTTA, 1978, p. 34).

Com o comentário de Motta, ainda que não seja possível confirmar a procedência de tal situação, percebe-se uma outra atuação dos militares dentro da CBD: não apenas controlar e aplicar as diretrizes da SNI dentro da seleção, mas também como meio de intimidação a quem quisesse direcionar críticas ao modelo/gastos da CBD.

Ao noticiar a vitória da seleção por 3 a 0 contra o Peru, o *JB* em *Na nova vitória só faltaram mais gols*²⁰³, a primeira notícia na seção sobre a participação do Brasil no mundial, não tece elogios à seleção, preferindo apontar os erros cometidos e os gols perdidos, que poderiam fazer a vitória ser por um placar mais amplo.

No *O Globo*, na primeira página *Roberto se machuca na vitória sobre o Peru; Reinaldo vai voltar*²⁰⁴ anuncia a lesão de Roberto Dinamite durante a partida e, sobre a seleção, entende que superou as deficiências individuais com muito empenho e que a equipe estava bem organizada. No caderno de esportes, *Brasil 3 a 0. A vitória do futebol coletivo*²⁰⁵ elogia a coletividade da seleção, destacando-se mais o empenho do que a técnica. Além disso, o jornal também repercute a opinião dos peruanos, de que o Brasil foi melhor.

Em relação às colunas, Cláudio Mello e Souza²⁰⁶ em *A técnica de Combater* elogia o espírito de luta e o futebol coletivo e solidário, mas não acredita que o futebol apresentado foi o típico futebol brasileiro, pois afirma sentir falta da individualidade e criatividade. Em *Os craques do Medo* afirma que justamente o jogo combativo,

²⁰³ Na nova vitória só faltaram mais gols. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 68, 15 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

²⁰⁴ Roberto se machuca na vitória sobre o Peru; Reinaldo vai voltar. *O Globo*, primeira página, 15 de junho de 1978.

²⁰⁵ Brasil 3 a 0. A vitória do futebol coletivo. *O Globo*, Esportes, 15 de junho de 1978, p. 36.

²⁰⁶ SOUZA, Cláudio Mello. *Meio Campo*. *O Globo*, Esportes, 15 de junho de 1978, p. 34.

apresentado contra o Peru, afasta o medo de enfrentar grandes adversários, e coloca o Brasil como seleção favorita ao mundial. Elogia também o jogador Batista em *Batista o artista guerrilheiro* pois combateu com espírito de luta, ganhou as divididas, teve lucidez nas coberturas e driblou com precisão, sendo ele, para Souza, quem executou o futebol dos sonhos de Coutinho.

Sérgio Noronha²⁰⁷ elogia a vitória da seleção, creditando o bom desempenho tático da equipe ao planejamento de Coutinho. Já Nelson Motta aponta para a “recomendação liberalizante” do técnico que permitiu maiores tentativas de dribles e jogadas individuais, além de que em sua visão o Brasil jogou com seriedade, e lembra uma expressão repetida por muitos jogadores, “vitória do Coutinho”.

O Brasil, então, inicia a sua preparação para o grande jogo contra a Argentina, e na capa da edição do dia 16, sem grande destaque, *CBD exige mais garantia para domingo*²⁰⁸ devido aos receios do comportamento dos torcedores argentinos. É repercutido que Nunes (na notícia é utilizado a sua patente) demonstrou ser favorável para a escalação de Reinaldo no lugar de Roberto, já que o atleta não poderia mais jogar devido a uma contusão. Além disso, um espaço noticia a violência existente durante as comemorações dos torcedores brasileiros²⁰⁹.

No caderno de Esportes, em meio às notícias sobre o confronto, o jornal aborda dois temas extra campo: a gravação de um vídeo por Coutinho apresentada na entrevista coletiva²¹⁰ e a explicação de Heleno Nunes a respeito da questão da mordomia²¹¹.

Em relação à atitude de Coutinho, o jornal explica em tom crítico que o técnico resolveu descansar na concentração, aproveitando o clima mais tranquilo proporcionado pela vitória, e gravou um vídeo de 3 minutos, comentando sobre a partida e alegando que assim Coutinho poderia fugir das perguntas. Nesse sentido, João Saldanha²¹² crítica não

²⁰⁷ NORONHA, Sérgio. Meio Campo. O Globo, Esportes, 15 de junho de 1978, p. 35.

²⁰⁸ CBD exige mais garantia para domingo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 69, 16 de junho de 1978. Primeira Página.

²⁰⁹ Bares fecham com medo das comemorações. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 69, 16 de junho de 1978. Primeira Página.

²¹⁰ A estranha forma de um treinador de comunicar. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 69, 16 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 32.

²¹¹ Almirante nega mordomia e justifica os 12 assessores. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 69, 16 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 32.

²¹² SALDANHA, João. Em campo com papel higiênico não da pé. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 69, 16 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 30.

só a atitude de Coutinho, mas também do médio Lídio Toledo, de enviar vídeos para as entrevistas coletivas.

José Inácio Werneck²¹³ também critica a atitude de Coutinho, e vai além ao criticar a organização da CBD, que permitiu a entrevista por gravação, como no caso de Dácio de Almeida, assessor de imprensa da CBD. Werneck afirma não entender sua função, se perguntando seria um jornalista convidado, recebedor de mordomia, ou um funcionário da CBD encarregado da organização do relacionamento entre a CBD e os jornais.

Em relação a Nunes e à mordomia proporcionada pela CBD, o presidente alega em entrevista concedida, que se tratam de 12 assessores que o ajudam na Argentina. Entre os assessores estão Mozart Di Giorgio, o dentista Mário Trigo, o Comandante Pavan, Evandro guerreiro, chefe do CENIN (Centro de Imprensa e Informações do Brasil) e Ildo Nejar.

Nunes também argumenta sobre os gastos excessivos com a Copa, afirmando que o valor total será próximo de Cr\$ 60 milhões. Embora Nunes não considerasse um grande valor, garantiu que não faltasse nada aos jogadores. Sobre os jogadores, o presidente entende que são eles que terão lucro, pois ganharão cada um 30 mil dólares em caso de vitória, valor que chega a Cr\$ 540 mil.

A matéria também indica a tristeza do presidente com a contusão de Roberto, admitindo que seu preferido para o lugar do jogador é Reinaldo, tecendo elogios a ele. Mais uma vez, o time do Almirante veio à tona “Ao sentir que começava a se empolgar, explicou: – O time pode ser do Almirante, mas quem escala é o Coutinho (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 31)”, com um tom mais natural sobre o polêmico tema.

No dia do Jogo, em destaque no Caderno de Esportes *Brasil x Argentina tem tudo de uma grande final*²¹⁴ entende que o jogo não apenas colocará o vencedor na final, como também o provável campeão do mundial, entendendo a partida como uma espécie de final antecipada. O jornal não demonstra confiança devido ao nível de dificuldade do adversário, transparecendo o clima tenso da partida.

²¹³ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 69, 16 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 31.

²¹⁴ Brasil x Argentina tem tudo de uma grande final. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 71, 18 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 34.

Em relação aos colunistas, João Saldanha²¹⁵ entende que o jogo não é uma final antecipada, pois muitos resultados são possíveis. Entende a vantagem dos argentinos por terem a torcida a seu favor e em um estádio menor, o que contribui para a confiança da conquista da Copa. Além disso, para Saldanha a Argentina jogou um pouco melhor que o Brasil, apesar da derrota para a Itália. Para ele, o Brasil teria melhores possibilidades caso o jogo fosse em um estádio de menor pressão. No entanto, não percebe nenhum franco favorito.

Já José Inácio Werneck²¹⁶ entende a dificuldade da partida, principalmente na questão psicológica, mas acredita que Coutinho tenha mais condições que Menotti, apontando leve vantagem para o Brasil, e que para a seleção vencer, será necessário frieza tática e espírito de luta.

É apresentado também a entrevista com Coutinho *Coutinho, a curta carreira com teste decisivo para a Copa*²¹⁷, em que são tratadas apenas questões relativas ao estilo de jogo da seleção – a união entre físico, tática e a habilidade do brasileiro – e a sua opinião sobre a participação da seleção na Copa, que segundo o técnico, evolui jogo após jogo. Sobre o técnico,

Apoiado por alguns como um inovador de técnicas e táticas, combatido por outros pelo excesso de teorização e pela inibição do talento natural dos jogadores, Coutinho passa hoje pelo teste decisivo de sua carreira de técnico. Apesar da importância da partida com a Argentina, Coutinho mantém tranquilo e conseguiu transferir essa tranquilidade a Seleção. Para ele, isso é o resultado de um trabalho feito desde que a equipe se reuniu pela primeira vez [...]. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p.33).

No trecho nota-se uma visão geral que resume as opiniões sobre o técnico Cláudio Coutinho, visto como inovador, mas muitas vezes criticado por tal inovação, visto como algo que inibe os jogadores brasileiros.

No *O Globo*, por sua vez, na edição do dia 16, disponibiliza um espaço para comentar sobre a Argentina, o otimismo dos jogadores brasileiros para a partida²¹⁸ e a preocupação com o ambiente do estádio²¹⁹. Em destaque, nas notícias sobre a seleção está

²¹⁵ SALDANHA, João. Seria um outro 16 de julho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 71, 18 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 32.

²¹⁶ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 71, 18 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 33.

²¹⁷ Coutinho, a curta carreira com teste decisivo para a Copa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 71, 18 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 33.

²¹⁸ Jogadores esperam otimistas a partida contra a Argentina. *O Globo*, Esportes, 16 de junho de 1978, p. 36.

²¹⁹ Campo pequeno preocupa a Comissão Técnica. *O Globo*, Esportes, 16 de junho de 1978, p. 37.

a substituição de Roberto por Reinaldo²²⁰, sem menções a alguma preferência ou opinião de Nunes.

Em relação aos colunistas, Sérgio Noronha, em *Coletiva cibernética*²²¹ critica de forma irônica e bem humorada o vídeo de gravação da entrevista de Coutinho, imaginando como seria a sua função de técnico caso passe a utilizar o método para o ofício. Já Nelson Motta²²² compara a relação da torcida e a seleção com a do homem e a mulher, em que apesar das brigas e traições, sempre permanecem juntos “Como se o princípio masculino estivesse no Brasil e o feminino na sempre atraente e irresistível seleção, apesar e por causa de suas surpresas, traições, alegrias e fraquezas” (MOTTA, 1978, p. 38).

Na edição do dia 17, um pequeno espaço na última página do Caderno de Esportes apresenta uma notícia que se tornaria uma das maiores polêmicas da Copa: o horário dos jogos da última rodada do quadrangular. Em *CBD pedirá mudança de horário quarta-feira*²²³ explica que, em caso de empate, o supervisor Mario Travaglini pedirá à FIFA que os jogos da última rodada fossem no mesmo horário, para evitar que a Argentina jogasse contra o Peru, já sabendo o resultado necessário para classificar.

Ocorre que, como explica Magalhães (2014), a Argentina sempre jogava às 19 horas, a última partida do dia, devido a questões de transmissões. No entanto, para os brasileiros, isso poderia beneficiar os argentinos. Travaglini afirma que “A Copa do Mundo tem que ficar acima de qualquer suspeita. Se a FIFA autorizou a modificação do horário do jogo entre Itália e Áustria, não poderá não nos atender” (O BLOBO, 1978, p. 17). O que colaborou para a polemica foi justamente, o aceite da FIFA em modificar o horário na partida entre os europeus e não atender à solicitação do Brasil, apesar de toda especificidade de transmissão que envolveu a seleção de casa.

Na edição do dia 18, dia do jogo, o jornal destaca em sua capa e, com detalhes no Caderno de Esportes, a entrada de Reinaldo, a estratégia de contra-ataque de Coutinho para o jogo, bem como e a escalação e estratégia dos argentinos²²⁴. Sérgio Noronha

²²⁰ Reinaldo substitui Roberto. Gil, a opção. O Globo, Esportes, 16 de junho de 1978, p. 38.

²²¹ NORONHA, Sérgio. Coletiva cibernética. O Globo, Esportes, 16 de junho de 1978, p. 37.

²²² MOTTA, Nelson. Um Homem, Uma Mulher. O Globo, Esportes, 16 de junho de 1978, p. 38.

²²³ CBD pedirá mudança de horário quarta-feira. O Globo, Esportes, 17 de junho de 1978, p. 17.

²²⁴ Só uma mudança na seleção hoje: Reinaldo. O Globo, primeira página, 18 de junho de 1978.

analisa a campanha das duas seleções, apontando grande igualdade e concorda com Coutinho com a utilização do contra-ataque e do método defensivo.

As expectativas para os jornais, no geral, são as mesmas. Ambos acreditavam ser é possível a vitória do Brasil, contudo ressaltando as dificuldades da partida, demonstrando a confiança do técnico Coutinho e dos jogadores. Consideram semelhante o perfil das duas seleções, sendo o Brasil um pouco melhor na questão técnica.

Brasil e Argentina jogaram no dia 18 e ficaram no empate por 0 a 0, permanecendo com o mesmo número de pontos. Na primeira página do *Jornal do Brasil*, o empate é destaque *Brasil mantém esperanças de chegar à final*²²⁵, em que explica a situação da seleção. Para se classificar é necessário vencer a Polônia e a Argentina perder, empatar ou vencer o Peru por um placar mínimo, pois o Brasil tinha a vantagem no saldo de gols.

Na edição do dia 19, após o jogo, na primeira página do Caderno de Esportes a polémica suposta intervenção de Nunes reaparece. Em *Elogio do Almirante não diminui a mágoa*²²⁶ afirma que Zico recebeu com desprezo os elogios de Heleno Nunes à sua atuação, sendo mencionado que o atleta acreditava na interferência do presidente, afirmando “– A única opinião que me interessa é a do treinador. Se ele disse que eu entrei e joguei bem, fico muito contente. A opinião de outras pessoas (referindo-se ao Almirante) não me interessa de modo algum” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 17).

É mencionado também o elogio de Nunes à equipe, ainda no vestiário, entendendo que foi a melhor partida da seleção sob o comando de Coutinho, achando o empate um resultado injusto. Além de Nunes, os jogadores também entenderam que a seleção jogou bem.

Ainda na página *Horário dá vantagem teórica à Argentina* explica o motivo pelo qual a FIFA não aceitou a solicitação da CBD de alterar o jogo entre Argentina x Peru: o contrato firmado com o consórcio de televisão estabelece elevada multa em caso de modificações em datas e horários do jogo. Ou seja, por contrato, a Argentina deveria jogar sempre às 19h:15m, como mencionado por Magalhães (2013).

²²⁵ Brasil mantém esperanças de chegar à final. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 72, 19 de junho de 1978. Primeira Página.

²²⁶ Elogio do Almirante não diminui a mágoa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 72, 19 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 17.

Em relação à partida, o jornal expressa que Coutinho entende que essa foi uma das melhores exibições da seleção, mas que o empate foi melhor para os argentinos e, mesmo com a vantagem, ainda acreditava na classificação do Brasil²²⁷. Opinião igual a expressada em *Na melhor atuação do time, a injustiça do empate*²²⁸, que considerou a exibição do Brasil como a melhor nos últimos anos, entendendo o empate como um resultado injusto.

João Saldanha²²⁹ elogia o desempenho dos atletas, mas acredita que a equipe foi muito defensiva, igualmente a Argentina, o que colaborou para o empate sem gols. Sérgio Noronha, por sua vez, ainda que elogiando a equipe, entende ser um time com muita força apenas defensiva, faltando ofensividade. Ao final de seu texto, Noronha percebe como difícil a situação do Brasil, uma vez que enfrentará a Polônia, seleção com chances de classificação, e a Argentina enfrentará o Peru, já desclassificada. Dessa forma, Noronha descreve o que de fato aconteceu: o Brasil necessitava de uma vitória com muitos gols para ter vantagem contra a Argentina, caso contrário os argentinos teriam a possibilidade de superar o saldo brasileiro com uma boa vitória contra o Peru.

O *O Globo* destaca em sua capa, na edição do dia 19, o empate contra a Argentina, entendendo que a seleção foi superior²³⁰. No Caderno de Esportes, é exposta uma entrevista do técnico Coutinho²³¹, no qual afirma a boa partida do Brasil, acreditando que faltou sorte para a seleção vencer a partida. Para o técnico, a Polônia, próximo adversário do Brasil, é mais forte que o Peru, adversário da Argentina, bem como acreditava que o fato do goleiro peruano Queiroga ser argentino, não causaria preocupações.

Em destaque, *Brasil supera intimidação com bom futebol*²³² reforça a boa partida, e entende que os momentos de mau futebol e de até violência se justificaram por se tratar de uma decisão, no qual nenhuma equipe quis se expor, mas que, no geral, o Brasil fez boa partida e merecia a vitória.

²²⁷ Coutinho vê a Argentina com mais chance. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 72, 19 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 2.

²²⁸ Na melhor atuação do time, a injustiça do empate. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 72, 19 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 8.

²²⁹ SALDANHA, João. Defensivo demais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 72, 19 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 2.

²³⁰ Empate. A decisão será quarta-feira. *O Globo*, primeira página, 18 de junho de 1978.

²³¹ COUTINHO. O Brasil impôs seu ritmo. *O Globo*, Esportes, 19 de junho de 1978, p. 30.

²³² Brasil supera intimidação com bom futebol. *O Globo*, Esportes, 19 de junho de 1978, p. 30.

Sérgio Noronha²³³ elogia o desempenho do Brasil e a estratégia de Claudio Coutinho, elenca os pontos fracos e problemas da Argentina, e conclui que a seleção brasileira atingiu o nível máximo possível de seu elenco, para ele superior aos argentinos.

O Caderno de Esportes ainda cita uma frase de Heleno Nunes, em que afirma ser uma pena não existir placar moral no futebol, pois se existisse o Brasil teria ganho por 1 a 0, pois jogou melhor. Foi a primeira vez que Nunes utilizou a expressão “vencedor moral” na Copa, sendo a segunda após a eliminação. O jornal também reproduz a opinião de Nunes sobre a partida, que após correr para abraçar Coutinho, considerou como a melhor do Brasil na Copa, faltando sorte para vitória²³⁴.

Em relação à solicitação de troca de horário do jogo, o jornal informa que Nunes também tentou trocar o horário do Brasil, passando para as 19h:15m, o mesmo da Argentina. Entretanto, Havelange recusou o pedido devido aos contratos com as televisões previamente firmado. Nunes faz um importante comentário: “– Mas o que podemos fazer? Fiz um apelo patético e nada consegui. Além disso, nós já sabíamos o horário da partida há seis meses” (O GLOBO, 1978, p. 30). Dessa forma, Nunes admite que todos já sabiam como seria o esquema dos horários do jogo, não cabendo a acusação de favorecimento à Argentina.

A preocupação da comissão técnica e jogadores do Brasil com o jogo entre Argentina e Peru também é pauta no jornal. Em *A preocupação com o jogo do Peru*²³⁵ indica o temor com uma possível facilitação por parte dos peruanos. Leão, citado como o mais preocupado, afirma que seria uma vergonha, mas que tudo pode acontecer. No entanto, acreditava que os peruanos não iriam facilitar. Já o médico Lídio Toledo, alerta para o fato do goleiro e um jogador reserva serem argentinos, o que não passa tranquilidade, dizendo ser necessário tomar precauções, pois acredita que o Peru irá facilitar o jogo. Já Gil indica uma solução: golear a seleção polonesa, visto que, segundo ele, o Peru iria dar boa vida a Argentina.

No entanto, a Argentina também demonstra preocupação por jogar em seguida, pois para Menotti, uma goleada brasileira poderia desestabilizar a Argentina, tendo em

²³³ NORONHA, Sérgio. Susto e realidade. O Globo, Esportes, 19 de junho de 1978, p. 30.

²³⁴ Heleno Nunes abraça o técnico pela boa atuação. O Globo, Esportes, 19 de junho de 1978, p. 30.

²³⁵ A preocupação com o jogo do Peru. O Globo, Esportes, 19 de junho de 1978, p. 30.

vista que já havia uma vantagem por um gol, e aumentar para quatro ou cinco agravaria a situação dos argentinos.

O Brasil, então, inicia os preparativos para o último jogo da segunda fase contra a seleção da Polônia, necessitando vencer para se manter na liderança do grupo. Na edição do dia 21, dia do jogo, duas notícias do *JB* apontam para duas situações do Peru para seu jogo contra a Argentina: primeiramente a pressão em cima do goleiro da seleção argentino naturalizado peruano Ramon Queiroga, nascido em Rosario, local da partida. Havia grande expectativa que o goleiro não entrasse em campo contra seu país de origem, mas Queiroga afirmou tratar o jogo como qualquer outro²³⁶.

A segunda é sobre a própria seleção peruana, que segundo o jornal, não é possível criar muita expectativa no confronto da equipe contra a Argentina, já que, como o próprio técnico Calderón admitiu, a seleção foi preparada para jogar apenas a primeira fase, e agora enfrenta problemas pela falta de preparo físico²³⁷. Portanto, a seleção peruana que enfrentou a Argentina era uma seleção desmotivada por já estar eliminada da competição, além de estar com o preparo físico prejudicado.

Ainda na edição, além de informar sobre a preparação da equipe para o jogo decisivo, as notícias demonstram a confiança de Coutinho na vitória da seleção, devido à boa partida realizada contra a Argentina²³⁸.

Em *Vitória amanhã vale um terreno em Pernambuco*²³⁹ afirma que o pernambucano José Bianor, incorporador e milionário, passou um telegrama à delegação peruana prometendo um terreno em Pernambuco no valor de Cr\$ 50 mil, em caso de vitória contra a Argentina. Segundo o jornal, o homem já havia doado ao técnico Coutinho um terreno na praia das pedras.

O goleiro Queiroga também foi pauta, que segundo o jornal está tranquilo para o jogo, e que para ele enfrentar a Argentina é algo normal, como se tivesse enfrentando qualquer outra seleção²⁴⁰. Já Claudio Mello de Souza acredita justamente que o Peru será

²³⁶ Um goleiro sobre pressão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 74, 21 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 31.

²³⁷ Um time sem perspectiva. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 74, 21 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 31.

²³⁸ Brasil sabe hoje se vai à final da Copa; Coutinho nunca esteve tão certo da vitória. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 74, 21 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 34.

²³⁹ Vitória amanhã vale um terreno em Pernambuco. *O Globo*, Esportes, 20 de junho de 1978, p. 30.

²⁴⁰ Queiroga diz que está calmo. *O Globo*, Esportes, 20 de junho de 1978, p. 30.

um adversário difícil para a Argentina, mesmo com derrota nas últimas duas partidas, uma vez que a seleção poderá ter o desejo de se despedir sem uma derrota. Portanto entende como errôneo as opiniões de que a Argentina poderá fazer quantos gols forem necessários para a sua classificação²⁴¹.

Na edição do dia 21, dia do jogo, o *O Globo* noticia duas informações oriundas de jornais da Argentina e Peru²⁴². Segundo Rádio Splendid, de Buenos Aires, a delegação peruana determinou que nenhum jogador aceitará incentivos por parte da CBD, no valor de 5 mil dólares para cada. A justificativa da negativa é que seria ofensivo para os peruanos, que jogarão honradamente, com dignidade para vencer. Já os jornais peruanos *Ojo* e *Correo*, afirmam que cada jogador receberá da CBD 6.666 dólares, prêmio oferecido pela Federação Peruana e pela CBD, “que enviou à concentração do Peru um emissário com os bolsos cheios de dólares”” (O GLOBO, 1978, p. 33).

Em ambos os jornais, são demonstradas as expectativas dos argentinos para o jogo contra o Peru, acreditando vencer e superar o saldo de gols do Brasil, caso necessário, e classificar-se para a final. Embora os dois jornais – e reproduzindo algumas opiniões dos jornais argentinos – concordem que os pontos fracos da seleção estejam muito mais evidentes após o empate contra o Brasil.

Em relação ao Peru, a opinião é dúvida em ambos os jornais: por um lado a crença que o Peru poderá atrapalhar a Argentina, tendo em vista sua boa exibição na Copa e objetivo de se despedir de forma honrosa; por outro, uma visão mais realista: vindo de duas derrotas seguidas e jogando sem ânimo, pois já estavam eliminados, além de estarem sem boas condições físicas, o Peru poderá ser um adversário viável para uma vitória fácil da Argentina

Em relação à Polônia, enfatizam que a equipe é melhor que o Peru, o que deixa a missão para o Brasil ainda mais difícil. Sobre o Brasil, entendem que a seleção fez sua melhor partida contra a Argentina e, portanto, esteja na sua melhor fase na competição. O técnico Coutinho e jogadores acreditam em uma classificação e concordam com a necessidade de vencer a Polônia por grande diferença de gols, pois é importante aumentar o saldo para deixar a missão dos argentinos mais difícil. Além disso, os jornais também

²⁴¹ SOUZA, Claudio Mello. Meio Campo. *O Globo*, Esportes, 20 de junho de 1978, p. 32.

²⁴² Estímulos. *O Globo*, Esportes, 21 de junho de 1978, p. 33.

acreditam em uma vitória do Brasil, mesmo pontuando a enorme dificuldade para classificar para a final.

3.3 A Eliminação Do Brasil através do *Jornal Do Brasil*

Na última rodada do quadrangular final, o Brasil entrou em campo para enfrentar a Polônia, e conseguiu uma vitória por 3 a 1, obrigando a seleção da Argentina a vencer o Peru por 4 gols de diferença para alcançar a classificação. Os argentinos, então, conseguiram uma estrondosa vitória pelo placar de 6 a 0, os classificando para a final e eliminando o Brasil, causando indignação na delegação e torcida brasileira.

O *Jornal do Brasil* destaca na primeira página do dia 22 de junho, um dia após o jogo, *Goleada argentina afasta o Brasil da final*²⁴³, iniciando com uma frase dita por Coronel Carlos Alberto Cavaleiro, advisor da Seleção, que foi o dia da vergonha do futebol mundial, expressando a sua indignação com a derrota peruana. Também é mencionado o clima de indignação e revolta entre os brasileiros e cita a forte declaração de Coutinho, que afirmou “os jogadores peruanos não são dignos de ouvir o hino de sua própria numa competição esportiva” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 1).

O jornal ainda explana a ligação por telefone entre Heleno Nunes e Ernesto Geisel, em que o presidente felicitou a seleção pela missão cumprida. Segundo o jornal, a opinião geral da delegação do Brasil era de que a indiferença dos peruanos permitiu que os argentinos pudessem golear a seleção. Por fim, o jornal ressalta o fato do Brasil ser a única seleção invicta do campeonato, e que disputará o terceiro lugar contra a Itália.

Em relação aos torcedores, o jornal notícia que o clima no Rio de Janeiro era de desolação após a vitória dos argentinos. Havia forte desconfiança entre os torcedores que o Peru havia facilitado o jogo para a Argentina em troca de recompensa²⁴⁴. Nesse primeiro momento pós-jogo, ao comentar sobre a partida, não apenas os torcedores, mas o próprio jornal se baseia na suposta facilitação do jogo por parte dos peruanos.

Em destaque na página *Argentina faz a festa depois da farsa*²⁴⁵, expressa que os argentinos foram merecedores de tal resultado e jogaram para isso, afirmando já ser

²⁴³ Goleada argentina afasta o Brasil da final. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. Primeira Página.

²⁴⁴ Rio pára para torcer pela classificação que não veio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Cidade, p. 23.

²⁴⁵ Argentina faz a festa depois da farsa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

esperada a derrota do Peru. No entanto, acusa os peruanos de não terem se esforçado na partida. Segundo o jornal “O jogo – muito mais uma farsa do que um jogo – foi um triste espetáculo do futebol” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 28), em que os peruanos deveriam ser convidados de honra para a festa feita pelos argentinos em Rosário.

Ao comentar sobre a partida, o jornal expressa a facilidade que os argentinos tiveram para construir o placar, afirmando que “o time peruano, como se cumprisse o destino histórico de ser goleado, deixou o campo sem viver a honrosa sensação de participar do jogo que apontou o finalista do Grupo B.” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 28)²⁴⁶. Ao analisar o time peruano, afirma que nem o goleiro Queiroga, que se destacou durante a competição, conseguiu se salvar²⁴⁷.

Em relação ao jogo do Brasil, em apenas um espaço comenta que em pouco tempo foi necessário para a seleção construir a vitória, repetindo no restante da partida falhas já conhecidas²⁴⁸. O jornal destaca, na última página do Caderno de Esportes, as impressões da Seleção brasileira em relação à vitória argentina.

Em destaque *Coutinho acusa Peru de facilitar o jogo*²⁴⁹ é reproduzido uma forte declaração do técnico em relação ao resultado do jogo, demonstrando muito nervosismo, segundo o jornal

Os que atuaram contra a Argentina não têm mais condições de ouvir o Hino Nacional de sua pátria em uma competição – disse Coutinho. Estou arrasado, frustrado, decepcionado. Tenho certeza de que esse time do Peru, pois conheço a maioria, não podia perder de seis. E vou além: se a Argentina precisasse de mais gols marcaria tantos quantos fossem necessários para ser a primeira colocada do grupo. Onde está o time peruano que venceu a Escócia e empatou com a Holanda? (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 30).

Ao comentar sobre a grande final entre Argentina e Holanda, o técnico ironiza se irão deixar os holandeses dormir, em alusão ao foguetório realizado pelos argentinos em frente ao hotel da seleção antes do jogo entre Brasil e Argentina, dizendo que o campeonato se transformou em uma brincadeira. Além disso, critica o fato de as duas partidas terem sido em horários distintos, afirmando que acreditavam no critério da FIFA,

²⁴⁶ Todas as facilidades, desde o primeiro gol; A noite de um ataque que não foi marcado. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

²⁴⁷ Nem Queiroga conseguiu se salvar desta vez. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

²⁴⁸ Cinco minutos de bom futebol deram vitória à Seleção. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 29.

²⁴⁹ Coutinho acusa Peru de facilitar o jogo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

pois outros jogos também tiveram o horário alterado. Coutinho também diz que a final “moral”, será a disputa de terceiro lugar, entre Brasil e Itália, as duas seleções invictas no campeonato.

O advisor da seleção, Carlos Alberto Cavaleiro também fez forte declaração sobre os peruanos

Este foi o *Dia da Vergonha Mundial do Futebol*. Os jogadores peruanos não tiveram uma atitude digna de atletas de uma Copa do Mundo e não mostraram a mesma atitude honrosa dos austríacos, que, mesmo eliminados, lutaram e venceram a Alemanha. Nosso trabalho de dois anos e a bela campanha na competição foram comprometidos pela exibição lamentável e vergonhosa do time peruano. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 30).

Para Cavaleiro, o trabalhado de dois anos e a bela campanha da seleção foram diretamente prejudicados pela derrota do Peru, demonstrando, aqui, uma clara culpabilização externa da derrota brasileira, principalmente por partir de um dirigente de futebol.

O jornal também noticia que o técnico peruano Calderón, como esperado, não apareceu para a entrevista coletiva após o jogo e que o goleiro Queiroga, foi aplaudido pela torcida argentina ao entrar em campo. Ao final da partida acenou bem humorado para os torcedores argentinos e quando deixou o gramado apertou a mão dos jogadores argentinos, saindo do campo de cabeça baixa após os torcedores gritarem seu nome em tom de gozação. O jornal também reproduz a fala de Queiroga, que lembrou ter previsto antes do início da Copa que a Argentina jogaria a final²⁵⁰.

Por parte dos jogadores, Batista e Nelinho criticaram a seleção peruana, o primeiro de forma mais enfática, afirmando que os peruanos não tiveram espírito de luta. Já o segundo, como aponta o jornal, não criticou diretamente os jogadores, talvez por questão de ética, afirmando que pela trajetória do Peru, acreditavam em uma partida melhor, mesmo entendendo todas as circunstâncias, o que leva à estranheza do resultado²⁵¹. Em relação aos outros jogadores, é noticiado apenas a revolta de Edinho com Coutinho por

²⁵⁰ Calderón não aparece para explicar goleada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁵¹ Batista e Nelinho, as mesmas críticas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

não ter entrado em campo contra a Polônia²⁵², a tristeza de Roberto Dinamite com a eliminação²⁵³ e as lesões de Zico e Toninho²⁵⁴.

Por fim, *Dirigentes da CBD são mais moderados*²⁵⁵ afirma que o dirigente Mozart Di Georgio, e o delegado ao Congresso da FIFA, Carlos Osório de Almeida, acreditam que o placar foi normal, não podendo acusar os peruanos, pois a Argentina apresentou um futebol de alto nível. Por fim, é dito que ao final do jogo, em meio a revolta dos brasileiros, Heleno Nunes buscou levantar o moral de todos, informando que havia conversado com Ernesto Geisel por telefone logo após a partida contra a Polônia, em que o presidente considerou a missão do Brasil na Copa cumprida. Segundo ele o importante agora é disputar a terceira colocação com idêntico entusiasmo.

Em relação aos colunistas, João Saldanha apenas comenta o jogo do Brasil emitindo uma opinião positiva no geral. José Inácio Werneck, por sua vez, avalia que a seleção não foi brilhante durante todo o campeonato, fazendo apenas o necessário para avançar, assim como todas as outras. No entanto, para ele, o fundamental para a classificação era a vitória contra a Argentina, pois, em sua opinião, a Argentina motivada, jogando em casa, com o apoio de sua torcida, contra um Peru eliminado e desmotivado, faria quantos gols fosse necessário para se classificar. Para Werneck, a goleada sofrida pelo Peru mostra que o Brasil, quando enfrentou os peruanos, deveria ter buscado um resultado mais elástico após ter feito três gols.

Na edição do dia 23, em meio aos informes sobre a decisão do terceiro lugar e da grande final, uma página dedicada para discutir sobre a seleção peruana. Em destaque *Imprensa peruana quer apurar razões da goleada*²⁵⁶, de Luiz Fernando Cardoso, informa a repercussão da derrota peruana no país.

LIMA — Os peruanos, que já estavam aborrecidos desde as derrotas para o Brasil e a Polônia, manifestavam revolta contra o que consideravam "uma vergonha nacional" a atuação de sua Seleção contra a Argentina. Um comentarista esportivo da televisão chegou mesmo a pedir que se faça algum tipo de investigação sobre os fatos, enquanto outras pessoas falavam na

²⁵² Edinho revoltado não aceita jogar sábado. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁵³ Roberto, o mais triste. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁵⁴ Copa acaba mais cedo para Zico e Toninho. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁵⁵ Dirigentes da CBD não mais moderados. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 75, 22 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁵⁶ CARDOSO, Luiz Ferdando. Imprensa peruana quer apurar razões da goleada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 26.

suspeita de que algo grave como suborno pudesse ter ocorrido (CARDOSO, 1978, p. 26).

O nome do comentarista não é citado, apenas informa que é membro do Canal 4, da TV América, e demonstrando revolta sugere que se realize uma investigação, tendo em vista sua suspeita de que algo estranho e grave haveria acontecido. No entanto o *JB* reforça que a palavra suborno não foi usado por ele. Além do comentarista, o jornal *La Prensa* considerou a derrota peruana como uma “página negra” da história da seleção, que apagou todas as suas realizações, entendendo como inexplicável o fato da equipe ter caído de rendimento de forma tão bruta, causando uma vergonha esportiva. Também é citado o jornal *Nuevo Extra*, que estampou na primeira página uma caricatura de alguma personalidade dizendo “Pode levantar que já acabou a partida” direcionada a um jogador peruano deitado no campo.

Luiz Fernando Cardoso também descreve as opiniões dos torcedores, que criticavam o técnico Calderón por suas escolhas, não excluindo a hipótese de suborno. Por outro lado, Cardoso também comenta sobre as tentativas de explicação, citando o comentarista do Canal 5, da TV Panamericana, Humberto Martinez Morosini, que defendeu a seleção por tudo que fez na primeira fase da competição, afirmando que não se pensasse na partida.

Para o jornal, o comentarista passou a impressão que o jogo foi algo normal. No entanto, Cardoso afirma que o comentarista sempre demonstrou torcida contra o Brasil, passando a impressão de satisfação pela classificação da Argentina à final, criticando inclusive o desempenho brasileiro.

Na mesma página *Para franceses, uma surpresa ao amanhecer*²⁵⁷, da correspondente Arllete Chabrol, argumenta que muitos franceses não assistiram à partida devido à diferença de fuso horário, mas que ficaram surpresos com a vitória argentina, acreditando que foi um jogo combinado. No entanto, na rádio e nos jornais as opiniões foram mais moderadas. A crônica do *Le Monde* considerou os pontos favoráveis à Argentina, como sua torcida e entrar em campo já sabendo do resultado, alinhado a uma facilidade que os deixou perplexos.

O *France Soir* e o *L'Equipe* destacam a busca pela vitória argentina, com o segundo afirmando que embora a Argentina tenha recebido alguma ajuda, ficou claro a

²⁵⁷ CHABROL, Arllete. Para franceses, uma surpresa ao amanhecer. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 76, 23 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 26.

evolução da seleção a cada partida. Já o comentarista esportivo da *Europe 1* entendeu a vitória como muito fácil para ter sido completamente honesta, e o ex-jogador Roger Platini afirmou que o comportamento do Peru ficou muito claro, entendendo que faltou combatividade para os peruanos, mesmo admitindo que o rendimento da equipe caiu ao longo do campeonato.

Araújo Netto²⁵⁸, correspondente na Itália, afirma que foram poucas as notícias sobre Argentina x Peru na Itália, sendo mais presente na imprensa a derrota italiana. Um dos poucos jornais a falar sobre a partida, o *Corriere Dello Sport*, através dos comentários de seu correspondente em Buenos Aires, *Adalberto Bortolotti*, afirma que as desatenções da defesa do Peru foram quase escandalosas, expressando que a Argentina vai a final graças a uma vitória facilitada pelo Peru.

Na Inglaterra e Alemanha, pouco se falou sobre uma suposta partida facilitada pelo Peru, buscando exaltar a vitória argentina. A exceção foi o correspondente em Buenos Aires do jornal *London Evening Newsb*, Patrick Collins, afirmando que embora a Argentina seja uma boa seleção, não é boa o suficiente para aplicar uma goelada contra uma seleção da estrutura do Peru. Ainda declara que se fosse responsável pelo jogo, exigiria algumas palavras francas do técnico peruano²⁵⁹.

Em relação à repercussão na América Latina²⁶⁰, é informado que os jornais chilenos entenderam como vergonhosa a atuação do Peru. O *Ultimas Notícias* afirmou ter sido uma vergonha nacional, o *El Cronista* como uma mancha para o time e o *El Mercurio* considerou o Peru como um mero “sparring” contra a Argentina.

Na Venezuela, o *Última Notícias* estampou *Goleada suspeita: entrega do Peru assassinou o Brasil* e o *El Universal* viu a derrota como a mais humilhante do mundial. Já o jornal *El Mundo*, segundo o *JB*, foi o mais agressivo, afirmando que a derrota, nas palavras do próprio jornal venezuelano, foi negociada entre os Governos da Argentina e do Peru e que “os peruanos não mostraram as garras para defender-se dos argentinos

²⁵⁸ NETTO, Araújo. Na Itália, a Copa terminou com a atuação dos peruanos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 26.

²⁵⁹ Ingleses consideram jogo sério. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 26.

²⁶⁰ Na América Latina, críticas são muitas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 26.

depois que forças diplomáticas se movimentaram no intervalo da partida” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 26).

Na Colômbia, o *El Espectador* afirma que a polêmica continuará por muito tempo, e o *El Siglo* foi o mais radical, declarando que a opinião pública foi testemunha de um fato que compromete a honestidade do futebol mundial. No México, a imprensa ficou dividida. O jornal *Esto* ironizou a derrota dos peruanos, afirmando que entregaram o jogo, com a publicação *Tango y Tongo* (tango e trapaça).

O *JB* entende, obviamente, a Argentina como exceção na região. O jornal *La Prensa* valorizou as qualidades de sua seleção, o *El Clarín* entendeu como uma noite infeliz do Peru, e o *La Cronica* provocou o Brasil *Chore, Brasil, Chore*.

É evidente que o *JB* busca destacar os jornais estrangeiros que polemizaram a vitória argentina, enfatizando os argumentos que levam a crer que o Peru facilitou a partida. Embora também apresente, de forma discreta, os argumentos dos jornais que perceberam o resultado da partida como algo normal, valorizando a vitória da Argentina.

Em outra página, o jornal reproduz uma entrevista de Calderón no desembarque dos peruanos em Buenos Aires, em que afirma que os argentinos jogaram bem e o Peru foi prejudicado por conta das contusões. Além disso, informa que os peruanos foram aplaudidos pelos torcedores argentinos ao desembarcarem na capital argentina²⁶¹.

Na página dedicada à seleção, *FIFA admite erro no horário*²⁶² indica o reconhecimento da entidade, de que a divergência de horários não é recomendada para uma Copa do Mundo, buscando solucionar essa questão para o mundial de 1982. A FIFA também afirmou que o horário do jogo da Argentina não poderia ser à tarde, pois não seria possível para os argentinos assistirem às partidas de sua seleção, além de questões de transmissão. Em destaque *Coutinho já acha seu time tão bom quanto o de 70*, explana a opinião positiva do técnico sobre a equipe. Além disso, o jornal também discorre sobre os preparativos para a decisão do terceiro lugar, já sem o mesmo entusiasmo, demonstrando que os jogadores também perderam o interesse²⁶³.

²⁶¹ Peruanos desembarcam em B. Aires aplaudidos pela torcida argentina. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 27.

²⁶² FIFA admite erro no horário. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

²⁶³ Jogadores perdem o interesse. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 76, 23 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 27.

João Saldanha²⁶⁴, por sua vez, critica o que chamou de choradeira dos brasileiros, afirmando que a equipe foi excessivamente defensiva durante todo o campeonato, desperdiçando a chance de vencer a Argentina e que, mesmo sendo derrotada pela Itália, o quarto lugar deveria ser comemorado pelos brasileiros. José Inácio Werneck²⁶⁵ entende que uma Copa, com muitas vagas, faz com que seleções fracas, como o Peru, também a disputem.

Além disso, Werneck relembra os momentos em que a seleção argentina foi beneficiada, afirmando que a possível vitória argentina já está manchada por erros de arbitragem, como o “pênalti existente contra a França, pelo gol em impedimento de Luque, pela coação dos jogadores argentinos aos juízes [...], pelas escandalosas circunstâncias em que conquistou seus 6 a 0 sobre o Peru” (WERNECK, 1978, p. 27).

Por fim, Werneck entende que a questão do horário dos jogos deveria ter sido questionada em janeiro, quando foi estabelecido a forma que seria. Para ele, a questão esportiva deve estar à frente do financeiro e, se o público não sentir que está assistindo uma competição limpa, consequentemente não se interessará pelo evento.

Na edição do dia 24, dia da decisão do terceiro lugar, o *JB* destaca no Caderno de Esportes *Peruanos voltam a Lima sob insultos e pedradas*²⁶⁶, de autoria do correspondente Luiz Fernando Cardoso. Segundo a notícia, 2 mil torcedores peruanos receberam a delegação da seleção no aeroporto de Lima, com insultos como “vendidos”, cusparadas e pedradas, sendo necessário a intervenção da polícia.

Segundo Cardoso, o diretor executivo do Instituto Nacional de Recreação, Educação e Desportos (INRED), Oscar Huertas Pino, afirma a surpresa da INRED com a goleada, e pedirá a Federação de Futebol uma explicação, para que os torcedores e o povo possam entender o ocorrido. O presidente da FPF, Almirante Augusto Galvez Velarde, por sua vez, declarou que a seleção não entregou a partida, mas que não justifica a derrota, declarando também sentir vergonha. Segundo Cardoso, o técnico Calderón foi

²⁶⁴ SALDANHA, João. O pior time. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 76, 23 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 23.

²⁶⁵ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 76, 23 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 27.

²⁶⁶ *Peruanos voltam a Lima sob insultos e pedradas*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 77, 24 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p.

um dos mais atacados e acusados pelos torcedores, sendo alvejado por muitas moedas e uma cusparada no rosto.

O técnico apenas declarou que confia na honradez e honestidade de seus jogadores, assistirá a um tape do jogo, passará um relatório aos atletas e que irão se reunir no dia 28. Outros atletas também disseram pouca coisa, como Juan José Munanhe, que afirmou ter muita coisa a dizer, mas que no momento não diria nada. Já Teófilo Cubillas declarou que a equipe estava praticamente incomunicável na concentração, afirmando que “coisas extra-exportivas” comentadas por jornais eram invenções. A única exceção foi o goleiro Queiroga, a quem a torcida reconheceu a atuação como digna.

Ainda na edição, as outras notícias fazem referência à preparação das seleções finalistas, bem como sobre o Brasil, no qual são explanadas notícias sobre os jogadores, como Gil, que declarou estar decepcionado com a seleção Peruana²⁶⁷. Em relação ao jogo contra a Itália, a partida é tida como importante para Coutinho pois para ele sua filosofia está em jogo, e em caso de vitória, a seleção se transformará na “Campeã Moral”²⁶⁸. Além disso, o *JB* também esclarece que, embora Nunes tenha intervindo na seleção e descordado de Coutinho, o técnico continua prestigiado pelo Almirante, e enquanto estiver na presidência Coutinho seguirá como técnico²⁶⁹.

No dia 25, o *JB* publica em sua capa, com grande imagem do gol de Nelinho, a vitória do Brasil contra a Itália, garantindo o terceiro lugar da competição. *Brasil volta invicto mas no 3º lugar*²⁷⁰ em meio aos comentários sobre o jogo. Além disso, é expressado que Coutinho classificou a vitória como histórica e destacou a campanha invicta da seleção, bem como a declaração de Nunes, ao lado de Coutinho na entrevista coletiva, em que ressaltou que o técnico continuará na função, enquanto for presidente da CBD.

No Caderno de Esportes, em destaque, *CBD comemora o 3º lugar como se fosse título*²⁷¹, indica que os dirigentes comemoraram a vitória contra a Itália como título, com

²⁶⁷ Vitória, Para Gil, já é uma questão de honra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 77, 24 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 31.

²⁶⁸ Para técnico, sua filosofia está em jogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 77, 24 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 32.

²⁶⁹ Coutinho, prestigiado, fica até Heleno Nunes sair. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 77, 14 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 24.

²⁷⁰ Brasil volta invicto mas no 3º lugar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 78, 25 de junho de 1978. Primeira Página.

²⁷¹ CBD comemora o 3º lugar como se fosse título. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 78, 25 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p.

Coutinho valorizando a conquista, e Nunes afirmando que o mundo deve olhar para o Brasil como o verdadeiro campeão do mundo, pois a seleção terminou invicta, com apenas a Argentina tendo a possibilidade de fazer mais pontos que o Brasil, e aponta o regulamento como responsável pela não conquista do título pela seleção.

Em relação à vitória do Brasil por 2 a 1, o *JB* elogia o desempenho da equipe, classificando como ofensiva²⁷². Opinião compartilhada por João Saldanha²⁷³, que acredita que se a seleção tivesse jogado da mesma forma contra Peru, Argentina e Polônia, poderia ter tido a sua classificação, não sendo necessário choradeira, expressão utilizada por Saldanha, e nem realizar acusações ao Peru. José Inácio Werneck²⁷⁴, por sua vez, não entendeu a atuação da seleção como ofensiva e nem os motivos para tanta comemoração, sendo necessário um planejamento para o futuro, para que de fato seja implantado na seleção um estilo de jogo moderno.

A grande final entre Argentina e Holanda aconteceu dia 25 de julho, no estádio Monumental de Núñez, em Buenos Aires. A Argentina saiu vitoriosa pelo placar de 3 a 1, conquistando seu primeiro título mundial. Na edição do *JB* do dia 26, o jornal noticia a grande final e a vitória da seleção albiceleste, ressaltando a raça dos campeões. Em relação ao Brasil, o jornal dedicou uma página para comentar sobre a seleção, especificamente sobre o técnico Coutinho e os dirigentes da CBD.

Em *Coutinho, da moda do Cooper a profeta de uma nova ordem*²⁷⁵ afirma que foram três os fatos que levaram Coutinho ao comando da seleção para implantar o novo futebol que se pretendia no Brasil: o primeiro foi o fracasso na Copa de 1974, que levou dirigentes e grupos teóricos do futebol, como técnicos e cronistas, a entenderem como necessário, nas palavras do jornal, a europeização dos jogadores, times e métodos, ficando batizado como “futebol moderno”, expressão que o jornal entende como batida e gasta. O segundo fator foi a de entregarem tal tarefa a Osvaldo Brandão, um treinador tido da velha escola do futebol. Por fim, o terceiro e mais polêmico, “a tendencia, cada vez mais

²⁷² Na despedida da Copa, um time mais ofensivo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 78, 25 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 28.

²⁷³ SALDANHA, João. Futebol brasileiro é assim. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 78, 25 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁷⁴ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 78, 25 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 31.

²⁷⁵ Coutinho, da moda do Cooper a profeta de uma nova ordem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 79, 26 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 4.

acentuada de se colocar nos postos-chave do esporte brasileiro, sobretudo no futebol, militares em lugar de civis” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4).

Nesse sentido, o jornal nomeia os militares presentes: O CND com o Brigadeiro Jeronimo Bastos, o Comitê Olímpico com o Major Silvio Magalhães Padilha, e a CBD com Almirante Heleno Nunes, que segundo o jornal, está no cargo por intervenção do Governo. O jornal afirma que Coutinho “acabou caindo como uma luva nos planos da CBD. [...] Coutinho era, por temperamento e filosofia, o militar que a CBD queria” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4), pois estava alinhado com os métodos europeus, acreditava mais na teoria do que na experiência, menos na intuição do que no conhecimento, além de ser estudioso.

Por fim, o jornal entende que o terceiro lugar foi modesto para o Brasil, tendo em vista o baixo nível técnico do mundial, mas que não se pode julgar o técnico em definitivo, pois foram cometidos tanto acertos quanto erros. Seu maior acerto foi tentar conscientizar o futebol brasileiro para um modelo coletivo, e seu maior erro foi não saber armar um time, acabando por aplicar uma sucessão tardia e equivocadas experiências.

Sobre Heleno Nunes, o jornal argumenta de forma irônica em *O Almirante interventor, mais técnico que o técnico*²⁷⁶, que Nunes deve ter voltado orgulhoso da Argentina, devido ao seu papel de interventor, pois foi justamente a escalação imposta por ele ao técnico a mais bem sucedida. O jornal entende que Nunes também deve ser julgado pelo desempenho da equipe, pois foi, nas palavras do jornal, mais técnico que o próprio técnico, tendo interferido na escalação do time e na sua forma de jogar. E, como as mudanças deram resultados mais pela má forma dos jogadores que saíram da equipe, Nunes sai da Copa absolvido, segundo o jornal.

No entanto, o jornal reforça que o julgamento a Nunes não deve ser feito em relação à sua intervenção na seleção, mas sim em relação ao seu cargo de presidente da CBD. Ao substituir o “político Sr. João Havelange, ele começou a converter a CBD num organismo ainda mais político, levando o futebol brasileiro ao estado até certo ponto em que se encontra” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4). Nesse sentido, o jornal entende que o fato de Nunes acumular o cargo com a presidência da ARENA RJ era mais que uma coincidência, mas uma forma do Partido do Governo utilizar o futebol para interesses

²⁷⁶ O Almirante interventor, mais técnico que o técnico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 79, 26 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 4.

eleitoreiros. Nesse sentido, a seleção seria o principal alvo do governo? Não. Para o jornal, foi o Campeonato Brasileiro, através da inclusão de clubes quase sempre determinados por motivos políticos. E qual a consequência?

A falta de tempo, criada pelo Campeonato Nacional, tem sido de fato a grande responsável pelos dois maiores problemas do futebol brasileiro atual: o despreparo dos times (os Jogadores geralmente chegam à Seleção saturados de tanta bola e tanta viagem) e o descuido com os juvenis (a renovação de valores, antes um dos segredos do nosso futebol, tornou-se tão afetada que, depois da geração de 70, pode-se dizer que não surgiu nenhum craque autêntico no Brasil).

A CBD do Almirante Heleno Nunes deve ser julgada também por isso? E nesse caso, como absolve-la? (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4).

O jornal, então, entende como o problema do futebol brasileiro não apenas a intervenção e militarização dos clubes e seleção, mas principalmente a inclusão de clubes no Campeonato Brasileiro por interesses políticos, através do arenista Heleno Nunes, atingindo o recorde na edição de 1979, com 94 clubes. O “onde Arena vai mal, um time no Nacional”, causou um calendário apertado, não permitindo tempo suficiente para os clubes se prepararem, fornecendo jogadores desgastado à seleção (e a seleção sofreu com muitas lesões durante a Copa), bem como a deficiência em prepararem e cuidarem dos jovens atletas, não revelando nenhum craque desde 1970.

Por coincidência ou não, a geração de jogadores brasileiros dos anos 80 contou com muitos craques, a exemplo de Zico, inclusive para a Copa de 1982, logo após a criação da CBF e estabilização e normalização do Campeonato Brasileiro, que já em 1980 contou com 44 clubes, menos que a metade da edição anterior.

E é sobre a CBD e os seus gastos o assunto em *Na cúpula da CBD, muitos gatos e muitos protestos*²⁷⁷. Segundo o jornal, os gastos para a Copa de 78 foram os maiores até então, Cr\$ 70 milhões, cinco vezes maior que em 1974. Nesse sentido, o jornal ironiza ao afirmar que “não poderia faltar um *staff* técnico e burocrático proporcional ao gigantismo das despesas” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4), citando o nome de alguns membros como o advisor Coronel Carlos Alberto Cavalheiro, que é apontado pelo jornal como de função não bem definida, assim como o “espião” de Coutinho, o Comandante Jairo dos Santos.

²⁷⁷ Na cúpula da CBD, muitos gatos e muitos protestos. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 79, 26 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 4.

Além da exagerada delegação, o jornal também critica a atitude dos dirigentes de sempre reclamar e protestar, citando todas as reclamações realizadas, e as rebatendo ironicamente

Reclamaram do gramado de Mar del Plata (demonstrando incompetência por terem aprovado um local em visitas antes da Copa). [...] Protestaram contra a Seleção Peruana contra a Argentina (para justificar a desclassificação da final) e pelo mesmo motivo reclamaram do próprio regulamento da Copa do Mundo” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4).

Os preparadores físicos (é dito que Admildo Chirol, remanescente de 1970 era portador de uma barriga pouco recomendável para a função) e médicos da seleção também são criticados devido às muitas lesões. Além disso, a burocracia criada pela Comissão Técnica dividiu o trabalho, criando funções pouco ou nada produtivas, como o Major Cléber Camerino.

Por fim, o jornal expressa que *o Brasil conseguiu na Copa exatamente o que mereceu*²⁷⁸, sendo o terceiro lugar uma posição que reflete uma campanha, embora invicta, mas sem brilho. O jornal, então, indaga: como o futebol brasileiro, tendo um dos melhores jogadores e futebol do mundo, um técnico tido como moderno e a vários recursos a disposição, foi tão inexpressivo em uma Copa de baixo nível técnico. Para responder, o jornal analisa três períodos da seleção, sendo eles o tempo de Brandão, o tempo de Coutinho e o tempo do Almirante.

Em relação a Brandão, a análise é de que o técnico não possuía as características para ser o renovador do futebol brasileiro; sobre Coutinho, um técnico com o tal perfil moderno e renovador, apesar de ter tido um bom início, não conseguiu a tão almejada união entre rigor tático e talento técnico, inibindo as características dos jogadores brasileiros; e sobre Nunes, o jornal explica que as duas primeiras partidas do Brasil na Copa foram suficientes para mostrar as limitações da equipe de Coutinho, um híbrido de táticas europeias mal aplicadas, com técnicas sul-americanas ultrapassadas. Nesse sentido,

O Almirante entrou em cena, mudou o time de Coutinho, jogou para o lado a filosofia de Coutinho, conseguiu salvar o barco de um naufrágio aparentemente inevitável.

Mas era tarde! A Copa do Mundo – uma das mais fáceis da história – estava perdida. Ao Brasil caberia, sob medida, o consolo do terceiro lugar (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 4).

²⁷⁸ Brasil conseguiu na Copa exatamente o que mereceu. Pagou pelo que não fez. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, N° 79, 26 de junho de 1978. 1° Caderno, Esportes, p. 4.

Os colunistas João Saldanha²⁷⁹ e José Inácio Werneck²⁸⁰ concordam com o título argentino, acreditando a equipe ser a merecedora do título, alcançando os objetivos que Coutinho não conseguiu, mesmo que o Brasil tenha terminado com maior número de pontos que a Argentina e invicto.

Na edição do dia 27, em um pequeno espaço na Primeira Página, o jornal anuncia a chegada da delegação brasileira ao Aeroporto Galeão, na tarde do dia anterior, em meio a festa de cerca de 5 mil torcedores. Segundo o jornal, Coutinho foi o mais prestigiado pela torcida²⁸¹.

No Caderno de Esportes, o destaque é para *Recepção no aeroporto surpreender até Coutinho*²⁸², afirmando a surpresa do técnico com a recepção calorosa da torcida, demonstrando também contentamento com a participação do Brasil no Mundial. Em *Paulistas ainda põem a culpa nos peruanos*²⁸³ afirma que os jogadores paulistas acreditam que a não classificação do Brasil se deu devido à seleção peruana, bem como defendem o técnico Coutinho e acreditam que a seleção teve boa participação. A notícia afirma que 2 mil torcedores recebem os atletas no aeroporto de Congonhas, com grande festa.

Em Minas Gerais, os jogadores Reinaldo e Cerezo também elogiaram o desempenho da seleção e defenderam o técnico Coutinho. Reinaldo, ao ser questionado sobre a sua saída, afirmou estar de acordo, pois o gramado ruim favorecia o estilo de jogo de Roberto Dinamite, e mencionou que as críticas que recebeu não levaram em consideração o gramado ruim em que atuou, o que desfavoreceu seu futebol²⁸⁴.

Diante de poucos torcedores no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, o jogador Batista reconheceu os méritos da Argentina, acredita que o gramado do início da

²⁷⁹ SALDANHA, João. Pagou pelo que não fez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 79, 26 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 2.

²⁸⁰ WERNECK, José Inácio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 79, 26 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 3.

²⁸¹ Torcedores fazem festa no Rio para receber a Seleção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 80, 27 de junho de 1978. Primeira Página.

²⁸² Recepção no aeroporto surpreender até Coutinho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 80, 27 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁸³ Paulistas ainda põem a culpa nos peruanos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 80, 27 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁸⁴ Treinador tem defesa de Reinaldo e Cerezo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 80, 27 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

competição e o regulamento atrapalharam o Brasil, mas que, apesar disso, o terceiro lugar foi merecido pela Seleção²⁸⁵.

Nesse sentido, a preocupação é com o desempenho e com o futuro da seleção e da própria CBD, sendo inclusive aprovado pela Câmara a CPI do futebol²⁸⁶, marcado para o segundo semestre de 1978, que segundo o jornal, objetivava “apurar a real situação do futebol brasileiro, a atuação da CBD e CND, bem como os recursos aplicados pela Loteria Esportiva” (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 36).

O jornal afirma que a CPI contará com 11 deputados, sendo 6 de Arena e 5 do MDB, bem como os primeiros convocados para depor serão Heleno Nunes e Cláudio Coutinho, além de jogadores e dirigentes dos principais clubes de SP e RJ. Além disso, o vereador Rubem Gamboa, da Arena de Recife, pediu uma CPI para apurar o fracasso brasileiro na Copa, apontar os responsáveis e punir Coutinho e os membros da Comissão Técnica. Chama atenção que Rubem Gamboa é membro da Arena.

Além disso, Rubem Gamboa também declara que os desacertos na campanha são endossados em grande parte pela imprensa independente do país, e que a escolha de Coutinho foi uma politicagem que culminou na eliminação do Brasil. Considerando o técnico como incompetente e sem personalidade, afirmou que com Coutinho como técnico, a Comissão Técnica pôde manobrar na escalação, exigindo a escalação de jogadores não por sua qualidade técnica, mas sim por pertencerem a clubes de sua predileção, uma referência à preferência de Nunes, ex-dirigente do Vasco, a sua preferência por Roberto Dinamite, jogador da mesma equipe.

Dessa forma, percebe-se com o passar dos dias uma análise mais fria a respeito da eliminação do Brasil, sendo o fracasso brasileiro atribuído à própria organização da CBD, que cometeu equívocos, muito deles políticos. Nesse sentido, a responsabilização dos peruanos seria algo muito ligado à emoção do momento.

3.4 A eliminação do Brasil através do *O Globo*

Na Primeira Página da edição do dia 22 de junho, no *O Globo*, o jornal estampa com grande destaque a decisão entre Argentina e Holanda e menciona que o Brasil é o

²⁸⁵ Batista reconhece os méritos da Argentina. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 80, 27 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 30.

²⁸⁶ Câmara aprova constituição de CPI para o futebol. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano LXXXVIII, Nº 82, 29 de junho de 1978. 1º Caderno, Esportes, p. 36.

único invicto, bem como acusa a seleção peruana de se deixar golear, afastando o Brasil da final²⁸⁷.

No Caderno de Esportes, o jornal entende que o Peru realizou a pior partida de uma seleção na então atual Copa do Mundo, se deixando golear pela Argentina, que sentindo as facilidades dos peruanos, pressionou durante todo o jogo. O jornal ressalta o empenho dos argentinos, mesmo com o placar necessário para a classificação²⁸⁸.

Devido à derrota peruana, o jornal notícia que a *CBD protestará na FIFA contra a atuação do Peru*²⁸⁹, medida anunciada após o jogo, por Heleno Nunes, revoltado com o resultado. Segundo o jornal, Nunes expressa o desejo de registrar o que consideraram como comportamento indigno dos jogadores peruanos. O jornal ainda destaca a fala de Carlos Alberto Cavalheiro, referido como homem de confiança de Heleno Nunes

Foi um dia alegre e triste para o futebol brasileiro. Alegre porque mostramos garra e um futebol digno. Triste pelo comportamento do time peruano. Foi um dia de vergonha para todo povo peruano. Nossos jogadores ficaram abatidos por não se classificarem para a final da Copa do Mundo e revoltados com o comportamento do Peru. Quando vimos a reprise dos gols alguns choraram de raiva. Tínhamos visto o empenho da Áustria contra a Alemanha. E isso foi um golpe. Os peruanos tiveram comportamento indigno, comportamento que não dignifica o futebol de nenhum país do mundo. Foi uma vergonha o que vimos e vamos protestar. (O GLOBO, 1978, p. 33).

A forte declaração de Cavalheiro reforça uma impressão comum no pós-jogo: a indignação com a atuação peruana, com críticas direcionadas ao comportamento dos jogadores do Peru, não sendo perceptível no momento críticas a algum comportamento suspeito da seleção Argentina. Desse modo, Coutinho compartilha da opinião de Cavalheiro, acusando o Peru de entregar o jogo.

Em *Coutinho: Foi uma vergonha. O Peru entregou o jogo*²⁹⁰ o técnico é descrito como muito irritado, frustrado e emocionado com o resultado final do jogo, sendo também destacada forte declaração do técnico

A seleção peruana não perdeu uma simples partida de futebol. Perdeu muito mais do que isso. Perdeu o prestígio mundial, perdeu a vergonha. O povo peruano não deve estar satisfeito. E os jogadores peruanos não poderão no futuro entrar em campo e ouvir o hino do seu país de cabeça erguida. (O GLOBO, 1978, p. 36).

²⁸⁷ Argentina e Holanda decidem a Copa. O Globo, primeira página, 22 de junho de 1978.

²⁸⁸ Argentina goleia o Peru e disputa a final. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 32.

²⁸⁹ CBD protestará na FIFA contra a atuação do Peru. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 33.

²⁹⁰ Coutinho: Foi uma vergonha. O Peru entregou o jogo. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 36.

O único argumento apresentado contra a seleção Argentina foi o fato de disputarem a sua partida decisiva após o jogo do Brasil, o que poderia beneficiar os argentinos, mesmo Coutinho admitindo que o fato já era previsto no regulamento do campeonato mundial.

Em relação aos colunistas, Nélson Motta²⁹¹ entende a exibição do Peru como vergonhosa comédia ensaiada, e que os argentinos fariam quantos gols fossem necessários, mas que esperava alguma combatividade dos peruanos. Apesar das críticas, elogia a vitória do Brasil contra a Polônia e o fato da seleção estar invicta. Cláudio Mello e Souza²⁹² elogia a vitória do Brasil, mas não menciona a eliminação da seleção, pois é possível que a coluna tenha sido escrita antes do jogo entre Argentina e Peru.

Sérgio Noronha²⁹³, por sua vez, entende que a disputa do terceiro lugar é um lugar merecido para o Brasil, mesmo enfatizando que o regulamento favoreceu a Argentina, apesar de lembrar que o regulamento já era previsto desde antes do início do campeonato. No entanto, argumenta que o Brasil não conseguiu uma vitória expressiva ao enfrentar a fraca seleção peruana. Para Noronha, a seleção nunca jogou de fato como uma favorita ao título, mostrando no máximo uma exibição de disciplina e valentia, mas sem ousadia, esbarrando na inexperiência de Coutinho e equívocos na convocação.

O jornal também noticia a vitória do Brasil frente à Polônia, entendendo como uma vitória sofrida, principalmente pela atuação no primeiro tempo²⁹⁴, e ressalta a campanha invicta do Brasil ao mencionar a decisão do terceiro lugar contra a seleção italiana²⁹⁵.

Na Primeira Página da edição do dia 23, o jornal destaca o time que entrará em campo contra a Itália e os elogios de Heleno Nunes à campanha do Brasil no mundial²⁹⁶. No Caderno de Esportes, além de críticas dos brasileiros ao Peru e à preparação para a decisão do terceiro lugar, o jornal também repercute a fala dos jogadores peruanos diante da situação.

²⁹¹ MOTTA, Nélson. Cueca, polcas e perigon. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 33.

²⁹² SOUZA, Cláudio Mello e. Meio Campo. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 34.

²⁹³ NORONHA, Sérgio. Medida justa. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 35.

²⁹⁴ Brasil vence depois de sofrer pressão. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 35.

²⁹⁵ Brasil, invicto, decide o terceiro lugar. O Globo, Esportes, 22 de junho de 1978, p. 36.

²⁹⁶ Volta o time da vitória sobre o Peru. O Globo, primeira página, 23 de junho de 1978.

Em *Oblitas*: “*não entregamos o jogo*”²⁹⁷ apresenta a defesa das acusações feitas contra os jogadores. Oblitas lembra do jogo do Brasil contra o Zaire, em 1974, em que a seleção necessitava vencer por três a zero, e o terceiro gol foi fruto de uma falha do goleiro. Oblitas, em entrevista, critica as acusações de Coutinho

BUENOS AIRES - "Por favor, diga ao Coutinho que nem pense que entregamos o jogo para a Argentina. Ele me conhece bem e a quase todos nós. Trabalhou conosco no Peru. Somos passíveis de falhas como qualquer um. Jamais faríamos uma desonestidade. E vocês, brasileiros, nem calculam o quanto sofremos antes e depois do jogo. Ponho minha mão no fogo por meus companheiros e juro pelos meus filhos. (O GLOBO, 1978, p. 30).

O jogador peruano concedeu entrevista dentro do ônibus da delegação, sentado ao lado de Paco Morales Bermudez, filho do presidente do Peru, e afirma entender o pensamento da torcida brasileira, mas não a de Coutinho. Para ele, caso o Peru conseguisse segurar a Argentina e ajudar o Brasil a se classificar, os peruanos seriam acusados pelos argentinos de receberem dinheiro para desclassifica-los, entendendo como situação difícil. O atleta também comenta a partida, explica a tática escolhida e afirma que não teriam condições de vencer a Argentina.

O jornal descreve o incômodo do atleta ao ver a torcida argentina contar “Peru, Peru”, se recusando a conceder autógrafos, sentado abatido no fundo da poltrona. O jogador se queixa do inquérito que será aberto para investigar a derrota, desabafando sobre o fato de serem heróis e, depois, “venais”, afirmando que não permitirá que seu nome seja ridicularizado. Além disso, Oblitas afirma que receberam uma proposta de um brasileiro para que não perdessem o jogo para a Argentina, mas que a rasgaram e ignoraram tudo. O atleta também comenta as falhas da equipe, a difícil situação de Queiroga, pois se jogasse seria culpado, se não seria acusado de receber para não jogar, absolvendo o goleiro de qualquer culpa. Oblitas revela que pediram para ele não jogar, mas que o goleiro fez questão de entrar em campo.

Oblitas reclama do fato de ninguém acusar o juiz, que segundo ele, marcava muitas faltas a favor da Argentina, e que insistia em mostrar o relógio antes do quatro a zero. Em relação ao clima no estádio, o jogador Rojas afirmou que se o Peru perdesse por menos de quatro gols, não conseguiriam sair do estádio, e quando saíssem, iriam direto para ao avião, tudo devido à pressão da torcida. Por fim, Oblitas declara: “Por favor, repita

²⁹⁷ Oblitas: “*não entregamos o jogo*”. O Globo, Esportes, 23 de junho de 1978, p. 30.

isso aos brasileiros: não entregamos o jogo. Fizemos o que nossa consciência determinou. Foi uma derrota humilhante, mas não desonesta” (O GLOBO, 1978, p. 30).

Sobre Cubillas, o jornal afirma que o jogador está ferido pelas acusações desmoralizantes, sentindo muito mais as acusações do que o placar em si. Cubillas declarou

- A derrota foi humilhante, mas as acusações nos ferem muito mais. Ninguém sabe o que se passou exatamente antes do jogo, nem imaginou como se sentiria se estivesse em nossa situação. De nós dependiam dois países. Como deveríamos jogar para ficar acima de qualquer suspeita? Eu mesmo me interrogava: sou goleador da Copa do Mundo, devo jogar recuado ou nas mesmas características? Tinha que fazer o que fizera antes: jogar na frente, tentar o gol. (O GLOBO, 1978, p. 30).

A fala de Cubillas, além de explicar o dilema da equipe, faz uma breve declaração sobre algo que teria acontecido antes do jogo e interferido no desempenho dos atletas, sendo possível recordar a suposta visita de Videla ao vestiário peruano, mencionado no segundo capítulo²⁹⁸. Além disso, Cubillas também comenta o erro tático do Peru, que buscaram vencer a partida e deram espaço para a Argentina.

No entanto, em entrevista ao jornal, Coutinho se defende afirmando que não chamou os jogadores do Peru de desonestos, mas sim de desfibrados e autores de, talvez, da maior vergonha da história da Copa do Mundo²⁹⁹. Em outra página, uma fala de Coutinho afirma que o Brasil será o campeão moral e a Argentina a campeã imoral do campeonato, citando uma suposta trama. Já Reinaldo entende que o Brasil devia golear o Peru, mas não exime os peruanos de falta de esforço contra a Argentina³⁰⁰.

Nelson Motta³⁰¹, em sua coluna, faz um breve resumo da campanha da seleção, apontando para a evolução ao longo dos jogos. Para ele, apesar dos erros, a equipe foi capaz de oferecer emoções e a mais bonita demonstração de coragem, em ocasião do jogo contra a Polônia. Motta critica a seleção peruana, entendendo a sua partida como vergonhosa, além de elogiar Coutinho, que apesar dos momentos de fraqueza reformulou o time, ouvindo opiniões de cima e de baixo, uma referência a polêmica interferência de Nunes na equipe.

²⁹⁸ Ver p. 61

²⁹⁹ COUTINHO. O Globo, Esportes, 23 de junho de 1978, p. 32.

³⁰⁰ Oscar deseja vitória mas está triste; Para Reinaldo Brasil devia golear Peru. O Globo, Esportes, 23 de junho de 1978, p. 33.

³⁰¹ MOTTA, Nelson. A vida continua. O Globo, Esportes, 23 de junho de 1978, p. 34.

A edição também comenta sobre a repercussão da derrota peruana na Argentina e no Peru³⁰². Os jornais argentinos censuraram a declaração de Coutinho, de que a derrota foi uma vergonha para o futebol mundial, bem como enaltecerem a seleção argentina. Já as maiores críticas feitas ao Peru foram realizadas em Lima,

Ojo- “Esperávamos qualquer coisa, menos que a equipe peruana fizesse tanta vergonha perdendo daquela forma”.

La Prensa - “Goleada incrível. Pagina negra diante da Argentina. Os argentinos tinham que vencer contra tudo e contra todos, mas não imaginávamos que o Peru caísse tão desastrosamente”.

Correo - “Que vergonha! Que desastre! Ontem não houve em nossa seleção um pingo de vergonha nem um pouco de coragem para se despedir dignamente do Mundial”.

La Cronica “Nem a camisa era do Peru nem esse é o nosso futebol. Se destruiu violentamente, sem pena nem glória, todas as façanhas anteriores”. (O GLOBO, 1978, p. 31).

Embora os jornais peruanos tenham realizado fortes críticas à sua seleção, todas foram no âmbito futebolístico, segundo o apontado pelo *O Globo*, direcionadas apenas ao desempenho da equipe. Não foi apontando uma possível facilidade oferecida aos argentinos, tampouco algum acordo entre as seleções.

Na edição do dia 24, o jornal noticia a revolta da torcida peruana ao receber a seleção no aeroporto de Lima, ressaltando a cusparada sofrida pelo técnico Calderón e os gritos de “vendidos, vendidos”, enquanto arremessavam moedas nos atletas. O jornal também discorre sobre o goleiro Queiroga, apontado como o único poupado pela torcida, e a afirmação de toda a delegação de que a campanha do Peru foi melhor do que em 1970. Expressa o elogio e defesa de Calderon à equipe, bem como os passos seguintes da seleção: entrega do relatório solicitado a Calderon e a reunião entre a Federação e os jogadores, na próxima semana³⁰³.

O jornal também divulga a carta escrita por Queiroga, publicada no jornal argentino Clarin, em que defende os seus companheiros de seleção³⁰⁴

"Jogamos contra a Argentina com o mesmo amor com que o fizemos contra a Escócia, quando todos qualificaram o resultado da partida como proeza peruana. Mas o futebol é assim mesmo: aqueles que hoje nos aplaudem, amanhã estarão nos mal maldizendo. Todos falam agora da goleada sofrida pelo Peru. Mas ninguém se recorda mais das do México e da Áustria. Por isso é que eu quis escrever esta carta: por 11 peruanos que perderam uma partida, mas não a guerra". (O GLOBO, 1978, p. 30).

³⁰² REPERCUSSÃO. O Globo, Esportes, 23 de junho de 1978, p. 31.

³⁰³ PERU. Torcida se revolta na chegada do time. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 30.

³⁰⁴ Queiroga defende em carta o time peruano. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 30.

Levando em consideração o fato de não ser possível saber se *O Globo* publicou a carta completa ou apenas um trecho, nas linhas em questão, Queiroga desabafa sobre as fortes críticas sofridas pela equipe devido a uma derrota, se lamentando que todos se esqueceram dos feitos do passado. Através das palavras escolhidas pelo goleiro, nota-se a ausência de um desabafo sobre alguma pressão causada pelas autoridades argentinas e queixas sobre a arbitragem, buscando apenas defender seus companheiros de acusações.

Ainda é divulgada a resposta de Menotti às acusações de Coutinho³⁰⁵. Sem ofender e usar termos agressivos, segundo o jornal, Menotti rebateu as acusações de Coutinho sobre a vitória argentina e analisou a campanha do Brasil. Para ele, o Brasil não foi ofensivo como de costume e, por consequência, marcou menos gols que a Argentina. Menotti resume: Coutinho utilizou dois atacantes, quando ele usou cinco. Sobre o polêmico resultado

Isso é coisa do Coutinho. Foi uma surpresa para mim esta reação. Pensei que sabia perder, mas vou provar que isto não passa de uma leviandade. O Brasil jogou contra o Peru usando somente dois atacantes, marcando apenas três gols e perdendo outros seis. Não venceu de goleada porque não quis. O torcedor brasileiro, a quem prezo muito porque foi no Brasil onde passei os melhores momentos de minha carreira (jogou no Santos e no Juventus de São Paulo), está sendo ludibriado. (O GLOBO, 1978, p. 31).

De fato, os argumentos de Menotti são mais sólidos que os conspiracionistas utilizados pela delegação brasileira. O Brasil foi eliminado por sua falta de ofensividade e baixo número de gols, e a culpa da derrota recaiu sobre o Peru, que não foi capaz de segurar uma avassaladora Argentina.

Ainda no Caderno de Esportes, o jornal notícia que a *FIFA fará advertência a Coutinho*³⁰⁶ devido às suas declarações sobre o jogo entre Argentina e Peru, e também *As ameaças à família do técnico*³⁰⁷, sobre uma suposta agressão de seu filho por companheiros no colégio e uma ameaça de agressão a sua mulher na Faculdade de Comunicação. Além disso, é disponibilizada uma extensa fala de Orlando Fantoni, que critica os comentários acusatórios contra o Peru, e aponta para a falta de coragem ofensiva do Brasil, como a causa da eliminação da seleção³⁰⁸.

³⁰⁵ Uma resposta para Coutinho. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 31.

³⁰⁶ FIFA fará advertência a Coutinho. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 33.

³⁰⁷ As ameaças à família do técnico. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 33.

³⁰⁸ Aspas de Orlando Fantoni. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 33.

O jornal ainda destaca o desejo da CBD em alterar o regulamento da Copa³⁰⁹ e que o objetivo do Brasil é deixar a Copa invicto³¹⁰. Já em relação aos colunistas, mais comentários pertinentes sobre a campanha brasileira foram realizados.

Cláudio Melo e Souza³¹¹ escreve em sua coluna *Coutinho de Cabeça Erguida* que embora eliminado, a seleção deu um passo à frente em termos táticos, pontuando a dificuldade de se aplicar um futebol moderno. No texto *Um papel higiênico* entende que o Brasil poderia ter vencido a Argentina se fosse mais ousado, voltando a criticar o Peru, utilizando os termos covardia moral e física dos peruanos. Em *Um time sem camisa* acusa o Peru de entregar o jogo para a Argentina, mesmo sabendo que naturalmente perderia o jogo.

Souza tece mais críticas em relação ao regulamento em *Peru A vitória de Havelange*, ironizando o fato de Havelange ser brasileiro e ter agido com parcialidade, favorecendo a Argentina por não permitir a troca de horários da partida, mas sem mencionar o fato de os horários já estarem acordados antes do início do campeonato. Critica o Peru ao afirmar que, mesmo os jogos sendo no mesmo horário, os peruanos permitiriam a Argentina marcar quantos gols fossem necessários. Por fim, em *A FIFA sem lógica*, volta a criticar Havelange por ter declarado que a então atual Copa do Mundo foi a melhor que viu em toda sua vida.

Já Sérgio Noronha³¹² reproduz a opinião de Heleno Nunes, de que o Brasil deva olhar primeiramente os seus feitos e virtudes e depois olhar para as outras equipes. Para Noronha, o terceiro lugar não é uma posição vergonhosa, de mesma forma que uma eventual derrota para a Itália também não. Para ele, embora consciente dos erros, o Brasil teve um desempenho dentro das possibilidades, e pontua que nenhuma seleção está à frente do Brasil, entendendo a atual Copa como uma das mais fracas que já viu. Por fim, reprova as agressões sofridas pelos familiares de Coutinho.

Nelson Motta³¹³ comenta sobre a expectativa de título da torcida argentina, acreditando ser possível, mais pelo entusiasmo do que pela própria qualidade técnica da equipe. Ironiza também o trabalho de um programa argentino de tentar, em suas palavras,

³⁰⁹ CBD quer reformular o regulamento da Copa. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 33.

³¹⁰ Deixa a Copa invicto, objetivo do Brasil. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 33.

³¹¹ SOUZA, Cláudio Melo. Meio Campo. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 32.

³¹² NORONHA, Sérgio. Campo Neutro. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 33.

³¹³ MOTTA, Nelson. Os anfitriões e os invictos. O Globo, Esportes, 24 de junho de 1978, p. 34.

livrar a cara dos peruanos, com uma longa apresentação sobre as belezas e as glórias do Peru e do seu povo. Por fim, Motta também demonstra a sua indignação com as agressões sofridas pelos familiares de Cláudio Coutinho.

Em destaque na Primeira Página, da edição do dia 25, o anúncio da vitória da seleção brasileira por 2 a 1 contra a Itália, ressaltando a conquista do terceiro lugar de forma invicta³¹⁴. Ao lado do Caderno de Esportes, são expressas as opiniões dos jogadores brasileiros a respeito do favorito para a conquista do título mundial³¹⁵. Sem demonstrar nenhum tipo de ressentimento, a opinião geral da delegação é de vitória argentina: alguns admitem torcer para a seleção albiceleste, como é o caso de Heleno Nunes.

Em outra página do Caderno de Esportes, Heleno Nunes explica os motivos de sua torcida para a Argentina: “A Argentina merece nossa torcida e nosso agradecimento. Recebeu delegações de 15 países com carinho, respeito e total atenção. Tenho uma maneira de retribuir tudo isso: com incentivo para que seja campeã. E acredito que será” (O GLOBO, 1978, p. 37).

Dirceu justifica seu apoio à Argentina, para que o título fique na América do Sul. Os outros membros como Jorge Mendonça, Oscar, Toninho, Roberto Dinamite, e o médico Mário Travaglini apostam que a Argentina será a campeã, sem afirmar para quem torcerão. O mesmo para o técnico Cláudio Coutinho, que apesar de achar a Holanda melhor, acredita que a Argentina é a favorita por jogar em casa. Por fim, o goleiro Leão também concorda com a vitória argentina, mas afirma querer a Holanda campeã.

O jornal entende que a atuação do Brasil repetiu vários problemas, mas que em apenas trinta minutos de futebol foi o suficiente para vencer a Itália³¹⁶. Os atletas demonstraram satisfação com a conquista do terceiro lugar, apesar do sentimento de injustiça devido à derrota peruana³¹⁷.

Toninho Cerezo, por sua vez, comenta: “Acredito que o resultado da Copa do Mundo foi bom. Nós deveríamos ser campeões. Mas aproveito para sugerir uma coisa:

³¹⁴ Com 2 a 1, Brasil é terceiro e invicto. O Globo, primeira página, 25 de junho de 1978.

³¹⁵ Opiniões. Para os brasileiros, a Argentina será campeã. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 36.

³¹⁶ A Vitória com trinta minutos de bom futebol. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 38.

³¹⁷ Opiniões. Missão Cumprida. Opiniões. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 37.

por que não diminuem o número de jogos do Campeonato Brasileiro para a seleção ter mais tempo para se preparar?” (O GLOBO, 1978, p. 37).

Além de demonstrar contentamento sobre a participação do Brasil, Cerezo faz uma sugestão: a reformulação do Campeonato Brasileiro, diminuindo o número de equipes. O desejo não era apenas do atleta, mas do próprio Cláudio Coutinho, o que facilitaria para a maior possibilidade de treinamentos da seleção. No entanto, como se sabe, a reformulação não aconteceu. Pelo contrário, o número de participantes aumentou no ano seguinte.

O jornal, então, destaca a possibilidade de Coutinho se tornar técnico permanente da seleção, projeto de Heleno Nunes para a seleção brasileira³¹⁸. Em caso de reeleição de Nunes para o cargo, um dos seus objetivos era de manter Coutinho como técnico permanente, visando a Copa de 1982.

Além de confiança, Nunes demonstrou satisfação com a campanha, e considerando como boa a produção da seleção, aumentou o prêmio dos jogadores de Cr\$ 200 mil para Cr\$ 500 mil, dividido em Cr\$ 200 mil pela classificação na primeira fase, Cr\$ 200 mil pela segunda e Cr\$ 100 mil pela conquista do terceiro lugar. Em caso de título, o prêmio seria de Cr\$ 1 milhão, segundo o jornal³¹⁹.

Não apenas Nunes demonstrou contentamento, como também Cláudio Coutinho. Em entrevista coletiva, Coutinho afirma estar satisfeito com a campanha invicta da seleção, mesmo não alcançando a final. Acredita que o Brasil está no caminho certo, em busca das novas exigências do futebol, como o esforço, dedicação e preparo físico, não dependendo apenas do talento individual. Conclui que Argentina e Holanda mereceram disputar a final, assim como o Brasil também mereceria e também teria condições de vencer o campeonato³²⁰.

Em relação aos colunistas, Nelson Motta em *Os invictos e os despeitados*³²¹, de forma irônica e bem humorada, defendeu a torcida para a seleção holandesa e considerou como fraca a partida entre Brasil e Itália. Motta estranha a expressão “alegria controlada”

³¹⁸ Os planos da CBD para a seleção permanente; Coutinho cotado para técnico permanente. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 37 e 40.

³¹⁹ Prêmio é de Cr\$ 500 mil. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 38.

³²⁰ Coutinho. O novo futebol do Brasil. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 40.

³²¹ MOTTA, Nelson. Os invictos e os despeitados. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 38.

utilizada por Coutinho para descrever o clima dos jogadores após o jogo, questionando se uma verdadeira e justa alegria poderia ser controlada.

Sérgio Noronha, por sua vez, escreve em *O Sabão no vestiário*³²² sobre o primeiro tempo ruim da seleção, creditando a melhora no segundo ao técnico Coutinho, que possivelmente pediu aos jogadores no intervalo que jogassem um segundo tempo digno de uma despedida de Copa e uma conquista de terceiro lugar. Noronha elogia o segundo tempo do Brasil e finaliza comentando sobre a final, ressaltando a confiança dos argentinos, lembrando das coisas imprevisíveis do futebol, e afirma que a disputa é entre o time mais impetuoso contra o mais alegre, desejando que proporcionem um bom jogo, o que faltou no mundial.

Na edição do dia 26, o destaque na Primeira Página é para a vitória da Argentina, com uma grande imagem de Videla passando a taça a Passarela, ao lado de outra imagem de um jogador argentino comemorando um dos gols³²³. Na primeira página do Caderno de Esportes, na seção humorística, são exibidos textos humorados e irônicos sobre o desempenho da seleção peruana contra a Argentina, reforçando a ideia de que entregaram o jogo³²⁴.

Na seção sobre a seleção, o destaque é para a opinião de Coutinho sobre a vitória argentina, que para ele foi justa, elogiando o desempenho dos vencedores³²⁵. Opinião oposta dos jogadores, que admitem o merecimento de título argentino pelo seu desempenho na final, mas que não tiveram uma boa performance ao longo do mundial, sendo por vezes apontadas certas facilidades para os donos da casa, como a proporcionada pelo Peru³²⁶. Além disso, o jornal informa a tentativa frustrada da delegação de ir ao jantar das equipes classificadas, no Hotel Plaza, mas devido à multidão de argentinos que comemoravam o título e provocavam os brasileiros com gritos de “macaco”, foi decidido que a delegação não iria comparecer por falta de segurança.

O jornal também divulga o telegrama protocolar enviado por Ernesto Geisel à Seleção, em que felicita pelo terceiro lugar conquistado de forma invicta³²⁷ “Felicitamos

³²² NORONHA, Sérgio. O sabão no vestiário. O Globo, Esportes, 25 de junho de 1978, p. 39.

³²³ Argentina campeã na prorrogação. O Globo, primeira página, 26 de junho de 1978.

³²⁴ Brasil campeão mundial moral! O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 23.

³²⁵ Coutinho acha justa a vitória da Argentina. O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 28.

³²⁶ Jogadores do Brasil acham que Argentina não merecia o título. O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 28.

³²⁷ Telegrama de Geisel. O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 28.

nossa invicta seleção, envio a todos o meu abraço pelo resultado alcançando no XI Campeonato Mundial de Futebol, junto aos melhores votos de uma feliz viagem de regresso à Pátria” (O GLOBO, 1978, p. 28).

Na última página do Caderno de Esportes, em destaque, a notícia sobre o regresso dos jogadores ao Brasil demonstra a preocupação dos atletas com a recepção dos torcedores, mas acreditando que serão bem recebidos pois entendem que fizeram uma boa Copa do Mundo. Coutinho, então, afirma que o Brasil perdeu o título ao não vencer a Argentina em Rosário, buscando não mais responsabilizar a seleção peruana pela eliminação do Brasil³²⁸.

Em relação aos colunistas, Néelson Motta escreve de forma emocionante sobre o título argentino e a alegria que a vitória causou nos torcedores, apontando que pode ser visto como um reencontro entre a Argentina e seu povo³²⁹. De igual maneira, Sérgio Noronha³³⁰ comenta os lances da partida e destaca a emoção do título, a união para que a vitória fosse de um time sul-americano, além de se sentir como um “azul e branco”.

Para ele “O time ganhou porque foi o povo. Pensou sempre em vencer, em toda a competição, e bem merece beber o saboroso vinho argentino da vitória” (NORONHA, 1978, p. 31). Em ambos os casos, o título e a emoção dos jogadores e torcedores são destacados, bem como a organização e recepção dos argentinos são elogiados, sem menções às supostas facilidades para a Argentina ou algum ressentimento pela eliminação brasileira.

Na Primeira Página do dia 27, em um pequeno texto sobre a chegada da seleção ao Brasil, acompanhada de grande imagem dos atletas no Rio de Janeiro, em *Seleção é bem recebida*³³¹ afirma que a cada parada da seleção para desembarque foram realizadas recepções positivas dos torcedores. Além disso, a notícia cita a fala de Heleno Nunes e Coutinho sobre a Copa. Para Nunes a derrota na Copa foi devido à inexperiência da equipe, e Coutinho considerou a vitória argentina como uma vitória sul-americana, embora afirmou que o Brasil foi o campeão moral.

No Caderno de Esportes, o jornal escreve sobre as últimas horas da seleção na Argentina, em que Coutinho demonstra seu sentimento de frustração por não ter

³²⁸ Hoje o regresso da seleção brasileira. O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 32.

³²⁹ MOTTA, Néelson. O sonho e o sangue. O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 29.

³³⁰ NORONHA, Sérgio. Suor e vinho. O Globo, Esportes, 26 de junho de 1978, p. 31.

³³¹ Seleção é bem recebida. O Globo, primeira página, 27 de junho de 1978.

conquistado o título³³²; descreve o desembarque da seleção no Rio de Janeiro, que contou com a presença de mais de 1.500 torcedores, além de forte esquema de segurança³³³, de igual maneira em Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo, que contou com mais de 2000 torcedores³³⁴.

Na última página do Caderno de Esportes *Zico se diz decepcionado, mas sem mágoa*³³⁵, o atleta declarou não haver nenhuma mágoa com o técnico Coutinho, no entanto, em *Pai de Zico faz críticas ao técnico*³³⁶ aponta para a opinião contrária de seu pai, afirmando que Zico seria responsabilizado por uma eliminação ainda na primeira fase. Além disso, se mostrou descontente com a atuação de Coutinho, entendendo que o técnico, mesmo sabendo das capacidades de Zico, não o manteve no time por não aguentar as pressões externas, acrescentando que “acompanho o futebol de 1918, quando não havia envolvimento político na seleção. Hoje todo mundo manda. Até o técnico” (O GLOBO, 1978, p. 30).

Na mesma página *Coutinho decidirá após as férias se voltará à seleção*³³⁷ afirma que o técnico se surpreendeu com a recepção, indicando que houve uma evolução no modo dos torcedores em entender o futebol. Coutinho demonstrou estar satisfeito com o desempenho da seleção, mas que não sabe se continuará comandando a equipe, reforçando que o título argentino foi a vitória do sul-americano, mas que o Brasil foi o campeão moral do mundial.

Por sua vez, *Heleno Nunes atribui a perda da Copa à inexperiência*³³⁸ além de acreditar que o Brasil foi impedido de chegar ao título devido ao regulamento, entendendo que a participação do Brasil não foi ruim. Já Coutinho, em sua fala, admite satisfação com a participação da seleção e acredita que o Brasil está no caminho certo para uma mudança de mentalidade. Mário Travaglini também acredita que o trabalho foi ótimo, ficando entre os melhores e que não alcançou a final devido ao regulamento.

Admildo Chirol aponta para as contusões de vários jogadores que prejudicaram a seleção, mas que ainda assim a participação foi positiva, indicando que o terceiro lugar

³³² As últimas horas da seleção na Argentina. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 29.

³³³ Avião chega sete minutos antes. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 29.

³³⁴ Porto Alegre. Batista: Temos a base para 82; Belo Horizonte. Carnaval para Reinaldo e Cerezo; São Paulo. Multidão rompe segurança e invade o Aeroporto. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 30.

³³⁵ Zico se diz decepcionado, mas sem mágoa. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 30.

³³⁶ Pai de Zico faz críticas ao técnico. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 30.

³³⁷ Coutinho decidirá após as férias se voltará à seleção. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 30.

³³⁸ Heleno Nunes atribui a perda da Copa à inexperiência. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 30.

não tem influência negativa no futebol brasileiro, ressaltando que o Brasil atuou segundo padrões-modernos. Já André Richer prefere não comentar sobre o mundial, se limitando apenas a comentar as boas expectativas para a Copa do Mundo de 1982.

Sobre os colunistas, Cláudio Mello e Souza³³⁹ comenta sobre a final e alguns jogadores na fase final, como o goleiro Leão, o holandês Rensenbrink e o grande craque da Copa, Kempes. Além disso, também compara as seleções do Brasil e Argentina, apontando o diferencial dos argentinos para a conquista do título, como o temperamento e a ordem tática que sobrou para Menotti e faltou para Coutinho, bem como a melhor condição física e técnica dos atacantes argentinos.

Também crítica a passividade da CBD e do representante legal ou técnico, por não ter tomado providências em relação ao campo do Estádio de Mar del Plata, às leis e ao regulamento da FIFA para o campeonato, além de ter aceitado viajar muito. “O Brasil quis dar uma de bom moço e por causa disso cometeu um ou vários erros imperdoáveis. Como diz meu amigo Caban, a Copa se joga no campo, mas se ganha fora do campo” (SOUZA, 1978, p. 28).

Para Souza, a passividade do Brasil, mediante aos problemas extracampo, prejudicou a busca pelo título, apontando para a importância da participação nos bastidores. Por fim, entende que faltou aplicação, combate e garra aos jogadores brasileiros, fatores que impulsionaram a Argentina.

Nelson Motta³⁴⁰ comenta os festejos dos argentinos, condenando apenas o racismo contra os brasileiros. Destaca também, a preferência dos torcedores em cantar as suas músicas populares de apoio de forma espontânea, não obedecendo por completo ao comportamento oficial estipulado pelo governo, que até criou uma marchinha do mundial para ser cantada, mas apenas algumas vezes foi ouvida.

Dessa forma, é perceptível em ambos os jornais a indignação inicial com a seleção peruana, acusada de facilitar o jogo para a Argentina. No entanto, com o passar dos dias, principalmente no *Jornal do Brasil*, notou-se uma maior racionalidade ao analisar a campanha brasileira, buscando compreender quais foram os equívocos interno da CBD e

³³⁹ SOUZA, Cláudio Mello e. Meio Campo. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 28.

³⁴⁰ MOTTA, Néilson. Adiós y Gracias. O Globo, Esportes, 27 de junho de 1978, p. 29.

da própria estrutura do futebol brasileiro, que culminaram na desclassificação do Brasil, sem conseguir alcançar a final.

CONCLUSÃO

Antes de 1964, a CBD já havia utilizado métodos baseados na disciplina, como o *Plano Paulo Machado de Carvalho*, presente nos dois primeiros títulos mundiais. Com o início da ditadura militar, os militares se aproximaram do futebol e da seleção, principalmente após do fracasso na Copa de 1966.

Para não repetir o fracasso de 1966 e vencer a Copa de 1970, os militares desenvolveram o *Planejamento México*, em que profissionais oriundos da EsEFEx planejaram a preparação dos atletas, junto à participação de militares em funções administrativas na delegação e CBD. Mesmo que a intervenção dos militares ocorresse de forma direta na preparação física dos jogadores, a propaganda e a utilização do ufanismo foram exaustivamente trabalhadas, buscando ligar os feitos dos jogadores ao governo.

No entanto, não foi na campanha da Copa do México o momento único ou de maior relação dos militares com a seleção. Para a disputada da Copa de 1974, na Alemanha, a fórmula foi mantida, mas sem o mesmo brilhantismo do elenco de 1970. Com a quarta posição no campeonato, a imprensa passa a questionar os conceitos militarizados utilizados pela CBD, entendendo como a responsável pela não apresentação do futebol arte.

Para os militares, o resultado decepcionante em 1974 foi consequência da má gestão da CBD, ainda presidida por João Havelange, que pouco tempo antes havia vencido a eleição para presidente da FIFA. Para resolver o problema, foi necessária uma intervenção direta na entidade, com o Almirante Heleno Nunes o escolhido para o cargo. Foi esse o momento em que a Ditadura implanta os princípios da Doutrina de Segurança Nacional no futebol brasileiro. Em relação à seleção, os princípios foram perceptíveis no ciclo para a Copa de 1978.

Durante a era Brandão, percebeu-se o início do desgaste do ufanismo, aumento dos questionamentos a respeito dos gastos da CBD, bem como críticas a situações autoritárias da instituição, como jogadores barrados por falta de “espírito de seleção”. Havia também a tese de que Brandão foi escolhido como técnico por ser mais fácil de receber “ordens de cima”, cedendo a pressões para que o técnico convocasse jogadores de equipes populares, considerados grandes contingentes eleitorais, para beneficiar

dirigentes destes clubes, que visavam cargos políticos. No entanto, Brandão foi considerado como o maior responsável pelos resultados ruins da equipe.

Com a queda de Brandão, o indicado para o comando técnico da seleção foi outro militar: Capitão Claudio Coutinho. Inicialmente, o fato de ser Capitão do exército não entrou em evidencia nos jornais pesquisados. Entendiam Coutinho como um técnico estudioso, capaz de implantar na seleção os métodos mais modernos de treinamento e estilo de jogo. No início da campanha das eliminatórias, havia grande expectativa no trabalho do técnico.

Nesse sentido, ao analisar a trajetória da seleção nas Eliminatórias, identificou-se alterações nos argumentos, de acordo com o desempenho da equipe. Com as vitórias e bom desempenho, percebe-se uma seleção no caminho certo em busca do futebol moderno, que reúne qualidade tática, técnica e física, principalmente na primeira fase das Eliminatórias.

No entanto, na segunda fase com o mau desempenho, apesar de vitórias, percebe-se críticas que vão além do campo, atingido a CBD e a sua cúpula devido aos altos custos e mordomia de seus integrantes. Além disso, a estrutura do futebol brasileiro era vista como prejudicial ao trabalho do técnico.

Ao final do torneio *O Globo* manteve maior expectativa no técnico e na seleção, acreditando que a equipe estivesse no caminho certo para a disputa do Mundial, embora pontuasse os problemas oriundos da estrutura do futebol brasileiro e da própria CBD. Já o *JB*, apesar de manter certa expectativa no trabalho do técnico, entende que ainda existia muito a ser melhorado.

Ao se aproximar do mundial, nota-se um pessimismo da imprensa (Revista Placar e Jornal do Brasil) em relação ao desempenho da seleção, pois cada vez mais a rigidez tática se sobressaia ao futebol arte. Rigidez que se estendeu ao regulamento da CBD, a exemplo da proibição aos jogadores de criticar a seleção, gerando atrito com o jogador Reinaldo devido às suas polêmicas entrevistas e posicionamento político.

Dessa forma, a Copa de 1978 foi um dos mais polêmicos mundiais da história, marcado por interesses políticos não apenas do governo argentino, mas também brasileiro. Por um lado, havia o interesse e disputa política entre a ditadura argentina e sua oposição. Por outro, o jogo de interesses do governo brasileiro e de dirigentes não

apenas com a seleção, mas com toda a estrutura do futebol brasileiro, tornando o ciclo mundial de 1978 o momento em que a seleção experimentou a maior fase de militarização, sendo boa parte dos cargos da CBD ocupados por militares. Isso tudo em um contexto de conturbada relação política entre Brasil e Argentina, apesar da cooperação militar entre os dois países. Além disso, o mundial foi marcado pelo polêmico Argentina 6 x 0 Peru, que definiu a eliminação do Brasil, gerando acusações às duas seleções.

É possível concluir que as visões de ambos os jornais a respeito da campanha do Brasil no mundial se dividem em três eixos, sendo eles, a discordância ou desconfiança em relação ao modelo tático de jogo adotado por Claudio Coutinho; a atuação de dirigentes, dentre eles os militares, na administração da CBD; e a própria estrutura do futebol brasileiro, que era utilizado politicamente.

É verdade que houveram outros momentos da história política brasileira em que o governo se aproximou do futebol em busca de algum objetivo, a exemplo dos governos Vargas. Tais aproximações eram refletidas pelos números elevados de membros ou apoiadores do governo dentro da entidade de organização do futebol, e que também não passaram batidos pela imprensa, que muitas vezes atuou de forma crítica ou auxiliando o governo. Nesse sentido, durante quase todo o período da ditadura-civil militar, especificamente em 1978, tal aproximação também ocorreu, mas com mecanismo e objetivos distintos.

Em relação ao primeiro ponto, a escolha de Claudio Coutinho como técnico da seleção foi motivada por seu perfil modernizador, estudioso do futebol e atualizado com as inovações técnicas e táticas. Foi perceptível em ambos os jornais o contentamento inicial com a escolha de Coutinho para comandar a equipe, pois apesar de pouca experiência, era visto como o nome capaz de unir a questão tática, física e técnica tão almejada pelo Brasil.

No entanto, desde as eliminatórias já era perceptível a dificuldade para se alcançar o resultado. Inicialmente Coutinho não era responsabilizado pelo insucesso do método, e nem o próprio método era visto como algo pautado na rigidez militar e oposto à naturalidade do jogador brasileiro. Como dito, Coutinho era visto como aquele que mudaria não apenas o modo de jogar da seleção, mas o futebol brasileiro e o próprio jogador brasileiro.

Com a aproximação da estreia do Brasil no mundial, apesar do fraco desempenho nos amistosos disputados antes do início do torneio, ainda havia a confiança no trabalho do técnico, desde que utilizasse um modelo ofensivo. Entretanto, com o empate por 1 a 1 na estreia contra a Suécia e por 0 a 0 contra a Espanha, na segunda rodada, a pressão em cima do técnico aumentou. O descontentamento com modelo de jogo do técnico era visível, pois os jornais entendiam estar mais pautado na disciplina tática e na defesa do que na ofensividade, como era a preferência dos mesmos.

Apesar da vitória contra a Áustria por 1 a 0, que garantiu a classificação para a segunda fase do campeonato, havia o sentimento de que a equipe necessitava melhorar, mas que estaria no caminho certo. A vitória por 3 a 0 contra o Peru, na segunda fase, representou o melhor momento da equipe na competição, e ambos os jornais pareciam reforçar a confiança no título da seleção, embora entendessem ser necessário alguns reparos.

No jogo seguinte contra a Argentina, o sentimento era de que seria uma partida difícil, sendo apontado leve vantagem para o Brasil na questão técnica, mas compensado pelo fato dos argentinos serem os mandantes. A partida terminou com um novo empate, por 0 a 0, com o desempenho do Brasil elogiado, mas acreditando que faltou ofensividade.

Na última rodada, a grande polêmica do mundial, o Brasil jogando mais cedo que a Argentina, venceu a Polônia pelo placar de 3 a 1, obrigando a Argentina vencer o Peru por pelo menos 4 gols de diferença para que pudesse se classificar. A Argentina vence o Peru pelo placar de 6 a 0, elimina o Brasil, e se classifica para a grande final, vencendo a Holanda por 3 a 1.

Com a eliminação, notou-se num primeiro momento as acusações à seleção peruana por parte dos atletas e dos jornais analisados, acreditando que os peruanos haviam facilitado o jogo para a Argentina, mas sem menções a acordos entre governos ou de algum movimento por parte dos argentinos. No entanto, nas edições seguintes à partida, passada a emoção da eliminação, foi evidente o número de matérias, notícias, reportagens e colunas que apontavam para o próprio demérito do Brasil, considerando a eliminação pelo saldo de gols como um sintoma de todo mundial: a falta de gols do Brasil, causado pelo modo de jogo defensivo da equipe.

Apesar de ainda ser perceptível certo ressentimento contra os peruanos, o entendimento de que a seleção brasileira foi responsável pela sua própria eliminação,

faltando tudo o que havia na Argentina: garra e vontade de vencer, não se preocupando em defender após marcar um gol, sempre buscando ampliar o placar.

A Argentina, jogando em casa, apoiada pela sua inflamada torcida, necessitando vencer para jogar a final e tentar conquistar o seu primeiro mundial, marcaria quantos gols fossem necessários. Como apontado nos jornais, o Brasil pecou em não vencer a Polônia por um placar mais elástico, de modo a pressionar e dificultar ainda mais a tarefa para os argentinos.

Na disputa do terceiro lugar, o Brasil venceu a Itália por 2 a 1 e conquistou o terceiro lugar, que Coutinho chamou de “campeão moral”. Conclui-se, portanto, que no âmbito futebolístico houve uma discordância por parte dos jornais, principalmente do Jornal do Brasil, com o método defensivo utilizado, sendo esse um dos responsabilizados pela derrota brasileira.

É importante pontuar que nesse primeiro momento levou-se em consideração apenas discussões futebolísticas, referente a um modelo pautado na disciplina, organização tática e inibição da individualidade brasileira, que poderia ocorrer em qualquer momento histórico ou conduzido por civis. No entanto, durante a ditadura civil-militar houve algumas especificidades na relação governo-seleção que extrapola o campo, como mencionado, o que leva ao segundo ponto: a administração da CBD.

Dessa forma, ao analisar a campanha da seleção brasileira, percebeu-se a forma em que aproximação entre os militares e a CBD ocorreu, sendo esse mecanismo de funcionamento, segundo os jornais, mais um responsável pela derrota brasileira.

Como já mencionado, as escolhas táticas a serem utilizadas dentro de campo não são, necessariamente, determinadas por algum governo. Mas quando tais escolhas se estendem para regras e modelos de comportamento para fora do campo, é possível perceber uma atuação de governo. Nesse sentido, vencer a Copa de 1978 representava para os militares o triunfo do jogador-soldado, e para isso era fundamental a presença de militares do governo na administração da CBD e da seleção.

Como mencionado, o modelo adotado por Coutinho era apoiado pelo Almirante Heleno Nunes e pela própria CBD. Tanto os jornais pesquisados quanto Coutinho, Nunes e CBD buscavam a transformação do jogador brasileiro. No entanto, ambos tinham visões distintas do que seria o tal novo jogador. Para os jornais, era o atleta com capacidade

tática desenvolvida, capaz de realizar diversas funções em campo e entender as ideias do técnico, contudo sem abrir mão de sua capacidade individual e de improviso, características do jogador brasileiro.

Tal pensamento era compartilhado por Coutinho, mas o que se viu na prática foi o jogador-soldado, ordenado a cumprir ordens táticas em campo, sem utilizar a sua individualidade e improviso, inclusive seguindo conduta disciplinada fora de campo, características vistas como positivas pelo presidente da CBD, por exemplo. Nesse sentido, os jornais – principalmente o *JB* – entendiam o “jogador-soldado” como uma consequência da administração da CBD e de Heleno Nunes, apontado como interventor na seleção, exigindo modificações na equipe. Para os jornais, toda a estrutura da seleção seguia a hierarquia militar, onde o Almirante (Heleno Nunes) mandava e o Capitão (Claudio Coutinho) obedecia.

Portanto, o desempenho da equipe representaria o modelo militar, e criticar o desempenho da mesma, que de fato estava abaixo da expectativa, era criticar o próprio modelo. Tanto no aspecto da política nacional, quanto no futebol da seleção, o insucesso era causado pela falta de liberdade. Percebeu-se, portanto, principalmente com os colonistas Nelson Motta e João Saldanha, que a discussão sobre o momento político do país não estava deslocada da discussão sobre a administração da CBD, pois grande parte de seus dirigentes eram militares.

Como visto, as escolhas de Coutinho, ou as escolhas que lhe foram impostas, foram criticadas, devido ao baixo desempenho da seleção. Além de tirar a liberdade natural do jogador brasileiro, fora de campo tais escolhas eram vistas de forma autoritária. Como consequência havia uma imagem da existência de conflitos entre os jogadores e a comissão técnica, transmitida principalmente pelo *JB*. Mesmo sem a certeza de tais acontecimentos, foi perceptível o desagrado do jornal com tal modelo, que indicava um clima conflituoso e de desentendimento entre jogadores e comissão técnica.

Além do incômodo com o modelo adotado, os gastos da CBD foram pauta nas páginas dos jornais em vários momentos, até mesmo após resultados positivos da seleção. O principal personagem foi o presidente Heleno Nunes, procurado várias vezes para dar explicações sobre o número excessivo de convidados para acompanhar a seleção na Argentina, com todos os gastos pagos pela CBD.

E, ao discutirem tal fato, percebeu-se aí o jogo de interesse na seleção: muitos convidados eram dirigentes de clubes e que, segundo as colunas e matérias dos jornais, buscavam alavancar a sua carreira política se apoiando no futebol. É importante mencionar que entre os convidados, haviam tanto militares quanto civis. No entanto, aqueles que viajaram na função de secretários de Nunes eram todos militares.

Como apontado pelos jornais, tal estrutura luxuosa para receber os convidados da CBD na Argentina foi custeada pela entidade. Nesse sentido, o interesse por trás desse custo leva ao terceiro ponto: muito além da seleção e da Copa do Mundo, boa parte da estrutura do futebol brasileiro foi utilizada politicamente, o que foi visto pelos jornais como um outro elemento responsável pela derrota brasileira na Copa de 1978.

A estrutura do futebol brasileiro se traduzia no excessivo número de jogos do campeonato nacional, que prejudicava a seleção brasileira. O Campeonato Brasileiro passou a receber, ao longo dos anos 1970, cada vez mais participantes, sendo 62 clubes em 1977, 74 em 1978 e 94 em 1979. Como mencionado, clubes de localidades onde a Arena não estava bem politicamente eram inseridos no campeonato para tentar alavancar o partido, o famoso “onde o Arena está mal, mais um time no nacional”.

Não apenas isso, mas dirigentes de clubes também buscavam inserir sua equipe no campeonato nacional para se promover politicamente, pois ao capitalizar um possível sucesso de sua equipe, poderiam se popularizar na cidade ou região sede do clube, assim criando as condições para pleitear uma vaga em algum cargo político.

Mas qual o reflexo no mundial? Segundo os jornais, o campeonato inchado e com excessivo número de jogos impedia que os clubes tivessem tempo e investimento para cuidar dos jogadores das divisões de base, prejudicando o surgimento de novos craques, que estava em defasagem desde a geração da Copa de 1970.

Além disso, o alto número de jogos desgastava os jogadores, prejudicando sua forma física, o que explica o número de jogadores lesionados durante o mundial. Por fim, a estrutura do “onde o Arena vai mal, mais um time no nacional” dificultava a existência de um calendário disponível, para que os jogadores da seleção se reunissem para treinamentos e jogos amistosos, dificultado o entrosamento entre os atletas e impossibilitando que as ideias táticas do técnico fossem bem treinadas. Assim, os jornais apontaram ambas as situações como as responsáveis pela derrota brasileira na Copa de 1978, indo muito além do suposto acordo entre Argentina e Peru.

REFERENCIAS

AGOSTINHO, Gilberto. Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

BARTHOLO, Tiago Lisboa; SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. Movimento, Porto Alegre, vol. 10, nº 3, p. 113-130, setembro-dezembro de 2004.

BULAMARQUI, Luiz Guilherme. A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). 377 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CABO, Alvaro Vincente G. Truppel P. do. Imagens nacionais: representações do campeonato mundial de 1978 em veículos da imprensa do Brasil e Argentina. 234 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciência, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot Chaim. A bola e o chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). Recorde: Revista de História do Esporte. vol. 3, nº 1, p. 1-22, junho de 2010.

D’AMARAL MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque. Futebol e Ditadura Militar: A Elaboração Dos Projetos Políticos Para o Futebol Brasileiro 1966-1971. 173 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

DIAS, Gustavo M. Política e futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina. 2015. 54 f. Monografia (graduação) – Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12362/1/2015_GustavoMonteiroDias.pdf> Acesso em: Julho de 2019.

FICO, Carlos. Como eles agiam; os subterrâneos da ditadura militar; espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FILHO, Pio Penna. Os arquivos do Centro de Informações do Exterior (CIEX). O elo perdido da repressão. Acervo, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 2, p. 79-82, julho-dezembro de 2008.

FRAGA, Rosendo. A Experiencia Histórica no Brasil e na Argentina de 1966 a 1983: Começo da Convergência. IN: LLADÓS, José Maria; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Perspectivas Brasil e Argentina. Brasília: IPRI FUNAG, vol. 1, 2000.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 293-350, julho/dezembro de 2010.

GOTTA, Ricardo. Fuimos Campeones – La dictadura, El Mundial 78 y misterio del 6 a 0. 1. ed. Buenos Aires: Edhasa, 2008. p. 312.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, v. 1, 2009. p. 272

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Uma efeméride esportiva em questão: 50 anos da Copa de 1970 (parte 1). Ludopédio, São Paulo, v. 130, n. 15, 2020.

JÚNIOR, Miguel Archanjo de Freitas. Plano Paulo machado de carvalho: um projeto modernizador ou uma tentativa de civilizar os jogadores brasileiros? Recorde: Revista de História do Esporte, vol. 7, nº 1, p 1-33, janeiro-junho de 2014.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas. IN. PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111 – 153.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 238 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. 1964 História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

PIRES, Breiler. A seleção que “presenteou” a ditadura com uma taça. *El Pais*, São Paulo, JUN. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html>>. Acesso em: agosto de 2021.

RÉMOND, René. Uma história política. In: _____. *Por uma história Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: EDITORA FGV, 2003. p. 13 – 37.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A Memória da Copa de 70: Esquecimentos e Lembranças do Futebol na Construção de Identidade Nacional*. Campinas: Editora Autores Associados, 2009.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. *Onde a Arena vai mal, um time no nacional: a criação do Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971*. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2015. p. 2016.

SARAIVA, Miriam Gomes. *Encontros e Desencontros: o lugar da Argentina na política externa brasileira*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012. (Coleção Relações Internacionais. Série Parcerias Estratégicas brasileiras.).

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC FGV, 2006.

SILVA, Álvaro Vicente Costa. *A busca pela sobriedade: o processo de aproximação bilateral entre Brasil e Argentina (1974 – 1985)*. 2019. 206f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Centro de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, Rio de Janeiro, RJ.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 439.

SOUZA, D. A. *O Brasil entra em campo – Construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947)*. 1. ed. São Paulo: ANNABLUME EDITORA, 2008.

SPEKTOR, Matias. *Ruptura e legado: o colapso da Cordialidade Oficial e a construção da parceria entre o Brasil e a Argentina (1967 – 1979)*. 2002. 166f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Departamento de Relações Internacionais, Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais, UnB, Brasília, DF. Disponível em:

<<http://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/10-dissertacoes/697-ruptura-e-legado-o-colapso-da-cordialidade-oficial-e-a-construcao-da-parceria-entre-o-brasil-e-a-argentina-1967-1979>>. Acesso em: outubro de 2020.

_____. Origens e direções do Pragmatismo Ecumênico e Responsável (1974 – 1979). Rev. Bra. Polít. Int. vol. 47, nº2 – jul-dez, 2004 – pp 191-222. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003473292004000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: outubro de 2020.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. Aqui sangraram pelos nossos pés: futebol, política e identidade nacional na Ditadura militar (1974-1985). 244 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. A Experiência Histórica do Brasil e da Argentina Contemporâneos: Autoritarismo e Desenvolvimento (1964-1985). IN: LLADÓS, José Maria; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Perspectivas Brasil e Argentina. Brasília: IPRI FUNAG, vol. 1, 2000.

PERIÓDICOS

Jornal do Brasil: 19 de fev. a 21 de mar. de 1977, n. 314 a n. 342.

_____. 09 de jul. a 16 de jul. de 1977, n. 92 a n. 99.

_____. 03 de jun. a 29 de jun. de 1978, n. 56 a n. 82.

O Globo: 04 de jul. a 09 de jul. de 1974.

_____. 18 de fev. a 21 de mar. de 1977.

_____. 09 de jul. a 15 de jul. de 1977.

_____. 03 de jun. a 27 de jun. de 1978.

FUNDO MEMÓRIAS REVELADAS

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Centro de Informações do Exterior. CIEEx nº 011/78, Informe, Difusão: SNI/AC CIE 2º. Sec./ EME 2º. Sec. /EMAER CENIMAR 2º.Sec. /EME CISA Ch Gb AC/SNI, em 25 de abril de 1978. (Secreto). Índice: Copa do Mundo na Argentina. Boicote na França. p. 8-9. br_dfanbsb_ie_0_0_0016_d0012de0016.

FUNDO – SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA BIBLIOTA NACIONAL – SIAN

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Divisão de Segurança e Informações. Informe nº - DSI/1628, Difusão: SNI/AC, em 05 de mai. de 1978. Assunto: Argentina. Campanha de asilados de boicote à Copa do Mundo. p. 27 e 28. br_dfanbsb_z4_rex_ips_0551_d0001de0001.

TELEGRAMAS – EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES/MRE

EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa. Argentina/Peru, em 26 de mai. de 1978. (Ostensivo). Exílio de personalidades peruanas. p. 46. F103.

EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa. Argentina Peru, em 01 de jun. de 1978. (Ostensivo). Concessão de asilo a 11 cidadãos peruanos. p. 119. F103.

EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa/Esportes. Argentina/Brasil, em 8 de mai. de 1978. (Ostensivo – Urgente). Campanha dos “Montoneros” contra a Argentina no Brasil. Copa do Mundo de 1978. p. 434. F4202.

EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES. Telegrama. Política Externa/Segurança. Argentina/França, em 06 de abr. de 1978 (Ostensivo). Assunto: Declarações do Embaixador em Paris sobre as campanhas Anti-Argentinas. p. 72.